

Peças do Destino: A Jornada do Rei

Rodrigo Kravlaar

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

Peças do Destino

A Jornada do Rei

Rodrigo Kravlaar

Direitos autorais © 2021 Rodrigo Kravlaar

Todos os direitos reservados

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito da editora.

ISBN-13: 9781234567890

ISBN-10 1477123456

Design da capa por: Pintor de arte

Número de controle da Biblioteca do Congresso: 2018675309

Impresso nos Estados Unidos da América

À Ana, por tornar tudo isso possível

"Não vale a pena viver sonhando e se esquecer de viver"

Albus Dumbledore

Índice

[Página do título](#)

[Direitos autorais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Livros dessa série](#)

[Livros deste autor](#)

Capítulo I

A profecia

“Há muito tempo. Antes dos Reis e Rainhas que governam o mundo. Antes de grandiosos reinos adornados de ouro e prata, recheados de grande riqueza e habitados por nobres, artistas e poetas. Em um tempo em que o mundo era repleto de sombras e sofrimento, completamente tomado pelas trevas, um único homem mudou o curso da história, Baldek, O Ferreiro.

Baldek era um homem nobre e orgulhoso, forte e valente. Seu altruísmo só se equiparava à sua humildade, e sua noção de honra só era superada por seus ideais de justiça e lealdade. Uma exceção necessária em um mundo de caos.

Foi na encosta da Montanha Incandescente, onde o fogo arde eternamente, que o poderoso ferreiro, buscando material para suas criações, encontrou algo que nunca vira antes, um metal brilhante como o céu e frio como a noite. Ele ficou encantado com a leveza e

a delicadeza da substância, mas, acima de tudo, o ferreiro admirou-se por sua beleza incomparável.

Tocado pelo esplendor diante de seus olhos, o ferreiro decidiu trabalhar o material maravilhoso. Tomado por uma onda de determinação, que Baldek não conseguia ignorar, ele cavou, com as próprias mãos, na rocha da montanha. O fogo que jorrava das paredes da cordilheira abrasada ardia em sua pele e ele podia sentir o cheiro de sangue e carne queimada invadir suas narinas.

Assim ele cavou. Com todas as forças ele cavou. Até a pele abandonar os ossos de suas mãos, o ferreiro cavou. E, ao fim, depois do trabalho extenuante, as duras penas do esforço ofereceram-lhe sua recompensa.

O ferreiro se maravilhou com o contraste magnífico que o gélido do metal formava com o cáldo da montanha e, satisfeito com o enorme pedaço do material que havia conseguido, retornou à sua oficina para forjar algo belo, digno do esplendor daquela substância.

Naquela noite, os ventos do destino sopraram na choupana de Baldek e, em seus sonhos, ele foi iluminado com uma visão que mudaria o mundo para sempre. O devaneio noturno havia lhe revelado qual deveria ser a forma de sua manufatura.

E assim o ferreiro trabalhou.

Por dez dias e dez noites, ele bateu sua bigorna sem descanso, sem cessar por um segundo. Por dez dias, o estampido agudo do martelo pesado no ferro fundido ecoou pela oficina. Por dez noites, o suor gelado escorreu por seu corpo e a fuligem de sua obra se misturou à sua pele. Por dez dias e dez noites Baldek trabalhou e, na manhã gloriosa do décimo primeiro dia, ele regozijou sua maior criação.

Uma obra que mudaria o mundo.

Com a ferramenta lendária em mãos, Baldek dedicou toda a sua vida a livrar o mundo do mal e da injustiça. Em seu leito de morte, sem herdeiros ou família, ele deixou instruções para que sua criação fosse colocada em um lugar onde apenas aquele que fosse digno

pudesse usá-la novamente.

E assim o mundo foi lançado novamente às trevas. Os conflitos e a fome tomaram todos os cantos e a sombra da violência reinou em todos os lugares. Com a morte do ferreiro, a tirania havia vencido e os soberanos das guerras tomaram o mundo.

Desde então, a herança de Baldek aguarda em silêncio a chegada daquele destinado a livrar o mundo do mal. Aquele destinado a empunhar o objeto lendário”.

– Essa é a profecia?! – questionou o rei.

– Não! – respondeu Finn irritado enquanto enrolava um longo e antigo pergaminho. O irmão do patriarca se esforçava pra esconder o tom exacerbado quando se dirigia ao governante do reino. – Essa é a lenda que conta a história necessária para entender a profecia.

– É boba – dispensou o patriarca.

– É uma lenda, Arwin!

– É muito longa – ele deu de ombros e se ajeitou no trono.

– Ela é necessária para entender... – repetiu Finn revirando os olhos. Ao perceber o desinteresse de seu irmão, ele desistiu de seu argumento e apontou para um dos homens à sua frente. – Você, velho! Conte ao rei o que você me contou. Conte a ele sobre a profecia!

Um dos sacerdotes deu um passo à frente. O homem tinha uma idade muito avançada e caminhava com dificuldade, os cabelos grisalhos eram escassos e meio sujos em alguns lugares, a barba desgrenhada era muito longa e quase tocava o chão. Usava apenas uma túnica – amarrada na altura da cintura por uma grossa corda de um tom âmbar –, que carregava todas as marcas dos intensos anos de uso, o tecido era de um tom desbotado de carmesim, tão opaco que absorvia toda a luz que o tocava. Enfileirados atrás dele, outra meia dúzia de sacerdotes usava túnicas de padrão semelhante, as diferenças estavam não apenas nos capuzes que cobriam completamente os seus rostos, mas também no fato de que nenhum

deles parecia ter vivido tempo o suficiente para que suas vestes pudessem equiparar os desgastes das roupas do ancião.

– Seis jovens videntes... – começou o sacerdote.

– Espere! – interrompeu Finn, que se virou para o rei e disse de forma importante. – Meu Senhor, Vossa Graça não acha que seria melhor pedir aos vassalos que deixem o salão antes de ouvir a profecia?

– Eu confiaria minha vida a todos neste salão! – retorquiu Arwin gravemente, virando-se novamente para o ancião. – Continue.

– As videntes profetizaram que o herdeiro de Baldek seria revelado no décimo aniversário do fim de uma grande guerra – disse o sacerdote ainda encarando os próprios pés.

“No décimo aniversário do fim de uma grande contenda, o filho de um rei, nascido no Norte, terá o poder de empunhar a arma definitiva e trazer luz e prosperidade a todos os povos.

O rei nascido no Norte terá o poder de trazer paz a toda Galabor”.

– Só isso? – questionou o patriarca.

– Você não disse que era muito longa?! – retrucou Finn impaciente.

Até mesmo os sacerdotes suspiraram sob os capuzes quando ouviram as palavras do irmão do rei.

– Ah, tem razão! – a gargalhada jovial de Arwin dissolveu a tensão no ar. Ele se virou para os demais no salão. – Então, o que acham?

– É longa, definitivamente. Eu acho que uma criança retardada poderia escrever algo melhor – respondeu Alma. Ele não estava muito interessado. – Faltou um pouco de ação e, talvez, umas putas.

Finn olhou incrédulo para o rapaz enquanto o rei ria baixinho.

– Meu Senhor, eu acho que, se escolhermos bem uma das amas da corte, ela poderia contar uma história um pouco melhor do que essa

– sugeriu Fergus com seriedade. Sua voz profunda fazia qualquer assunto parecer muito sério. Ele se dirigiu ao homem da profecia. – Conte-me, ancião, como podemos saber se essa profecia é verdadeira? Como podemos confiar em suas palavras?

O sacerdote levantou a cabeça apenas o suficiente para olhar para Finn, requisitando permissão para falar. O jovem príncipe pressionou os lábios e deu sua anuência com um gesto quase imperceptível de cabeça.

– Meu Senhor... – recomeçou o ancião. A voz rouca ficava mais fraca a todo instante, e as palavras já encontravam resistência para deixar a garganta do homem. – A profecia foi revelada por seis jovens videntes diferentes, todas puras e intocadas. Além disso, as revelações nem sempre são completamente claras, e são necessárias muitas luas de estudo para que a interpretação seja feita da forma correta. Sem erros... Senhor...

– De onde elas vêm? – pressionou Fergus. – Nós podemos falar com essas videntes?

– Meu Senhor, isso é impossível. Nenhum homem pode tocar e nem mesmo repousar os olhos nas videntes ou elas perderiam completamente seus poderes.

– Nem um dedinho? – indagou Alma. – Nem olhar? Que vida difícil!

– E como vocês conseguem ter contato com elas então? – continuou Fergus sem dar atenção aos gracejos do jovem soldado. – Como podemos saber se vocês dizem a verdade? Nós podemos confiar em vocês?

O ancião parecia tentar reunir o último ar que respiraria na terra para responder às indagações, mas Finn interferiu.

– Basta! – a intervenção indignada reverberou nas paredes do salão. – Estes são homens sagrados! Eles foram escolhidos pelos deuses para receber as fortunas sobre o destino da nossa terra!

As palavras do irmão do rei balançaram pelo ar por um longo período. Todos ali sentiam-se muito tensos. Homens sagrados eram

incomuns por aquelas bandas e, mesmo que o rei e a Coroa não dessem muita atenção a presságios tolos, profecias insanas e crenças infundadas, Finn insistiu que seu irmão lhe desse algum crédito e ouvisse o que os sacerdotes tinham a dizer.

Rhaella limpou a garganta baixinho.

– São notícias alvissareiras, Meu Rei – disse a rainha. – A profecia falava de um grande rei do Norte, e esse rei só pode ser você, Meu Senhor.

Todos olharam para ela e, mais uma vez, a quietude se agarrava àquelas palavras.

– Eu creio que a rainha tenha razão, meu irmão – concordou Finn. – São ótimas notícias. Sobre um grande rei. Esse rei é você! Nós temos a chance de trazer luz para esse mundo. Acabar com a fome e a miséria, restabelecer a ordem e destruir todo o mal do reino. Você, meu irmão, teria o poder de banhar-nos com sua aura bondade e justiça e espalhá-la aos quatro ventos.

O jovem rei olhou intensamente à sua volta e todos os olhos expectantes aguardavam seu veredito. Ele se levantou de seu trono e andou lentamente até o enorme vitral à sua direita. Todos se levantaram e ali permaneceram.

O salão principal da corte do rei era geralmente apinhado de gente. Pessoas de todos os tipos que vinham de todas as partes para resolver todo o tipo de situação. Elas vinham até os salões reais para solucionar as mais diversas pendências, oferecer uma variedade de serviços, pagar impostos e, principalmente, receber a justiça ou a benção do patriarca.

Mas hoje tudo era diferente.

Há duas luas, o irmão do rei havia informado sobre uma profecia. A predição era baseada em uma antiga lenda, que Finn acreditava se tratar de sua casa, de seu irmão, logo seria de grande interesse para a Coroa que Arwin ouvisse aquela prece.

O salão, agora quase vazio, era muito amplo, com a altura de pelo

menos vinte homens. O chão de pedra gelado era adornado pelo centro por um longo tapete carmesim que suavizava o caminho entre as gigantescas portas de mogno até as escadinhas que levavam aos tronos do rei e da rainha. O assento elevado do rei era uma cadeira grandiosa, feita de ouro maciço e adornado à perfeição com pedras preciosas. O trono da rainha, embora muito menor, partilhava da mesma nobreza, mas a decoração era muito mais sutil e delicada. Ao lado direito do trono do rei, havia uma cadeira reservada ao seu conselheiro pessoal, seu irmão Finn. E a rainha havia permitido a mesma regalia à sua irmã, Enid, que se sentava à sua esquerda. Atrás dos tronos, várias portas levavam a muitos lugares. Em dias normais, elas seriam guardadas por soldados armados, mas hoje era diferente. As paredes do lugar eram construídas com pesadas pedras pretas – todo o castelo era construído nesses moldes –, e o ambiente contava com apenas duas janelas, dois enormes vitrais incorporados posteriormente à vasta câmara. Sua arquitetura original não trazia janelas, pois os reis do passado não gostavam de se sentir vulneráveis, mas aquilo era sufocante para Arwin, e seu primeiro ato oficial como rei foi fazer modificações em sua morada. Todo o salão era bem iluminado, apesar da escassez de aberturas. Grandes candelabros de chão se alinhavam dos dois lados do ambiente e dividiam os espaços, alternadamente, com três enormes piras de cada lado, que estavam sempre queimando forte.

Sem as centenas de súditos, nobres e viajantes que se aglomeravam ali para pedir o conselho do rei, o lugar parecia um ermo desolado. O corredor aveludado que levava às escadinhas dos tronos era extenso demais para ser percorrido. No fim do caminho estava a rainha, de pé em frente ao seu trono, ela observava seu rei, a admiração enchendo seus olhos, e aguardava seu veredito.

Arwin ficou ali, imóvel – como uma estátua – por um longo tempo. Ele esquadrihava pensativo cada detalhe do horizonte e se perguntava que tipo de rei queria ser.

Depois do que pareceram horas do mais denso silêncio, o patriarca se virou em um movimento fluido e encontrou sua rainha o encarando. Ela lhe sorriu com os olhos e a expressão de Arwin suavizou. Ele andou seus passos largos até o trono e se acomodou

novamente.

– Conte-me mais a respeito da profecia – demandou o rei ao ancião.

O sacerdote fez uma nova reverência e respirou fundo – a respiração do homem era perturbadora, o ar raspava expirante em sua garganta.

– Meu Senhor, a profecia conta que, no décimo ano do fim da guerra, o filho de um rei, nascido no Norte, deve fazer uma jornada solitária até as florestas do Sul e reivindicar a arma de Baldek – o sacerdote fez uma pausa tossindo convulsivamente, como se seus pulmões quisessem escapar do peito. – Aquele que empunhar a arma lendária terá o poder de governar com paz e prosperidade até o fim de seus dias.

– Quais florestas? – questionou o patriarca inclinando-se sobre um joelho.

– A profecia não fala sobre um lugar específico, Meu Senhor, mas nós acreditamos que a profecia esteja falando da grande floresta de Vrendil.

Todos suspiraram em uníssono.

– É melhor fazer um nó, enrolar no pescoço e se pendurar em uma árvore de uma vez – disparou Alma descrente.

– Que tipo de jogada é essa? – questionou Fergus indignado. – Que tipo de esquema está tramando, velho?

– Fergus, acalme-se! – interveio Arwin.

– Meu Senhor... – Fergus colocou o punho fechado sobre o peito e curvou a cabeça. – Esse homem está louco. Ninguém se aventura naquelas florestas, ainda mais sozinho. Esse homem está senil, olhe para ele, ele está doente.

A tosse descontrolada do ancião açoitava as paredes enquanto ele tentava conter seus modos sob o escrutínio real.

– Nós podemos perguntar aos outros – ponderou Finn.

– Claro, por que não montamos uma banda de loucos? – debochou Alma.

Finn lançou um olhar feroz para o rapaz, mas não cedeu às provocações.

– Ou talvez nós devêssemos procurar mais uns velhos pelas ruas e deixar a história um pouco mais rica – Alma continuava a zombar. – Mas temos que nos certificar de que eles estão tossindo do jeito certo, eu tenho certeza que um bom sacerdote deve tossir o sangue no tom certo de vermelho.

O rei carregava no rosto uma expressão de puro divertimento, ele não conseguia deixar de sorrir quando Alma estava por perto e teve que disfarçar o riso quando percebeu o semblante furioso de seu irmão que o encarava.

O jovem rei limpou a garganta e se ajeitou no trono

– E você acha que essa profecia fala de mim? – a pergunta carregou todo o interesse que Arwin conseguiu reunir em palavras.

– Sim, Vossa Graça! – respondeu o sacerdote quando conseguiu juntar forças para controlar a tosse virulenta. – Está claro para nós que a profecia fala sobre um rei que precisa de ajuda para governar.

– COMO SE ATREVE?! – vociferou Finn, avançando sobre o velho. – Como ousa falar com o rei dessa maneira?!

– Finn! – interrompeu Arwin. – Deixe o homem terminar!

Contrariado, o irmão do rei deu um passo para trás e curvou a cabeça.

– Continue! – pediu o patriarca.

– Desculpe, Vossa Graça – disse o sacerdote com a voz trêmula. A tosse violenta ainda parecia se debater no fundo de sua garganta. – Assim foi interpretada a profecia. Uma arma para dominar as dificuldades de governar de um rei nobre e de alma pura.

– Muito bem! – declarou o rei.

O jovem rei se levantou e todos repetiram o gesto. Ele deu a volta no trono, andou até uma das portas atrás das cadeiras reais e segurou o grosso puxador de metal. Arwin escondia a dúvida em seus olhos, mas o comando na voz era firme.

– Vocês podem se retirar.

Ele puxou a porta com força e sumiu pelos corredores do castelo.

Capítulo II

As vozes da corte

Os boatos corriam à boca pequena como uma corte deveria ser.

– Arwin não me pareceu muito interessado na profecia – disse Enid casualmente enquanto escovava os longos e brilhosos cabelos de Rhaella. – Ele nunca me pareceu do tipo supersticioso.

A rainha ergueu a mão e segurou a irmã mais velha pelo braço que lhe escovava os cabelos.

– Você deve se referir ao meu marido, e seu Rei, pelo devido título ou como Vossa Graça! Quantas vezes eu tenho que lhe dizer?! – instruiu a rainha irritada.

Enid recolheu as mãos e as apertou contra seu corpo, como se fizesse uma prece. Ela abaixou a cabeça de forma suplicante como uma garotinha arteira pega no ato de sua transgressão.

– Desculpe-me, Vossa Graça – a voz fraquinha saiu meio embargada. – Não irá se repetir, Majestade.

– Não comigo, sua boba! – explicou Rhaella com um sorriso terno no rosto. – Com Arwin!

Rhaella e Enid eram muito parecidas e ao mesmo tempo

completamente diferentes. As duas ostentavam em suas cabeças longas madeixas de um negro tão brilhoso e suave quanto uma seda bem tecida. Partilhavam os mesmos olhos esmeralda, grandes e ardentes. As maçãs do rosto eram dignas da realeza, altas e bem coradas, protuberantes na medida certa. O queixinho delicado que lhes adornava o rosto e os longos cílios muito bem delineados completavam o aspecto gracioso, como duas bonequinhas de porcelana confeccionadas com muito amor e esmero.

Mas Enid carregava no corpo as marcas de um terrível acidente. A beleza e a delicadeza de seu rosto e mãos contrastavam de um modo perturbador com as marcas em seus braços, costas e pernas. A pele meio derretida pelas chamas do incêndio – que lhe privaria do pai e da mãe – havia mudado não só seu corpo, mas tocou-lhe fundo em algum lugar da alma.

E era ali que as semelhanças entre elas terminavam.

No auge de seus vinte e dois invernos, Rhaella era quatro outonos mais jovem do que a irmã, mas cuidava de Enid como se fosse uma filha. A mais velha, por outro lado, travou uma batalha desesperada contra os ferimentos do seu incidente fortuito, e sua força e garra trouxeram à tona o forte instinto maternal que a rainha agora nutria por ela.

Rhaella era uma mulher ativa e eloquente, enquanto Enid era tímida e comedida. A rainha era literata e de fortes opiniões, defendia suas ideias de forma clara e objetiva; já sua irmã era uma ótima ouvinte e tinha uma mente linda, feita para viajar pelo espaço sem sair do lugar. Rhaella era pragmática e confiante, ela conseguia com que suas vontades fossem atendidas sem precisar exigir nada, o exato oposto de como se comportaria um rei.

As marcas brutais do passado de Enid que se espalhavam por todo o seu corpo a faziam estar sempre coberta dos ombros aos pés, só o rostinho delicado e as mãos de porcelana ficavam à mostra – mesmo agora ela trajava um vestido espartilhado, muito apertado que parecia tentar estrangular cada espaço que pudesse proporcionar algum conforto à moça. A rainha, por outro lado, usava um vestido bem estilizado, feito para suas curvas, e gozava de um vasto arsenal de lindas túnicas rodadas, uma imensidão

multicolorida – que ela desfilava sem nenhum pudor –, um mundaréu de panos desenhados em todos os tipos de corte, desde golas altas e justas, desenhadas à perfeição para os salões de gala recheados de nobres, até lindos rodados de cores quentes que combinavam magnificamente com as tardes de verão.

– Arwin... digo... o rei não parece muito interessado em profecias – recomeçou Enid baixinho. – Ele nunca pareceu muito ligado em nada relacionado a premonições ou destino.

Rhaella se levantou e andou até a mesinha encostada na parede oposta. Aquele quatinho – da mesma pedra preta do resto do castelo e a mesma porta de mogno pesada – era onde as duas irmãs geralmente se encontravam para ter uma conversa um pouco mais franca e sem interrupções. As grossas paredes e a porta densa tornavam praticamente impossíveis as espiadelas naquele lugar. A maior parte do castelo era muito gelada, como se um inverno eterno se recusasse a deixá-lo, e por isso o fogo ardia alto na lareira do outro lado do pequeno ateliê. A mesinha encostada na parede era onde a rainha gastava a maior parte de seu tempo, estudando, desenhando ou escrevendo – ela tinha um forte tino para a poesia e a arte, mas adorava a política e as teorias dos jogos de poder. Ali, sobre a mesa, uma pilha de livros, tinteiros e penas de escrita dividiam espaço com um jarro grande, um par de taças e, no cantinho, um cesto de belas frutas recém-colhidas. O tapete bordô, de um veludo muito macio, era essencial para o toque delicado dos pezinhos das irmãs. A luz fraquinha do lugar dava ares de aconchego e proximidade, cenário perfeito para as irmãs confidenciarem mutuamente seus pensamentos.

Ainda de costas, a rainha estendeu a mão e serviu duas taças de vinho. Ela derramou generosamente o líquido escarlate – as taças eram de uma prata brilhante, as pedrinhas arredondadas que adornavam as peças cintilavam suavemente sob a luz dançante das chamas da lareira –, virou-se e caminhou até a irmã em passos lentos, como se flutuasse. Rhaella sempre promovia uma ação exuberante contra os efeitos da gravidade. Ela entregou uma taça à sua confidente e respondeu, finalmente.

– Arwin é um grande homem e um grande rei. Ele tem um coração nobre e bem intencionado.

A rainha fez uma pausa e estendeu a mão até a base da taça de Enid, a qual empurrou suavemente em direção à boca da irmã. Quando os lábios de Enid se encontraram com a taça, Rhaella levou o cálice até seus próprios lábios e as duas deram um longo gole, os olhos se encontrando no meio.

Rhaella viu sua irmã suspirar um riso fraquinho e corar de leve, e continuou.

– Ele é um grande homem. Ser rei exige muitas responsabilidades. Todos os dias ele tem que tomar decisões difíceis – ela começou a caminhar lentamente pelo pouco espaço que o quartinho proporcionava. – E só os deuses sabem como Arwin gosta de andar por caminhos tortuosos. Ele prefere fazer o que é certo em vez de escolher o caminho mais fácil, e nem sempre o que é certo para uns é certo para todos.

Enid observou a irmã passear pelo quarto com admiração, a silhueta da rainha parecia dançar apenas para seus olhos, gravando seu contorno de chamas profundamente em sua retina.

– Ele parece ter dúvidas – a voz de Enid era meio trêmula e ela se sentia um pouco tonta.

A rainha andou até ela novamente e repetiu o gesto, levando suavemente a taça até os lábios da irmã, e a observou beber profusamente.

– Arwin é um homem determinado e, como eu disse, de boas intenções. Ele se preocupa muito com a opinião de seu povo – um sorrisinho se formou em seu rosto. Enid não entendia muito bem por que a irmã estava sorrindo. – Claro que um rei deve se preocupar com a opinião de seu povo. O povo é o alicerce de todo o reino.

Rhaella andou mais um pouco pelo quarto, parou ao lado de sua mesinha e pousou a mão em uma pilha particularmente alta de livros.

– Mas nem todo o povo...

Os olhos de Enid estavam turvos, mas ela se sentia bem, a sensação em seu corpo era boa. Ela deu uma risadinha e se sentou no banquinho em que Rhaella estava antes para ter os cabelos escovados.

– Todo o povo... – seu cérebro se recusava a cooperar. – É importante...

Seus olhos devem tê-la traído, Enid podia jurar ter visto um largo sorriso no rosto da irmã por uma fração de segundo. A rainha se aproximou e pegou a taça que ela segurava por entre os dedos vacilantes. Rhaella flutuou graciosamente pelo quartinho mais uma vez, colocou a taça sobre a mesa e derramou mais um pouco de vinho no cálice de Enid. Andou novamente até a irmã e entregou-lhe a taça, que derramou um pouquinho de bebida pelas bordas.

– Vamos, beba... – suspirou a rainha no ouvido de sua confidente. – Você vai se sentir melhor.

Enid sorriu fraquinho.

– Você acha que a profecia realmente falava sobre ele? – a voz era meio embaraçada.

Rhaella se afastou e lhe deu as costas.

– Profecias são interpretadas de muitas formas – o tom em sua voz era pouco mais sério. – Elas sempre falam sobre alguém importante, alguém que pode fazer a diferença no mundo. As profecias são... interessantes.

– Ele parece ter muitas dúvidas – soluçou Enid.

– Dúvidas são normais. Todos temos dúvidas.

– Mas ele é um rei. Reis não deveriam ter dúvidas.

Rhaella virou-se para a irmã e sorriu.

– É preciso ter dúvidas para encontrar respostas, irmãzinha.

As palavras da rainha deixavam Enid admirada. Sua irmã sabia

tanto, era tão inteligente.

– Ele não pode simplesmente sucumbir às dúvidas e aos rumores. Um rei precisa confiar no próprio discernimento e cercar-se de bons conselhos – continuou a rainha.

Os olhos de Enid perdiam o foco.

– Que rumores?! – perguntou a moça alarmada.

– Muitos rumores sobre os povos do Sul não estarem satisfeitos com seu rei – a resposta veio em um tom tão casual quanto antes. – Alguns reinos parecem não gostar muito de suas propostas de paz, e os camponeses... bem, os camponeses estão sempre se queixando de algo, afinal eles são camponeses, a única coisa que lhes resta na vida é reclamar.

A rainha fez uma pausa e andou até a irmã. Agachou-se à sua frente, encarando-a nos olhos de baixo para cima, e repousou uma mão afagante em seu rostinho delicado. Enid sentiu o vinho subir-lhe à cabeça e seu rosto esquentar.

– Mas são apenas rumores, meu amor. Fofocas e nada mais – assegurou Rhaella com uma voz doce. – Um rei está muito acima disso tudo, não se preocupe. A última coisa que um rei tão amado quanto Arwin precisa é preocupar-se com uma revolta de uma minoria esfomeada.

Enid tentou sorrir, mas os músculos de seu rosto estavam duros como se ela tivesse envelhecido mil anos no último segundo.

– Uma revolta?! – seus olhos agora vermelhos se enchiam de lágrimas.

– São apenas rumores, minha amada irmã – reafirmou a rainha. O afago que fazia no rosto de Enid era mais firme, deixando suas bochechas brancas onde os dedos lhe tocavam. – Não deixe que essas picuinhas afetem o seu sono.

Rhaella ergueu a outra mão e segurou o rosto da irmã bem firme. Ela lhe apertou nas bochechas e sorriu de um jeito que Enid nunca tinha visto. Talvez o vinho estivesse pregando peças em sua mente.

– Tudo está sob o mais perfeito controle. Não se preocupe com nada
– a rainha se levantou e olhou para a irmã. – Agora vá! Peça às criadas que preparem um banho quente.

Enid olhou para o chão e respirou fundo, o ateliê girava sob seus pés. Ela hesitou mais um momento, suspirou e criou coragem para se levantar. Suas pernas estavam moles, ela cambaleou até a porta e colocou a mão no grosso puxador circular de ferro fundido.

– Enid?! – chamou a rainha em um sussurro audível.

– Sim?! – Enid não teve coragem de se virar, ela tinha medo de que o movimento fosse demais para seu cérebro controlar os músculos.

– Não se preocupe com nada – Rhaella afirmou de forma materna. – Eu vou sempre cuidar de você.

A moça não conseguia formar uma linha clara de pensamentos. Ela olhou a irmã ali parada, confiante como sempre e com uma expressão suave no rosto.

– Obrigada... – foi tudo o que Enid conseguiu dizer com a voz enrolada. Ela olhou com determinação para o puxador e respirou fundo. A porta se abriu com um rangido baixinho e fechou-se com um baque surdo.

Rhaella flutuou até a mesinha, pegou seu cálice de vinho e esvaziou no fogo seu conteúdo intocado. Sentou-se na cadeira em frente à sua mesa, suspirou suavemente e retornou aos estudos.

Capítulo III

Quanto vale uma alma

A lua minguante brilhava tímida por entre as nuvens.

O campo de treinamento de Miramir era um pátio amplo, feito de

terra batida, um longo átrio de lados iguais que se expandia entre os prédios que se projetavam por todos os lados. As grandes muralhas, construídas de gigantescas pedras do mesmo negro fosco do castelo, serpenteavam sumindo da vista em volta da cidadela. Os barracões da Guarda Real eram separados da corte por um enorme portal guarnecido por dois rastrilhos colossais, um de frente para o outro, de forma que um só podia ser aberto por dentro, e o outro, por fora. Um caminho de brita basáltica levava até o extremo oposto, onde ficavam os alojamentos dos novos recrutados da Guarda Real. O prédio repetia a rocha preta do reduto real e era bem alto – cinco andares, sem contar o terraço. Longas varandas de tábuas acinzentadas formavam inúmeros passadiços que davam acesso a cada um dos andares dos dormitórios e janelinhas de madeira pipocavam por toda sua extensão.

Do lado esquerdo ficava o estábulo, um prédio alto de pedra branca, muito longo, com vários corredores adornados com bandeiras, cada uma representando, com suas características particulares, a classe de soldados que poderia entrar ali e solicitar uma montaria. No último corredor, uma bandeira enorme carregava o símbolo real – uma gigantesca pata de urso pardo estampada sobre um fundo preto. À direita, a armaria era vigiada por quatro soldados – dois de cada lado da enorme porta de carvalho silvestre, tão massiva quanto antiga –, e o prédio também carregava a arquitetura peculiar do castelo. No centro, entre a estradinha de pedras e cada um desses prédios formidáveis, os vestíbulos equiláteros de terra, poeira e lama eram onde os treinamentos da Guarda Real aconteciam. Em um canto, próximo aos estábulos, havia vários bonecos feitos de couro e forrados de palha – usados pelos recrutas para treinar golpes de luta corporal –, alguns postes grossos que serviam de obstáculos para a prática de equitação e, no final do caminho, um varão se estendia por uns bons quarenta passos e dava suporte a várias cordas grossas com alvos amarrados nas pontas – aparato para a prática de golpes de lança, técnica a qual a cavalaria executava à exaustão em busca da perfeição. Noutro canto, postes com escudos arredondados de madeira atados por todos os lados para treinamento com lanças e espadas. Em um outro pedaço de chão, no espaçado de terra que se formava entre a estrada e a armaria, vários bonecos de couro dividiam o lugar com alvos e montes de feno, utilizados para os treinos de arquearia.

Aqueles alojamentos velhos eram o lar dos recrutas que se candidatavam para servir à Guarda Real. Uma guarda de honra. Poderosa. Formada de guerreiros de elite que, em vez de treinados, eram forjados em fogo e aço.

Em tempos normais, os candidatos eram selecionados quando rompiam o limiar das dezoito estações de seu nascimento, quando já tinham vivido a expectativa da batalha tempo suficiente para decidirem por si mesmos seus próprios destinos. Mas em um período em que os soldados eram escassos, na época da guerra, muitos dos guerreiros aceitos como candidatos eram mais jovens do que isso – jovens demais –, a maioria deles tinha apenas quatorze ou quinze verões nas costas. Entre eles, estavam Alma e Arwin. Um aspirante à escudeiro e o filho mais novo do rei.

As chamas da guerra queimavam como nunca, os recrutas foram enviados para reforçar as linhas no campo de batalha ao lado do soberano. Para qualquer um no reino seria uma honra servir, lutar, matar – e talvez morrer – por seu suserano.

Mas não para aqueles jovens.

Para muitos deles o destino foi breve e certo. Dos duzentos recrutas graduados naquele dia, apenas os dois amigos viveram para colher os espólios da guerra. Eles cresceram juntos, treinaram juntos e lutaram juntos. Tornaram-se mais próximos que irmãos.

Alma havia passado a maior parte de sua vida em campos de batalha, como refugiado ou como soldado. Seu vilarejo fora saqueado e queimado até o chão, assim como toda a sua família. E apenas a benevolência no coração de um capitão da armada real pôde mudar o seu destino.

Ele não se lembrava muito de sua infância e as únicas recordações que carregava foram oferecidas por seus redentores, por isso mesmo nunca teve muita certeza de quantas primaveras carregava nos ombros e considerava que já devia ter vivido o mesmo tempo que seu melhor amigo. Em meio aos outros jovens que se entregaram à vida de servidão nos exércitos do rei, Alma encontrou o seu lugar. Encontrou uma família. Era ali onde ele se sentia mais seguro. Era onde ele buscava sua calma. Ali, empoleirado nos varões de

carvalho, onde os cavalos eram amarrados, era onde gostava de ir quando precisava pensar.

O jovem soldado era um homem diferente, suas feições delicadas e traços finos provocaram uma enorme confusão no dia de seu nascimento, quando as parteiras, vendo aqueles olhos grandes e cinzentos, tomaram-no por uma menina, e seu pai, embriagado das comemorações da chegada de um novo membro à família, batizou-lhe de Alma. Ele era considerado o homem mais bonito do reino, de um requinte inigualável. Apesar das provocações e zombarias com seu nome, ele pareceu nunca se importar, pelo contrário, orgulhava-se de toda e qualquer herança deixada por sua família, mesmo que as próprias memórias de sua parentela já tivessem se dissolvido há muito tempo em sua mente.

– Arwin parece cada dia mais inquieto – disse Alma preocupado, colocando um longo palito na boca. Ele observava Fergus caminhar altivo de um lado para o outro, suas botas faziam pequenas nuvens de poeira em cada passo pesado que dava.

– Ele é um rei, sempre terá muito com o que se preocupar – respondeu Fergus com sua voz profunda carregada de uma certeza que Alma nunca alcançaria.

Agora capitão da Guarda Real e conselheiro do rei, Fergus foi o soldado que treinou Arwin desde que o príncipe era um garoto, muito antes das aspirações do rapaz à soldado. E quando se tornou capitão e precisou deixar o treinamento do filho do rei sob a responsabilidade de outros membros da guarda, foi ele também o jovem capitão que resgatou Alma de um destino terrível. Ele já não era mais tão jovem e seus bem aparados cabelos grisalhos deixavam isso bem claro. As linhas em volta dos olhos e em sua testa eram as últimas coisas que lhe denunciavam a idade. Seu corpo musculoso, treinado para a guerra, era bem cuidado e, apesar de seu enorme tamanho, era muito ágil e experiente na montaria. O tamanho avantajado e as muitas cicatrizes herdadas da guerra davam-lhe um aspecto intimidador para todos aqueles que se colocavam em seu caminho. Mas não para Arwin, Alma e outros recrutas que passaram por sua tutela – para eles, Fergus era muito mais que um pai.

Para Alma, o seu capitão sempre parecia ter todas as respostas.

– Eu me pergunto se ele tem ouvido os rumores – continuou o jovem soldado.

– Que rumores? – perguntou Fergus em um tom pesado.

O rapaz se mexeu desconfortável em seu poleiro.

– Eu não ouvi nenhum desses rumores – continuou o capitão tranquilamente. – Certamente os espiões e os muitos batedores que nós temos espalhados pelo reino saberiam de algo e o comando do exército seria informado.

Ele fez uma pausa e parou na frente do pupilo.

– Eu saberia! – concluiu gravemente.

O jovem soldado desviou o rosto desconcertado. O olhar penetrante de Fergus sempre o deixava sem jeito.

– Algumas coisas não passam pelo exército – Alma respondeu com uma voz trêmula.

– Do que você está falando, Alma?! – indagou Fergus. – O que você ouviu? Que rumores são esses?

Ele se aproximou do pupilo, que se encolheu com a enorme sombra que cobria completamente a cintilância lunar.

– São fofocas, rumores. Coisas desse tipo... – Alma limpou a garganta para disfarçar a instabilidade que lhe espremia a goela. – As pessoas falam. Você sabe como são os novos recrutas, raramente esse tipo de assunto chega ao alto escalão do exército.

– Alma! – pressionou Fergus. – Quais rumores?!

O rapaz se encolheu ainda mais. Em alguns momentos, quando passava um tempo com Fergus, ele esquecia completamente que estava se dirigindo a um superior na sua linha de comando e agia como se estivesse falando com um pai, que há muito ele havia perdido. E era exatamente por isso que ele sentia um embaraço inerente e ruborizava inevitavelmente quando o capitão o pressionava.

– Eu apenas ouvi – o jovem soldado respondeu de cabeça baixa e uma voz fraca. Ele socava um punho cerrado na palma da outra mão.

Aquela cena amolecia o coração de Fergus e ele se lembrava de quando Alma e Arwin eram crianças, eles pareciam não se esgotar nunca e metiam-se em todo tipo de confusão por causa das ideias estúpidas e impulsivas de Alma.

O comandante suspirou profundamente e colocou uma mão pesada no ombro do rapaz.

– O que você ouviu? – a voz era exasperada. –
Desembucha!

Alma preferiria que o capitão gritasse, aquele tom o enchia de culpa.

– Tá bom, tá bom. Eu ouvi pessoas comentando que o povo não está feliz, que alguns no reino estão descontentes e que algumas tribos do Sul estão insatisfeitas com a forma que Arwin comanda o reino. E que talvez eles se organizem em uma revolta. Que talvez eles estejam planejando isso neste momento – Alma disse tudo isso muito rápido, como se a velocidade de suas palavras amenizassem a gravidade que elas carregavam.

– Isso é um absurdo! – respondeu Fergus indignado, voltando a caminhar pelo chão poeirento. – Se algo desse tipo estivesse acontecendo, nós saberíamos. A Coroa tem espiões espalhados por todos os cantos do reino. Nós saberíamos se algo estivesse errado! Não me parece que nada de incomum anda acontecendo, e os nobres parecem mais felizes do que nunca. Pelo que ouvi Sorim dizer, nós tivemos um recorde nas colheitas desta estação e, em algumas províncias, os animais estão se reproduzindo como jamais haviam feito. Como algo grave assim poderia estar acontecendo? Nós saberíamos se um problema tão sério estivesse avançando sobre nós. Os nobres saberiam. Eu saberia!

Ele interrompeu o discurso meio acalorado e andou de um lado para o outro por um minuto ou mais. Para Alma, poderia ser uma

eternidade.

– Onde você ouviu isso? – perguntou Fergus, finalmente parando para encarar o pupilo outra vez.

O rapaz balançava os pés no ar e cada vez mais ele aparecia para Fergus como uma criança contrariada.

– São apenas rumores, não é algo que tenha uma fonte. Você sabe, um pouco aqui, um pouco ali – respondeu Alma, ruborizando novamente e desviando seu olhar cinzento dos olhos negros do capitão, que pareciam atravessá-lo como magia.

– Se são apenas rumores, eu espero que você não esteja auxiliando no papel de espalhá-los e criar pânico na corte.

O jovem soldado não respondeu. Em silêncio, ele corava profundamente e agora seu rosto havia atingido um novo tom de vermelho enquanto seu corpo se encolhia a cada instante com sua cabeça abaixada.

– Francamente, Alma – a profundidade da voz de Fergus só se equiparava ao tom de desapontamento que a acompanhava. O capitão deu um suspiro aborrecido e continuou. – Bom, eu só espero que Arwin não esteja levando esse tipo de rumor à sério. Ele nunca foi de acreditar muito em coisas que não pudessem ser verificadas por fontes confiáveis, esperemos que ele não resolva começar agora. Não há nada de ruim acontecendo nesse reino, e assim vai continuar enquanto o nosso rei seguir os próprios instintos e tiver a razão do seu lado. Arwin precisa estar com a cabeça no lugar para tomar as decisões certas, com calma e sabedoria, ao invés de mergulhar de braços abertos em um mar de insanidade e seguir lendas infantis e profecias sem sentido.

Alma relaxou um pouco, levantou a cabeça e encarou seu mentor mais uma vez com um olhar inquisitivo.

– Você acha que ele deveria ignorar a profecia? – o questionamento veemente trazia consigo certa urgência. – Os sinais parecem tão claros. Essa pode ser a solução para os problemas do reino.

– Que problemas são esses? Não existem! problemas – respondeu Fergus exaltado.

O rapaz se encolheu mais uma vez.

– Arwin nunca foi aceito como rei! – o jovem soldado reuniu toda a coragem naquele argumento. – Ele era muito jovem, o povo nunca o aceitou. Os nobres nunca o aceitaram.

– De onde você tirou essa ideia de que ele nunca foi aceito como rei?! – retrucou o capitão de prontidão. – Arwin é um rei respeitado e admirado, ele trouxe paz e justiça para o reino! E além do mais, ele é um rei e não precisa ser aceito por ninguém. Ele precisa ser honrado, justo e generoso. E nada mais! Um rei não pode e não deve se preocupar em agradar a todos.

– Mas é exatamente com isso que Arwin se preocupa! Ele quer ser um bom rei!

– Ele é um bom rei! Nem todos ficarão felizes com seu sucesso, e muitos vão querer seu fracasso, mas cabe a um rei saber de suas limitações, reconhecer suas virtudes e defeitos, e Arwin precisa aprender de uma vez por todas que uma dessas limitações é exatamente o fato de que ele nunca será um rei perfeito. Não existem reis perfeitos em um mundo em que existem reis.

O jovem soldado e seu capitão ficaram em silêncio por um bom tempo. Alma pensava naquelas palavras e se perguntava se algum dia seria tão sábio quanto seu mentor, se teria todas as respostas na ponta da língua como ele.

– Bom, mas ele não deveria se tornar um rei como o pai dele – disse Alma baixinho depois de um tempo.

– Basta! – vociferou Fergus. – Arwin é um bom rei! Ele não precisa desse tipo de atitude ao redor dele. Ele precisa de apoio e de bons conselhos. Ele não o escolheu como conselheiro para que você encha a sua cabeça de merda e a cabeça dele de minhocas no processo.

Fergus respirou fundo e tentou dar estabilidade à própria voz.

– Olhe, Alma... – ele fez uma pausa, escolhendo as palavras. – Um rei tem que ter os pés no chão e pensar com a cabeça que repousa sobre seus ombros. E não com cabeças desajustadas que devaneiam insanidades. Ele precisa olhar o mundo à sua volta e lidar com a realidade, e não ficar sonhando e esperando que as soluções para os problemas caiam do céu em forma de uma profecia milagrosa. Os problemas são resolvidos quando encarados de frente, e não criando desculpas como um aleijado.

Aquelas palavras tocaram fundo em algum lugar de Alma. Ele ficou em silêncio, envergonhado de si mesmo. Envergonhado do que aquilo poderia representar para o reino.

Fergus suspirou profundamente e caminhou em direção ao seu pupilo. Sentou-se ao lado do rapaz e o varão se curvou suavemente sob seu peso.

O capitão colocou uma vez mais a mão pesada no ombro do jovem soldado.

– Olha... Nós somos os conselheiros do rei. E é em nosso julgamento que ele mais confia. Nós não podemos gerar mais dúvidas e apreensão na cabeça dele. Nós somos parte dos pilares que sustentam o reino. Um reino só é tão forte quanto seu rei. E o rei só é tão forte quanto aqueles que lhe proporcionam suporte e oferecem-lhe bons conselhos.

Alma levantou a cabeça e sorriu.

– Você é um bom garoto, mas ainda tem muito o que aprender – Fergus sorriu de volta para o rapaz. – Mas não se preocupe, eu vou estar aqui por muito tempo para colocar você e o Arwin no caminho certo.

Ele colocou a mão na nuca de Alma e o puxou em um abraço paterno.

Capítulo IV

O legado

Arwin era rei já se passavam quase dez invernos.

Ferido no calor da batalha, seu pai, o Rei Sinn, convocou seus comandantes e conselheiros para definir o futuro do reino.

“O tempo é escasso e todos aqui serão testemunhas de que, de agora em diante, o próximo na linha de sucessão será Arwin. Ele será um rei capaz e governará com punho de ferro”. Proclamou Sinn, que morreu duas semanas depois sem ter a chance de ver a paz que foi selada pelo recém-nomeado Rei Arwin, O Jovem.

Com apenas quinze verões sobre os ombros, o fardo da coroa parecia demais para ser carregado, e as dúvidas e a desconfiança daqueles que o consideravam indigno – tanto por sua tenra idade quanto pela ilegitimidade da linha sucessória – cresciam copiosamente pelo reino.

Além da desconfiança dos súditos, nobres e conselheiros, o jovem rei lutava ainda contra o legado de seu pai. Sinn fora um rei poderoso, como seu pai antes dele e seu avô antes deste. Eram homens implacáveis, que carregavam uma vontade de ferro. Eles governaram seus reinos sob a ponta do chicote e no fogo da batalha. O antigo rei havia passado a vida travando guerras em busca da dominação total de Galabor. Ele perseguiu todos os povos que considerava inferiores e os dominou em um império de puro horror. Sua expansão só foi interrompida por sua morte prematura, mas não antes que tivesse tomado boa parte da terra – apenas algumas florestas ocidentais haviam escapado de suas garras pelo simples fato de serem muito densas para serem atravessadas por um exército tão vasto que cobria longas extensões de terra.

O incomparável poder militar e o gigantesco império que havia recebido de herança não eram o suficiente para Arwin. Ele queria ser um outro tipo de rei. Um rei justo, em quem seu povo pudesse confiar. Alguém a se admirar. *Um rei de verdade* .

Ele havia decidido dedicar a sua vida a desfazer as maldades do pai

e traçar um novo rumo não só para Miramir, mas para toda a Galabor. Sentia que criar luz onde um dia fora a sombra do reinado de terror de seus antepassados seria impossível, mas a tarefa tinha que ser realizada.

Assim que se tornou rei, Arwin enviou emissários a todos os cantos da terra com propostas para encerrar os conflitos dos povos que ainda resistiam às investidas de seu pai. Alguns nobres e líderes militares desaprovaram a atitude e a consideraram uma decisão de um rei fraco. Para apaziguar as vozes dissonantes, ele resolveu manter as terras conquistadas por seu pai e, a fim de estabelecer sua autoridade, tomou uma última atitude violenta antes de buscar emendas com seu povo. Ele enforcou todos os comandantes de batalhão que eram leais ao antigo rei e deixou seus corpos expostos para mostrar o destino daqueles que se insubordinavam à Coroa.

Certamente aquele gesto causou a impressão desejada naqueles que o achavam jovem ou fraco demais para governar, mas ele sabia que o povo o veria apenas como mais um tirano. A atitude necessária era a pedra que amolava a lâmina das incertezas que cortavam sua mente. Será que ele próprio perderia a cabeça e, quando certa idade o alcançasse, ele se tornaria o mesmo imperador vil e inescrupuloso, sedento por poder, que seu pai? Quanto mais o tempo passava, mais as dúvidas se empilhavam em sua mente e abarrotavam seu crânio.

Nos dias atuais – e desde sua coroação –, Arwin gostava de fugir de todos e se abrigar em uma saleta na torre mais alta da parte oeste do castelo. O quatinho pequeno e apertado era como vários outros dali. A parede preta e a porta densa tornavam o local impermeável, essenciais para que o rei pudesse dispersar toda sua frustração. No canto, atirado ao chão, havia um boneco de couro, forrado de palha e muito surrado, e diversos cortes de espada e marcas de punho espalhavam-se pela figura inerte. Ao seu lado, um enorme barril de cerveja e, à sua frente, um caneco sujo, do qual ainda escorria o líquido amarelado. A única cadeira do lugar estava em pedaços e as marcas brancas, onde ela havia encontrado o paredão repetidamente, pareciam muito recentes.

A enorme janela arqueada daquela torre que riscava os céus fazia do local o lugar favorito de Arwin em todo o castelo. Ele podia observar a imensidão de seu reino – e todo seu esplendor – até onde

a vista alcançava.

A vista era emocionante .

Ele se virou e abaixou cambaleante para pegar seu caneco. O jovem rei tomou o restante do líquido que tinha sobrado no copo e tirou um longo cachimbo do bolso da calça de couro. Arwin se preparava para acendê-lo quando alguém bateu à porta. O rei suspirou profundamente e abaixou a cabeça. Talvez, se ele ficasse bem quietinho, o visitante desistiria e iria embora.

– Arwin, eu sei que você está aí! – Finn batia à porta com força. – Vamos, abra!

O jovem rei franziu o cenho e revirou os olhos. Andou com os passos mais lentos que conseguiu desempenhar e foi ao encontro da porta. Ele esticou a mão para o trinco e hesitou por mais alguns segundos.

– Arwin?! – o convidado indesejado parecia tentar derrubar a porta.

Arwin finalmente levantou o trinco de ferro e abriu a entrada pela maçaneta curvilínea para revelar seu irmão mais velho.

Finn e Arwin não tinham muito em comum.

Arwin nunca quis assumir o trono. Ele havia passado boa parte de sua juventude preparando-se para seguir um rei, e não para ser ele próprio o governante. Ele queria ser um grande comandante, como Fergus era, comandante da elite do exército, líder da Guarda Real. Sua mente se preparara por muitas estações para seguir seu irmão mais velho, assim como Finn havia preparado a própria mente para reinar.

O jovem rei era alto, sua estatura superava com folgas a de muitos dos soldados de sua armada, e fora treinado no pátio, junto aos outros guerreiros que lutavam nas linhas de frente, escudo a escudo. Arwin era um soldado de infantaria. A prática de seu treinamento era para que ele se tornasse um guerreiro de elite, poderoso com a espada, preciso com a lança e imbatível sobre as patas de um corcel de guerra. Sua barba curta era digna de um rei, mas seu cabelo

negro na altura dos olhos desagradava aqueles no Conselho que achavam que o visual lhe dava um ar muito juvenil. Mas era em seus olhos que a chama de um líder queimava, os tons castanhos com pontilhados viçosos que pareciam refletir as luzes do céu noturno. O queixo forte e as feições gentis faziam dele um modelo perfeito para os artistas que gostavam de retratar a altivez dos governantes.

Seu irmão, por outro lado, havia se preparado para ser um general e um estrategista. Ele havia estudado literatura e poesia, as táticas de batalha e todos os aspectos da guerra. Diferente de seu irmão, o príncipe era magro e esguio, quase duas cabeças mais baixo que Arwin, o que não o impedia de ser muito habilidoso com uma espada leve na mão. Mas era sua destreza com um arco e flecha que o destacava dos demais. A barba bem feita e os cabelos loiros quase brancos eram dignos de um príncipe, dignos de um membro da família real. Arwin nunca deixava de notar a incrível semelhança entre seu irmão e seu pai. Era como se um o rei tivesse caído morto e levantado em seguida, décadas mais jovem.

Finn era seis invernos mais velho que Arwin, os dois não tiveram uma infância muito próxima. O príncipe havia passado todo o seu tempo em meio aos eruditos e, talvez por isso, não se lembrava muito de sua mãe – que morrera ao dar à luz ao mais novo. O rei, por sua vez, passou sua infância nos barracões militares.

Finn nunca pareceu se importar com o fato de ser governado por seu irmão mais novo e estava sempre disposto a oferecer-lhe seus conselhos. Ele gostava de lembrar a Arwin que a idade tinha grande influência na experiência de um governante e que mesmo o rei mais sábio deve buscar o conselho dos mais experientes.

– O que você quer? – questionou Arwin servindo outro copo do barril cerveja.

– O que eu quero?! – respondeu Finn impaciente. – Você não aparece no Conselho há três dias, por acaso se esqueceu de suas obrigações como rei?

– Eu não me esqueci. Eu imaginei que você cumpriria meu papel com maestria. Afinal, você tem minha total confiança e bênção,

meu velho – declarou Arwin abafando um soluço.

Finn colocou as mãos na cintura, seus olhos carregavam toda a desaprovação que ele havia conseguido reunir.

– Não seja condescendente.

– Não estou sendo, você realmente tem minha confiança, além de sabedoria o suficiente para responder pelo rei – o rapaz deu um longo gole e esticou o braço para encher o caneco outra vez.

Ele se virou com os olhos embaçados. Tentou dar uma passo à frente e tropicou nos próprios calcanhares, derrubando a caneca de cerveja. Então abriu os braços tentando se equilibrar e o quartinho girava, o cachimbo balançava freneticamente em sua mão como se fosse a única coisa que lhe dava suporte. Arwin olhou novamente para seu irmão.

– Esse negócio é bom mesmo.

Os dois se encararam e, depois de um longo tempo, relaxaram e começaram a rir.

– Então, o que faz aqui em cima? – perguntou Finn de um jeito mais descontraído.

Arwin levou o cachimbo até os lábios e começou a acendê-lo. Deu um par de tragadas e voltou-se para responder.

– Eu precisava de um tempo sozinho.

– Três dias, Arwin – a urgência crescia na voz do príncipe. – Compareça no Conselho esta tarde, os conselheiros e os nobres estão ficando inquietos. Você não pode simplesmente desaparecer e deixar suas obrigações de lado. Sim, eu estou cumprindo os papéis em forma de decretos extraordinários, mas você é o rei e seria de muito bom grado que você agisse como tal. O que os nobres e o povo irão pensar de um rei que parece não se importar com o próprio reino?

Arwin não respondeu. Ele deu outra tragada em seu cachimbo e tornou à apreciar a vista da janela.

– Por que fazemos tudo isso, Finn? – a pergunta saiu baixinha com a língua meio enrolada.

– Nós somos responsáveis pelo reino. Não é apenas nosso direito de nascimento, é também nosso dever como herdeiros do rei – Finn respondeu orgulhoso com todas as pompas de um verdadeiro príncipe.

Arwin se voltou para o irmão, mas ele não conseguiu colocar em palavras o que sentia. Tudo o que pôde oferecer para reassegurar as demandas de seu conselheiro mais antigo foi um sorriso maroto no canto da boca.

– Ah, aí está você! – disse Alma entrando pela porta. – Eu imaginei que estaria se escondendo de certas pedras na bota.

Finn disparou um olhar furioso para Alma.

– Ora, estamos bebendo? – o jovem soldado cruzou o quartinho em dois passos, pegou o caneco que Arwin havia derrubado e o encheu até a boca. – Anda escondendo o malte de boa qualidade só pra você de novo, Arwin?

Ele deu um assobio de aprovação analisando o líquido dourado.

– Então, parece que hoje teremos uma seleção de novos recrutas, quer ir dar uma olhada e provocar alguns novatos? – continuou Alma, ignorando completamente a existência de Finn. – Eu aposto que alguém quebra uma perna nos testes de montaria desta vez.

– O rei tem deveres a cumprir, ele não pode sair para brincar com vassalos sempre que a vontade surgir – disparou Finn com desprezo.

– Ele é o rei! Ele pode fazer exatamente o que lhe der na telha.

– E a telha dele tem responsabilidades para com este reino!

– O reino não vai desmoronar só porque ele perdeu uma reuniãozinha do seu precioso Conselho.

– Precioso Conselho do rei ! – respondeu Finn, enfatizando a última palavra.

Arwin bateu o cachimbo contra a ombreira da janela e ambos ficaram em silêncio.

– Já chega vocês dois! Vocês estão sempre latindo um para o outro, parecem um casal de coiotes. Alma, vá para os alojamentos, eu encontro você lá. Finn, eu encontro você no conselho.

Alma colocou a caneca em cima do barril e fez uma reverência exagerada. Ele andou até a porta, virou-se para os irmãos e curvou-se com a cabeça muito abaixada, como se tentasse encostar a testa no chão enquanto balançava os braços debocadamente.

– Com vossas excelentíssimas licenças, vossas excelentíssimas graças.

Arwin teve que conter o riso sincero que formava em seu rosto ao perceber o ódio nos olhos de Finn.

– Três dias, Arwin... – suplicou Finn. – Por favor...

– Eu encontro você no Conselho. E, por favor, feche a porta quando sair.

Contrariado, Finn deu as costas ao Arwin e caminhou para fora. Com um último olhar para seu irmão, ele se virou e bateu a porta com toda a força que conseguiu reunir.

O rei cruzou o caminho até a porta e fechou o trinco. Respirou fundo e foi até o barril de cerveja, encheu o caneco e andou com o cachimbo na boca até a janela.

A vista era mesmo de tirar o fôlego .

Capítulo V

Razões para acreditar

O céu claro era o prenúncio de um dia ideal para uma seleção.

As poças de lama ainda pintavam o cenário naquele final de manhã. Mesmo com o sol a pino, os resquícios das chuvas torrenciais que chegam sem aviso em quase todos os fins de tarde de primavera ainda estavam espalhados por todo o campo de treinamento. Ao redor do pátio, diversas pessoas andavam apressadas, soldados trabalhando nos preparativos para a seleção dos novos candidatos e familiares daqueles que estavam nas fileiras que seriam postas à prova aguardavam ansiosamente pelos eventos.

Para Arwin, mesmo depois de ter se tornado rei, era uma honra poder vestir sua armadura e espada e sentir-se novamente parte daquela falange designada para proteger o reino. Ele apreciava a oportunidade de ver a seleção da próxima geração de soldados que viria a servir à Coroa.

Os jovens recrutas eram escolhidos para a primeira fase de treinamento quando já carregavam dez verões sobre os ombros e passavam outros oito de preparação antes de se tornarem soldados, quando eram designados para seus novos postos de acordo com suas habilidades como combatentes, curandeiros, escudeiros ou serviçais. De todos os escolhidos, uma seleta casta de guerreiros era reunida a cada cinco primaveras para eleger os novos candidatos a guardas reais.

A primeira parte do treinamento era simples, os jovens aprendiam equitação e a lutar com espadas e desenvolviam seus corpos e mentes para o campo de batalha. Mas ali, naquele pátio, seria selecionado um outro tipo de guerreiro. Um tipo diferente de soldado. Especialista em fazer guerra. Esses soldados eram treinados em todas as formas de combate corpo a corpo, com espadas curtas e longas, machados, arco e flecha, combate corporal desarmado. Eram treinados para não demonstrar qualquer hesitação quando estivessem defendendo seu reino e lutando por seu rei.

A seleção desses candidatos era feita em um longo período de observação – durante toda a formação no treinamento básico – e todos eram analisados quanto ao desempenho, desenvolvimento e dedicação. Quando um jovem soldado completava seu treinamento básico e já tinha vivido pelo menos dezoito vezes a estação em que

veio a este mundo, ele recebia permissão para participar da seleção final, que era dividida em três classes principais arquearia, infantaria e cavalaria. Os testes eram todos muito simples, os arqueiros deveriam demonstrar suas habilidades nos alvos que se espalhavam por um lado do pátio – algumas vezes sob pressão – e os designados à cavalaria eram testados próximo aos estábulos. A seleção da infantaria seguia um método diferente; para eleger a primeira linha de combate, a linha de frente do exército, os aspirantes eram postos em combate individual – um contra um –, e os candidatos eram divididos em pares para que lutassem apenas uma vez durante os testes. Aquele que saísse vitorioso era qualificado para a Guarda Real, e o derrotado, caso sobrevivesse, poderia tentar novamente na próxima seleção. Uma tradição muito antiga e brutal, outra herança da vontade de ferro dos reis do passado.

Desde que Arwin havia assumido o trono, os candidatos passaram a usar espadas de treinamento na fase final da seleção, as armas eram feitas de madeira, reduzindo o número de casualidades em seu próprio exército. Alguns viram aquilo como sinal de fraqueza, outros como sinal de clemência.

Na fileira de candidatos havia pelo menos cem jovens, todos beirando a maioria. Arwin observava de longe, sentado no poleiro onde os cavalos eram amarrados. Ao seu lado, Alma fazia comentários maldosos sobre a aparência dos aspirantes e lembrava, cheio de nostalgia, os seus tempos de exército junto do rei. Ambos vestiam a armadura completa, com exceção dos capacetes.

– Você se lembra de quando passamos pela seleção? – Alma disse virando-se para Arwin. – Eu cortei a perna do Garik naquele dia. Ele é padeiro hoje em dia, sabia?

Arwin riu baixinho e se virou para o amigo.

– Um padeiro?! O ferimento nem foi tão severo assim.

– Eu sei, eu acho que ele ficou envergonhado porque, naquela época, ele era o maior dos selecionados e eu era tão magro que achavam que eu não conseguiria segurar a espada.

– A parte de ser confundido com os postes dos estábulos não mudou muito, meu amigo.

Eles riram juntos por um tempo enquanto observavam os recrutas.

– Nós não éramos jovens assim, éramos? – perguntou Alma quando conseguiu parar de rir.

– Éramos ainda mais jovens, mas os tempos eram outros. Estávamos em guerra, era muito mais fácil parecer mais velho naquela época – respondeu o amigo com um certo pesar em sua voz.

– É... – suspirou o jovem soldado. – Pelo menos agora temos um rei de verdade, não é mesmo?

O jovem rei olhou para o amigo e sorriu, mas, em seus olhos, Alma podia ver a dúvida que crescia dentro do seu irmão de armas.

Arwin hesitou por mais um momento e apontou para longe, onde estavam os recrutas alinhados. Da armaria, um soldado grande e imponente liderava outra dúzia de soldados que marchava em uníssono em direção ao pátio. Cada homem carregava em uma mão uma longa lança com pelo menos o dobro de sua estatura em comprimento e, na outra mão, um escudo, que os protegia entre o pescoço e os joelhos. Os escudos de bronze eram entalhados à perfeição, o brasão do rei dividia espaço com o brasão da Guarda Real – duas alabardas cruzadas sob uma espada dourada –, era um contraste magnífico entre o bronze dos escudos e o preto fosco das armaduras. Cada um deles vestia uma armadura de aço pesada, o negro opaco era aparado de dourado nas bordas e deixava tudo ainda mais impecável. Na cintura, um cinto grosso sustentava a bainha de uma espada longa de um lado e uma adaga ornamentada do outro.

Os soldados formavam uma falange extraordinária que fazia o chão tremer. Mesmo que a tropa fosse composta de apenas alguns poucos soldados, estava claro que aquela era uma máquina de guerra. Na ponta da fileira, Fergus puxava o batalhão. Eles caminharam até o meio do pátio, onde estavam alinhados os candidatos para a seleção. O comandante fez um sinal com o punho cerrado no ar e o batalhão inteiro parou de imediato. Quando Fergus se virou para

encarar os candidatos, todo o grupo repetiu o movimento em conjunto, como se fossem um só, como se fizessem parte do mesmo corpo

– Hoje, vocês passarão pelos testes que decidirão aqueles que se tornarão parte desta companhia de elite – a voz poderosa do comandante reverberou pelo pátio e ecoou nas paredes. O capitão fez uma pausa e continuou. – Olhem para a sua direita!

Os garotos olharam em volta em meio a murmúrios.

– Agora olhem para a sua esquerda! – comandou Fergus.

Todos pareciam muito confusos.

– Hoje – continuou. – Nenhum desses homens são seus aliados. Neste dia, eles serão seus adversários e eu espero que vocês deem tudo o que têm para seu inimigo. Nunca se esqueçam, se vocês hesitarem, isso será usado contra vocês!

As palavras carregadas pela fala poderosa rompia o silêncio eternamente.

– Ele sempre foi muito eloquente, não é mesmo? – sussurrou Alma sorrindo enquanto pegava o jovem rei pelo braço. – Venha, vamos ver mais de perto!

– Neste dia, muitos de você falharão. Muitos descobrirão que não foram feitos para essa função – a voz trovejante rompeu o ar mais uma vez. – Alguns de vocês não foram feitos para isso. Alguns de vocês vão escolher voltar na próxima seleção, outros vão descobrir que ainda podem ser soldados à serviço do rei e do reino. E alguns de vocês vão descobrir que não nasceram para lutar de qualquer modo.

– Foi isso o que aconteceu com o Garik quando eu espetei ele – declarou Alma para Arwin em um sussurro perfeitamente audível por todos.

Fergus disparou um olhar furioso em direção ao Alma, que disfarçou como pôde quando sentiu seu rosto ruborizar.

– Mas alguns de vocês vão se tornar os melhores guerreiros de toda Galabor! – o discurso imponente retumbou ainda mais alto do que antes. – Todos aqui serão divididos em pares e lutarão entre si apenas uma vez. Aquele que sair vitorioso terá seu lugar na Guarda Real. Todos lutarão usando apenas um capacete, a cota de malha e as luvas de couro, se preferirem. As lutas continuarão até o oponente se render ou ser nocauteado. Vocês utilizarão espadas de madeira, mas não se enganem, elas não são afiadas, mas ainda assim machucam um bocado.

Enquanto todos se preparavam, um dos candidatos disse sem qualquer preocupação de ser escutado.

– Eu aposto que vamos nos matar aqui enquanto o rei trepa com a corte toda e engorda nos salões recheados de banquetes.

Alguns recrutas murmuraram em aprovação, mas outros apenas lançaram ao rapaz um olhar enojado e se afastaram.

– Eu só estou dizendo que parece meio injusto nós fazermos o trabalho pesado enquanto um tirano leva toda a glória.

Por um momento, era como se o céu tivesse se partido ao meio.

– VOCÊ! – a voz de Fergus ressoou tão alto que todos olharam em volta procurando a nuvem responsável pelo trovão, embora o dia estivesse perfeitamente claro e sem nuvens. – Como se atreve a falar assim do seu rei?

O recruta hesitou por um segundo. Era um rapaz atlético, um pouco mais baixo que o próprio Arwin, provavelmente nos seus dezoito outonos. Tinha um bigode ralo que lutava para sair da pele, os olhos amendoados pareciam petrificados enquanto media toda a estatura que Fergus projetava sobre ele.

– Eu... Eu...

– Você se acha bom demais para estar nessa companhia?! – insistiu Fergus. – Você se acha melhor que o rei?

Ele fez uma pausa e se aproximou ainda mais do recruta, que se encolheu.

– O seu rei já lutava na guerra enquanto você brincava de soldadinho na barra da saia da sua mãe! – a voz do capitão ficava cada vez mais profunda.

– Eu não vejo ele lutando em guerras agora – respondeu o candidato valente.

– Já chega! Suma da minha frente! – a voz tinha se tornado um grunhido indecifrável, um rosnado, como se o comandante fosse explodir a qualquer momento.

O jovem rei se aproximou e colocou a mão no ombro do comandante.

– Calma, Fergus – uma piscadela de olho e um sorriso no rosto fizeram o capitão relaxar. – Qual o seu nome, soldado?

– Aidan! – respondeu o recruta de supetão.

– Aidan, pois bem... – continuou Arwin de forma serena e sorrindo para o rapaz. – Eu não luto mais em guerras porque não temos mais guerras para lutar, mas, se ela acontecer e se necessário, esta guarda estará lutando e eu estarei lá para comandá-los. E é por isso que a Guarda Real tem que ser tão bem treinada, porque ela lutará ao meu lado. E eu garanto, para ter a honra de lutar entre guerreiros tão formidáveis, eu me mantenho tão bem treinado quanto possível.

– Você não parece treinado! – retrucou Aidan com desprezo.

Todos suspiraram em conjunto e os burburinhos se espalharam entre os candidatos mais uma vez.

– Soldado! – vociferou Fergus.

Arwin levantou a mão espalmada e todos ficaram em silêncio.

– O garoto tem coragem – ponderou Alma com um sorriso no canto da boca.

O jovem rei suspirou e hesitou por mais um segundo.

– Pois bem, que tal fazer o seu teste comigo? – Arwin perguntou ao

soldado revoltoso, ele ainda portava um largo sorriso no rosto.

– Não seria justo, você está com a armadura completa e eu com esses trapos velhos – rejeitou Aidan enquanto media o rei.

– É justo – disse Arwin enquanto desatava as amarras de sua armadura. – Deem uma espada a ele. Uma de verdade!

O rei removeu toda a armadura, inclusive os protetores de suas botas e pernas. Usava apenas um camisão longo feito de seda, com bordados dourados nas mangas e na gola. As botas de couro queimado eram a melhor pedida para o campo de batalha e ele estava muito mais acostumado com elas do que com as de veludo, preferidas pelos outros membros da corte e as quais Finn lhe oferecia constantemente. Até mesmo sua calça de couro verde estava surrada demais para algum dia ter estado à altura de fazer parte das vestes de um rei.

– Você está ferrado – sussurrou Alma com uma risada maliciosa para o recruta corajoso.

Aidan aparentava ter perdido um pouco da coragem. Ali estava ele, com uma longa espada de aço em suas mãos enquanto encarava o rei, que carregava uma das inofensivas espadas de madeira que seriam usadas nos testes.

– Bom, você já sabe como funciona, se você perder, está fora – disse Arwin completamente relaxado. – Se ganhar, vai ter tido a oportunidade de provar um pouco do sangue real. E ganhará uma vaga na Guarda Real.

O recruta estava confuso. Como Arwin podia estar tão tranquilo? Seria o rei completamente louco? Será que era como os reis insanos do passado?

– Podemos começar? – perguntou Arwin.

Todos os recrutas que participavam da seleção, seus familiares, soldados de outras companhias e alguns membros da corte pareciam ter surgido de dentro do chão para assistir ao combate. Até mesmo os soldados nas muralhas, que deveriam estar vigiando os entornos

do castelo, viraram-se para acompanhar.

Um círculo enorme foi formado no centro do pátio e todos tentavam achar o melhor ângulo para observar, vibrando enquanto esperavam pelo início da luta. Aidan olhou à sua volta, ele não estava muito acostumado com toda aquela atenção. À sua frente, um rei louco, e em seu entorno, uma plateia ensandecida.

– Primeiro, é sempre importante prestar atenção em seu adversário – explicou Arwin quando percebeu que seu desafiante estava distraído com os espectadores.

O jovem recruta pareceu hesitar mais um pouco, mas aquelas palavras tocaram algum lugar dentro dele que o enfureceu. Ele avançou sobre o rei com sua espada de aço e desferiu uma chuva de golpes. Arwin defletia os golpes de forma displicente, praticamente sem esforço. Em um ataque particular, em que Aidan levantou a espada bem alto e atacou o adversário de frente, o rei deu um passo para o lado e deu um leve tapa com a lateral da espada de madeira nas costas do recruta, que cambaleou muitos passos para frente até conseguir se equilibrar em pé de novo.

A plateia estava se divertindo e ria com a tranquilidade com que Arwin se defendia do oponente enervado. A diferença entre eles era absurda demais para ser verdade. Mesmo que Arwin fosse um veterano – e sobrevivente – de guerra, um soldado tão jovem quanto Aidan deveria ter alguma chance contra o rei. Ele era provavelmente o recruta mais habilidoso que havia aparecido naquele pátio desde que o próprio Arwin havia passado pelos testes, mas não era suficiente, o patriarca estava muitas eras a sua frente.

Aidan partiu para cima novamente, desferindo seus melhores golpes, que eram aparados sem qualquer dificuldade pelo adversário.

– Parece que você serve para ser rei – provocou Arwin sorrindo. – Afinal, você claramente só serviria para engordar com os banquetes no salão real.

Furioso, Aidan correu em direção ao oponente com a espada erguida o máximo que podia. Ele girou a lâmina com todas as forças

e a desceu sobre o rei, que apenas ergueu a mão e segurou o recruta pelo braço sem demonstrar qualquer esforço e bateu de leve com a espada de madeira no nariz do rapaz. Aidan tropeçou para trás e caiu em uma poça de lama enquanto um turbilhão de risadas preenchia o ar.

O jovem rei andou tranquilamente até o recruta enlameado e estendeu-lhe a mão.

– Você é realmente muito bom, mas ainda tem muito o que aprender. E isso requer tempo e, muito mais do que isso, humildade.

Aidan estendeu o braço e pegou na mão oferecida pelo rei, que o ajudou a se levantar.

– É fácil falar quando já se é um tirano – sussurrou o rapaz de forma bem audível.

– O que você disse? – questionou Arwin incrédulo. – Eu não sou um tirano!

– Todos dizem que todos os reis foram, são ou serão tiranos. É só uma questão de tempo.

Arwin parecia ter perdido a calma pela primeira vez desde que se reuniu a Alma para atormentar os recrutas. Aidan aproveitou a oportunidade, levantou sua espada novamente e desceu em direção ao rei.

Todos prenderam a respiração.

Mas, antes que a lâmina pudesse encontrar seu alvo, uma seta sibilante cortou o ar e atingiu o punho da espada, lançando-a ao céu. A flecha certa se partiu no impacto e a ponteira ainda acertou o rosto de Aidan, que caiu no chão uivando de dor.

Todos se viraram para ver, no alto de um dos balcões dos alojamentos, Finn segurando um arco apontado na direção do irmão. O povo aplaudiu entusiasmadamente a demonstração impressionante de arquearia.

– Seu verme covarde! – avançou Alma sobre o recruta caído. – Eu vou lhe ensinar a não atacar um oponente que lhe estendeu a mão da amizade!

Antes que Alma pudesse alcançar o jovem, Fergus tentou segurá-lo. O contraste entre os dois era impressionante, principalmente pela tamanha dificuldade que o capitão, apesar da enorme diferença de tamanhos, parecia ter de conter o jovem soldado.

– Já chega! – comandou Arwin meio inerte. – Fergus, dê um lugar para ele na Guarda Real.

– O que?! – disseram Alma e Aidan ao mesmo tempo, um tão confuso quanto o outro.

– Ele é corajoso e habilidoso. Só precisa aprender a ter modos.

– Você ficou maluco?! – continuou Alma indignado. – Esse pedaço de merda, arrogante, cobra traiçoeira que ataca pelas costas?

– Ele vai aprender – respondeu Fergus, finalmente soltando Alma. – De um jeito ou de outro.

O capitão se endireitou.

– Vocês dois também não eram os meninos mais humildes desse reino quando foram aceitos para a guarda.

– Isso é diferente. Eu nunca ataquei ninguém pelas costas – Alma estava cada vez mais nervoso.

– Ele vai aprender – disse Arwin. – Como nós aprendemos. E, se não aprender, ele sempre pode se tornar um padeiro.

A expressão dura de Alma se desmanchou completamente depois dessas palavras e ele abriu um largo sorriso.

– Você é provavelmente o melhor rei que já passou por Galabor – proclamou Alma em um meio abraço com o amigo.

Arwin forçou um sorriso e virou-se sem dizer nada.

Enquanto os dois amigos de infância caminhavam para longe, Fergus reuniu os outros candidatos e deu prosseguimento à seleção.

Capítulo VI

A jornada do rei

Era difícil se concentrar naqueles dias.

Aos olhos de Arwin, o salão do Conselho sempre pareceu muito mais um mausoléu do que o lugar especial que ele imaginara, onde todas as decisões eram tomadas e o futuro do reino era traçado.

Ele odiava o cheiro de gente velha que nunca abandonava o local. O jovem rei se perguntava constantemente se seu pai, ou o pai dele antes deste, homens implacáveis que carregavam a vontade de ferro de um reinado de mil anos, também se sentiam oprimidos por aquele odor hediondo que agredia suas narinas violentamente.

Até o nome *salão* do Conselho parecia irônico demais para ser permitido. Era uma saleta sem janelas e de teto baixo, o que aumentava exponencialmente a sensação sufocante de que o lugar desmoronaria a qualquer momento. As paredes de pedra preta e a escassez de aberturas faziam aquela câmara apertada assemelhar-se ao interior de um forno, pronto para incinerar todos ali dentro.

O projeto daquele aposento aguçou a necessidade dos comentários ácidos que Alma raramente conseguia conter para si. “Imagine o nível de paranoia de um homem para querer se enfiar em um buraco como este, com esse cheiro repugnante, só pra resolver quem deve pagar pelo novilho roubado por um dos filhos de algum nobre mesquinho”, ele costumava dizer.

Uma longa mesa se esticava pelo meio do salão, as cadeiras dos conselheiros eram espaçadas em quase dois corpos uma da outra, como se aquilo tivesse sido projetado exatamente para inibir os impulsos dos mediatários do reino em argumentarem com os

punhos. Na ponta da tábua vermelha, ao lado oposto à pesada porta de mogno e de costas para uma lareira que nunca fora acesa – afinal, o lugar já era quente o bastante –, ficava a poltrona do rei.

O Conselho real era formado por sete membros, que apesar de assegurar cadeiras para certas classes – por tradição ou lei –, era moldado à vontade de seu soberano.

Alma era o mais jovem deles. Alguns dizem, inclusive, que ele é o homem mais jovem que já se sentou naquelas cadeiras. Ser o melhor amigo do rei gerava desconfiança nos outros membros, muito mais velhos e experientes no jogo do poder. E, claro, o jeito descontraído, sua insistente incapacidade de controlar seus impulsos de fazer comentários em absolutamente qualquer situação e sua imensa dificuldade de calar a boca potencializavam essa desconfiança em mil vezes.

Fergus também estava no Conselho. Por tradição, o comandante e líder dos exércitos recebia um lugar cativo entre os conselheiros. Especialista em guerra, quase sempre se abstinha em questões que considerava supérfluas.

Os outros membros do Conselho eram muito mais políticos do que guerreiros, astutos na arte da negociação. Arwin às vezes ficava tonto com a quantidade de argumentos que aqueles homens vomitavam em cima dele, como se tentassem parti-lo em várias fatias, assim cada um poderia se vangloriar de ter levado um pedacinho do rei. Era como se não fossem seus conselheiros, mas conselheiros deles mesmos, cada qual servindo a seu propósito individual, sem se importar de verdade com o destino do reino.

O Conselho se reunia diariamente para discutir aqueles assuntos que o rei não tinha capacidade de julgar sozinho, ou pelo menos era como os conselheiros faziam parecer. Algumas questões eram tão obtusas e enfadonhas que Arwin implorava a si mesmo por qualquer razão para sumir dali o mais rápido possível.

Finn era o membro mais importante do Conselho, assumindo as posições de escrivão e conselheiro particular do trono. Na ausência do rei, era ele quem tomava as decisões mais importantes e dava a palavra final nas discussões que não alcançavam consenso. Ele

gostava daquela posição, mas preferia que seu irmão levasse mais a sério seu papel como soberano da nação.

Quando todos finalmente se acomodaram em seus lugares na imensa tábula de carvalho-vermelho, Finn se levantou e, à sua frente, abriu um grande livro de páginas amareladas e uma grossa capa de couro carmim.

– Vossa Graça, eu tomei a liberdade de separar alguns assuntos importantes para discutirmos no Conselho.

Todos olharam para ele, menos seu rei.

– Majestade, precisamos discutir o aumento dos impostos. É muito importante que mantenhamos a Coroa com crédito, assim poderemos dispor dos serviços dos nobres sem qualquer preocupação – continuou o jovem príncipe cerimoniosamente.

Finn precisou reunir todas as suas forças para não demonstrar seu desgosto pela completa letargia do irmão com as questões de seu próprio reino. Todos esperavam alguma reação de Arwin, mas foi a voz de Quimir que preencheu o espaço deixado pelo jovem rei.

– É verdade, nós precisamos aumentar as reservas reais e assegurar o pagamento dos vassalos – o Mestre da Moeda era um homem pomposo, magro e alto, o nariz parecia um enorme gancho de pesca. Sua voz sempre carregava uma expressão constante de tédio e ele aparentava estar perfeitamente alheio a tudo o que acontecia ao seu redor. O conselheiro vestia-se sempre com a melhor seda que a mão do homem podia tecer e que o ouro podia comprar. Ele era responsável pelos controles de gastos e sempre falava sobre impostos, dívidas da Coroa e mais um desfile de assuntos que interessavam de pouco a nada para Arwin.

– Mas os nobres já pagam impostos demais – respondeu Sorim de Berifos. O conselheiro real que representava a cadeira dos nobres era um homem largo, tão largo quanto era alto. A cabeça às vezes parecia desaparecer sob a túnica devido à falta de pescoço, ou, como Alma gostava de enfatizar, “pela presença de muitos queixos”. O homem carregava uma enorme necessidade de ser tratado por seus muitos títulos – “Glutão do Oeste deveria ser um deles”, dizia o

melhor amigo do rei. Ele sempre vestia uma longa túnica prateada bordada com folhas de figueira de um magenta sutil, símbolo de sua Casa. Os comentários de Alma por vezes causavam um certo desconforto no salão do Conselho – “Ele provavelmente desistiu de vestir as próprias calças há muitas estações, por volta do tempo em que deixou de enxergar os próprios pés”.

– Os impostos são necessários para manter a integridade dos cofres da Coroa – argumentou Finn, ainda contendo a revolta pelo completo desinteresse de seu irmão.

– Se continuarmos pagando mais impostos, vamos ter que começar a trabalhar nos campos nós mesmos! – insistiu o Mestre dos Nobres.

– Talvez um pouco de trabalho braçal não seja de todo mal para você, senhor nobre – disparou Alma.

– O que disse, seu moleque?! – vociferou Sorim batendo na madeira com uma mão suculenta. “Toda vez que o Mestre dos Nobres perde a paciência parece que ele bate na mesa com um enorme presunto defumado”, diria Alma.

– Eu quis dizer que você poderia incentivar os camponeses a trabalharem mais – emendou o jovem soldado meio sem jeito, tentando consertar a situação. – Um homem da sua estatura e tão robusto certamente daria aos fazendeiros um novo ânimo para o trabalho.

O nobre aparentava ter engolido a desculpa.

– Afinal, quem iria querer ficar desse tamanho? – completou Alma baixinho.

– Finn está certo! – declarou Quimir ignorando os outros. – Nós precisamos recolher mais impostos, e deveríamos fazer isso imediatamente. De preferência com cobranças retroativas.

– Este reino nunca fez cobranças retroativas, nem mesmo em épocas de guerra – disse Balbur com dificuldade, cada palavra carregava o enorme peso da idade do homem santo. Ele era o clérigo e curandeiro real, um homem velho, tão velho que trazia em seu

rosto um mapa de todas as ruas do reino, as linhas não tinham início nem fim e, quando seus olhos e boca se movimentavam, esse efeito era amplificado mil vezes, como um pano muito fino sendo torcido muito forte. Ele já estava a serviço do quarto rei e dava sinais de que deixaria de servir ao trono algum dia. Seu papel àquela altura era praticamente ignorado, as antigas tradições e crenças haviam se perdido e apenas a sua função de curandeiro era valorizada de alguma forma.

– Em épocas de guerra, nós não cobramos. Nós tomamos o que for necessário para a sobrevivência do reino – respondeu o Mestre da Moeda.

– Cobranças retroativas?! – inquireu Sorim. – E como os nobres deveriam ser capazes de proporcionar tal pagamento?

– Ora, cobrem mais dos camponeses! – respondeu Finn.

– Você está maluco? – retrucou Mestre dos Nobres de imediato. – Nós acabaríamos com uma revolta nas mãos! Se não pelas mãos dos camponeses, pelas mãos dos nobres, que não vão aceitar esse tipo de exploração.

– Isso é uma ameaça? – a voz profunda de Fergus ecoou pela primeira vez no salão e todos ficaram em silêncio.

– Não... não, capitão... – tartamudeou Sorim hesitante. – Eu quis dizer apenas que, devido às circunstância e aos rumores do descontentamento popular...

– Que rumores? – questionou Fergus. – Por que esses rumores estão sempre sendo surrados por todos os cantos e, mesmo assim, o comandante real nunca recebe informações sobre eles?

– A verdade é que não conseguimos verificar a existência de tais rumores – respondeu Vallro sem levantar a cabeça ou descobrir o rosto. – Aparentemente, esses boatos surgiram com o vento e parecem não ter nenhum significado importante.

O investigador e fazedor de leis era um homem esquisito. A dubiedade de suas atitudes era sempre motivo de especulação na

corte não só pelos membros do Conselho, mas por todos os que habitavam e serviam ao castelo ou à capital do reino de modo geral. Ele era um homem baixo e raramente descobria o rosto. Sua presença era sempre meio sinistra e causava calafrios naqueles que dividiam qualquer espaço com o homem, às vezes ele chegava tão sorrateiro que era como se tivesse surgido do próprio ar. Mas, apesar da estranheza de suas atitudes, Vallro podia assegurar que era leal à Coroa e faria de tudo para fazer cumprir a justiça real.

– Ameaças à soberania e à segurança do reino sempre são importantes – rosnou o capitão da Guarda por entre os dentes.

– Dizem que o povo está infeliz. Que esperam que o rei se torne um tirano a qualquer momento e comece a travar guerras sem fim novamente – declarou o Mestre dos Nobres.

– Isso é uma bobagem sem fim – argumentou o investigador despreocupado.

Uma argumento tão simples parece ter sido o estopim para a explosão de vozes. Os membros do Conselho gritavam e gesticulavam uns para os outros, tentando se fazerem escutar. Em meio ao caos, troca de acusações e ameaças, o rei tomou interesse pelo assunto pela primeira vez. Arwin se levantou e virou-se para a turba.

Notando o interesse do rei em participar, Fergus desceu os enormes punhos sobre a mesa e sua voz preencheu todos os espaços do salão, parecendo ecoar dentro de todos ali.

– SILÊNCIO!!

Todos prenderam a respiração expectantes.

– Eu tomei uma decisão importante – começou o patriarca solene. – Há algum tempo eu ouço sussurros ao vento, pequenos comentários ditos à boca pequena e, em meio a acusações e conversas interrompidas, parece haver algum problema com a atuação da Coroa.

Ele fez uma pausa e começou a andar em volta da assembleia.

– Eu tenho ouvido muitos rumores sobre o modo de agir do rei. Sobre os planos do rei para o futuro. Rumores de uma revolta e da insatisfação dos nobres – Arwin parou atrás de Sorim e colocou as mãos no encosto da cadeira do conselheiro.

Essas últimas palavras fizeram o Mestre dos Nobres se mexer desconfortável em seu lugar.

– Que talvez estejamos olhando para uma guerra – ele retomou sua caminhada pelo salão. – E que o rei pretende reviver algumas tradições brutais.

Arwin parou na outra extremidade e colocou as duas mãos sobre o carvalho ancestral, um suspiro irritado correu ligeiro por entre os lábios apertados.

– Há muitos rumores. Muita infelicidade.

Ele hesitou ainda encarando as próprias mãos, incerto de quais deveriam ser as próximas palavras.

– O povo está infeliz com seu rei... – as palavras lutavam para sair, o rei ergueu a cabeça, encarando seus conselheiros. – Mas há uma forma de corrigir tudo isso. Um jeito de consertar a situação.

Os conselheiros trocaram olhares confusos. Estaria o patriarca perdendo o nervo?

Arwin completou sua volta em torno do plantel de mediatários e posicionou-se em frente à sua cadeira. Ainda de pé, olhou nos olhos de cada um ali presente.

– Eu vou partir em uma jornada para salvar o reino!

Todos suspiraram surpresos.

– O que quer dizer, Majestade? – questionou Vallro.

O jovem rei hesitou por mais um momento.

– Há algum tempo, foi-me apresentada uma profecia que dizia que eu poderia salvar o reino e todos que habitam nele – as palavras

queriam voar de sua garganta o mais rápido possível. – E, para isso, para que a profecia seja cumprida, eu precisarei viajar, e viajar para bem longe. Por vales e florestas em uma busca para encontrar o que o destino reservou para este reino.

– Isso é loucura! – disparou Sorim. – Confiar o destino do reino em uma sandice sem sentido? Uma história para crianças?!

– Olha como fala, balofo! – retrucou Alma.

– Alguém tire esse moleque daqui! – berrou o nobre batendo uma vez mais os enormes presuntos na madeira desavisada.

– Eu sou membro deste Conselho e tenho tanto direito de estar aqui e de falar abertamente quanto você... tem de engordar como um leitão esperando o abate para a festa do solstício de inverno.

O nobre se levantou e atirou-se sobre a mesa, tentando alcançar o jovem bufão.

– Já chega! – outra vez a voz de Fergus parecia ecoar dentro do crânio de todos eles. – Vocês são conselheiros do rei ou animais?!

O capitão se endireitou e ergueu-se em toda a sua estatura. Ele formava uma enorme sombra, como uma montanha lançando suas margens na escuridão.

– Meu Senhor, Vossa Majestade deveria reconsiderar. Deixe-me juntar mais informações sobre os problemas do reino para que possamos resolver de forma racional – suplicou o capitão da Guarda.

– Eu já tomei minha decisão – respondeu Arwin brevemente.

– Então eu vou com você! – retorquiu Fergus prontamente.

– Não, essa jornada deve ser feita por mim e por mim sozinho. Se eu quiser ser digno da dádiva que a profecia oferece e trazer a prosperidade de volta para nosso reino, eu devo aceitar esse fardo e cumpri-lo de bom grado.

Ninguém tinha argumentos para questionar a vontade de um rei.

– Em minha ausência, Finn será o responsável por todas as decisões, como sempre – Arwin continuou, sua voz fica mais firme a cada momento, a determinação crescia dentro dele. – Para todos os feitos, ele agora é o rei. E, se eu não retornar até a próxima primavera, ele o será em definitivo.

Todos podiam ver um novo fogo queimar nos olhos do jovem rei. Um fogo ancestral.

Arwin se aproximou de Finn e lhe entregou a coroa. Os irmãos trocaram um longo olhar e, então, o rei andou até a porta e foi engolido pela escuridão.

Capítulo VII

Conselhos

O luar se esparramava furtivo pelos aposentos do rei.

O quarto real destoava completamente do restante do castelo. Diferente dos corredores, quartos e salas, que eram todos muito bem reforçados, com pequenas ou nenhuma janela – herança de um passado ditado pela paranoia de tiranos –, o aposento do patriarca era muito amplo e bem iluminado, adornado com vistosas tapeçarias e uma enorme lareira, que queimava de forma reconfortante. Uma longa mesa de carvalho, muito antiga e puída, ficava encostada na parede, e era nela que Arwin se sentava para estudar os seus problemas, ou pelo menos onde ele gostava de deixar uma montanha de livros que nunca leria e um amontoado de pergaminhos que nunca abriria. Na frente da cama, e espalhados em mais dois ou três lugares pelo cômodo, pequenos divãs davam um ar de aconchego sobre os grossos tapetes de pele, e a mesinha de centro, com candelabros e uma jarra de vinho sempre cheia, ajudava a completar o efeito. As paredes pretas eram forradas por adornos, bandeirolas, grandes pinturas retratando o casal real, armas ornamentais e todo tipo de presente digno de um rei. Alguns

destes presentes só ornamentavam as paredes porque Arwin achava que seria indelicado descartar os regalos dados pela irmã da rainha. Na extremidade oposta do quarto, dois enormes portais substituíam as janelas. Rhaella os chamava de portais da lua; a estrutura de pedra branca – que substituíam a cor preta da cidadela – e os ângulos agudos da abóbada dos portais faziam o prateado lunar banhar o cômodo, como se o leito do rei flutuasse no próprio espaço.

Arwin gostava da claridade. Ele apreciava o mundo lá fora e não poderia viver todas as noites naquele lugar com a mesma sensação de que sufocaria a qualquer momento como era nas outras partes do castelo.

O calor da despedida ainda queimava na pele como ele nunca havia sentido.

Mesmo o vento fresco da primavera, que soprava pelos portais do rei, não era suficiente para aplacar o ardor dos corpos que se entrelaçavam vigorosamente sobre as finas peles que cobriam a cama do casal.

O jovem rei apertou seu corpo contra o da rainha, o macio da pele o fazia se esquecer de tudo no mundo, era naqueles braços que ele se sentia no paraíso. O suor que escorria em seu pescoço enquanto sua boca tocava os lábios da amada era a prova definitiva do fogo que ardia entre eles, uma chama que queimava forte. Os corpos colidiam em uma avalanche de sensações. Mãos, olhos e bocas se misturavam no espaço enquanto se encontravam e partiam.

Ainda ofegantes, os olhos acastanhados encontraram os esmeraldas e eles se olharam por um longo tempo. Embora nenhum confessasse, os dois tinham o mesmo em mente. *Seria aquela a última vez?*

Arwin suspirou e tentou sorrir, mas os músculos de seu rosto pareciam preenchidos pela mesma argamassa que sustentava as muralhas de sua morada há mil anos. Os olhos de sua rainha tinham a profundidade de um oceano de outono, o viçoso intenso temperado de pequenos vincos de anil eram as ondas, traziam-lhe a tranquilidade de uma brisa de primavera ou de sentir o calor de uma tarde ensolarada de verão.

Ela sorriu.

Seus lábios eram suaves, um carmesim que ele nunca tinha visto antes. As marcas do amor ainda ruborizavam os contornos de sua boca e Arwin só conseguia pensar no quanto ele a admirava.

O jovem rei contemplou sua rainha por um instante mais antes de se levantar da cama.

A brisa acariciava sua pele nua enquanto ele andava até os portais. Até a lua parecia ter vindo se despedir e abençoar sua jornada, ela se elevava aos céus, imensa como Arwin nunca tinha visto, e brilhava com todas as pompas dignas de um rei. Era magnífica.

– Em que você está pensando, Meu Senhor? – questionou a rainha enquanto puxava as peles para proteger seu corpo do vento.

Arwin não respondeu por um longo tempo. Ele podia sentir o suor gelado escorrendo em suas costas, mas aquilo não lhe causava desconforto. Muito pelo contrário, o jovem rei sentia-se amparado pelo privilégio de estar ali, pela sorte de poder viver aquele momento.

Ele não se virou.

– A jornada vai ser longa.

– Então você deveria voltar para cama e descansar – respondeu a rainha. – Ou se cansar um pouco mais.

O jovem rei soltou uma gargalhada suave.

– Eu estou fazendo a coisa certa? – ele questionou. – Eu tomei a minha decisão e vou partir para longe. Mas eu estou fazendo a coisa certa? É este caminho que eu devo trilhar?

Rhaella olhou para seu rei parado ali na janela. As sombras dançantes das labaredas da lareira projetavam desenhos maravilhosos em sua silhueta, que parecia ter sido esculpida junto ao arco do portal como uma obra em homenagem ao próprio rei.

Ela se levantou e andou até ele, ainda enrolada nas peles.

A rainha abraçou o marido por trás e encostou a cabeça em suas costas. Ela podia sentir o coração de Arwin batendo violentamente, como se golpeasse as costelas tentando escapar dali, e apertou com firmeza as mãos no peito do rei.

– Só você pode dizer qual é a coisa certa, Meu Senhor – disse Rhaella baixinho.

Arwin respirou fundo.

– O problema é exatamente esse, eu não sei se estou fazendo a coisa certa.

– Você é o rei, pode fazer com que qualquer coisa seja a coisa certa – as palavras da rainha preenchiam o vazio dentro dele de forma reconfortante.

– Mas eu não quero ser o tipo de rei que não liga para nada nem ninguém – ele parecia tentar se justificar.

– Você sempre foi um homem justo, Arwin. Não importa quais decisões você tome ou quais caminhos decida trilhar, eu estarei bem ali, ao seu lado. Eu sou e sempre serei a sua rainha e sempre o amarei.

Rhaella podia sentir o rei estremecer de leve.

– Eu não tenho tanta certeza disso – a voz era embargada.

A rainha apertou seu corpo contra o dele.

– Você salvou a Enid e a mim de um destino pior do que a morte. Você nos deu uma vida que jamais sonharíamos ter. Você é o melhor homem que Galabor já viu, é o melhor homem que eu conheço e jamais conhecerei outro igual.

Arwin deu outra risada fraquinha.

– Não foi assim tão difícil assim me casar com a mulher mais bonita de todo o império.

Ela deixou uma risadinha escapar em um suspiro.

– Você é a melhor coisa em minha vida, meu amor.

O jovem rei alcançou as mãos de Rhaella que cruzavam seu peito e as acariciou.

– E você da minha.

Eles ficaram ali, na beira do mundo, sentindo a pele um do outro por um longo período.

– Eu vou sentir sua falta – a voz do jovem rei tentava abandoná-lo. Agora ele podia sentir as unhas da rainha pressionando seu corpo.

– Eu também, Meu Senhor.

– Eu voltarei. E, quando eu voltar, tudo será diferente, tudo será melhor.

– Eu só quero meu marido de volta...

Arwin podia sentir as lágrimas quentes de sua amada escorrendo por suas costas. Ele a segurou pelo braço e se virou. Ela era pelo menos duas cabeças mais baixa que ele. O rei a olhou no fundo dos olhos e viu pela primeira vez a sombra da dúvida naquele oceano de ternura.

– Eu vou voltar, meu amor. Eu prometo.

– Você não pode prometer isso... – outra lágrima silenciosa correu apressadamente pelo rosto da rainha. – E se você não voltar?

– Eu voltarei... Quando foi que eu menti para você? – disse Arwin, conseguindo finalmente sorrir.

Rhaella começou a chorar copiosamente, ela soluçava tentando conter as lágrimas.

O rei colocou as mãos em seu rosto e beijou sua testa.

– Eu voltarei... Eu voltarei para você... Nem que essa... Nem que essa seja a última coisa que eu faça – essas últimas palavras saíram trêmulas e meio estranguladas, mas ele conteve as lágrimas.

Rhaella se libertou do toque do rei e andou para longe. Ela puxou as peles mais para cima do corpo e cobriu seus ombros.

– O que foi? – a preocupação crescia dentro de Arwin.

A rainha não sabia o que fazer. Ela se virou novamente para o marido e deu um longo suspiro.

– Eu estou esperando um herdeiro para o trono – Rhaella disse sem rodeios, esperando que as palavras fizessem mais sentido fora de seu peito.

Ele a encarou paralisado por um longo tempo. Como se aquelas palavras não tivessem nenhum cabimento, nenhuma lógica, como se fossem profundas demais para serem colocadas em perspectiva, distantes demais para serem compreendidas.

E, então, a rainha relaxou.

O jovem rei deu um enorme grito de felicidade e correu para os braços de sua amada. Ela soltou as peles, que caíram no chão, e os dois corpos se encontraram, pele na pele.

O fogo queimava forte novamente.



A lua ainda competia com o sol pelo seu lugar no céu quando Arwin decidiu partir em sua jornada. O brilho pálido cedia suavemente o espaço para o resplendor alaranjado.

O jovem rei acordou antes do raiar da aurora determinado a não passar por mais nenhuma despedida dolorosa. Ele deu um beijo doce nas bochechas coradas de sua rainha, o toque suave não carregava nenhuma intenção de acordá-la.

Ao se preparar para sua jornada solitária, juntou sua antiga espada dos tempos de soldado e mais uma outra dúzia de aparatos ainda mais antiquados. Ele havia decidido que o melhor para aquela missão era que ele não chamasse muita atenção e, por isso mesmo, resolveu deixar sua arma – forjada em sua homenagem – para trás,

uma lâmina reluzente que ofuscava o próprio sol, adornada de grandes rubis – digna de um rei –, mas um lobo solitário em uma expedição insólita deveria chamar muito menos atenção. Pelo mesmo motivo, reuniu algumas peças velhas de couro curtido e preparou sua sacola. Guardou consigo alguns materiais de caça e equipamentos para cozinhar na floresta, vestiu um camisão grosso de mangas compridas e jogou por cima sua cota de malha de ferro fundido. Era difícil dizer qual de todos aqueles apetrechos tinha sido mais surrado pelo tempo. A cota de ferro, de um material velho e muito desgastado, era um resquício da época de soldado, quando ele usava equipamentos mais pesados para treinar seu corpo e acordar sua mente – o esforço o mantinha alerta –, como qualquer soldado que precisa sobreviver entrincheirado durante a guerra. Suas botas gastas e a calça verde de couro queimado o acompanhavam como sempre. Na cintura, além da antiga espada, carregava uma adaga longa, de uns dois palmos, levemente curvada. Ela trazia todas as marcas de uma arma muito velha, mas era extremamente afiada, ideal para cortar a carne dos cervos na floresta ou a de algum desavisado que cruzasse o lado errado daquele jovem veterano de guerra.

Ele havia decidido deixar seu cavalo – e qualquer outro cavalo nesse sentido – para trás. Certamente um enorme corcel de guerra chamaria a atenção de qualquer um. Então, seria mais seguro, ou menos irritante, viajar sob a alcunha de algum andarilho qualquer. O jovem rei havia cogitado, por alguns momentos, pegar um ginete velho pelo caminho ou, talvez, até mesmo uma carroça, mas ele não queria atrair olhares de nenhuma forma.

Seu plano era simples. Ele viajaria com alguns trocados e arrecadaria mais um pouco aqui e ali, a viagem era longa, não havia motivos para se apressar ou esgotaria suas forças com a mesma velocidade que avançava. A uns dois ou três dias de caminhada dali, um pequeno vilarejo seria seu refúgio. Ele encontraria um guia para levá-lo até a borda ocidental pelo trajeto mais rápido e, de lá, tentaria encontrar um mapa que o levasse para o Sul e para o Oeste, tão longe quanto possível, talvez até a borda do mundo.

A estrada do rei, nas proximidades de sua cidade natal, era muito

bem asseada, de um cuidado impecável. Os ladrilhos de pedra dourada eram decorados aqui e ali com tijolinhos avermelhados que carregavam o símbolo da realeza e proporcionavam um passo tranquilo e uma viagem suave para carroças e cavalos. A paisagem era bem tratada, árvores e arbustos bem podados e as beiradas da estrada tão limpas quanto a cena. Ele passou até mesmo por uma ponte de pedra – que ele esquecera completamente da existência – e sua arquitetura era impressionante. Arwin se orgulhava do serviço que o reino oferecia a seu povo.

Mas, lentamente, o cenário foi se transformando e um pouco mais de meio dia de viagem já era o suficiente para uma mudança drástica na paisagem. Os ladrilhos áureos já haviam sido substituídos por um chão de terra e cascalho, tão escorregadio como que ensaboado, faltava firmeza para a pisada. No caminho havia tantos buracos que o jovem rei já se perguntava se tinha se perdido da estrada. Ele sentiu um aperto no estômago enquanto analisava a vista à sua volta.

Como alguém pode viajar nessas condições? Ele pensou consigo mesmo. O rei decidiu que teria uma palavrinha com o Mestre da Moeda. Para onde estavam indo os recursos que deveriam ser empregados para resolver esse tipo de situação?

Apesar do sentimento estranho quanto às condições do trajeto, ele não podia deixar de se sentir animado. A descoberta de que teria um herdeiro lhe proporcionava um novo senso de propósito. Como era incrível aquela sensação. Ele seria pai! Agora, era como se aquela jornada realmente significasse algo. A vinda do seu filho era uma prova disso. Aquelas bênçãos se completariam e ele poderia dar àquela criança, seu herdeiro e futuro rei, um lar repleto de riqueza e felicidade, com um povo próspero e grato pela grandeza do seu patriarca e pelas dádivas de seu reino.

Ele não tinha decidido um nome. O jovem rei tinha esperanças de que voltaria antes do nascimento de seu filho, ele olharia seu garoto nos olhos pela primeira vez e lhe daria as boas-vindas ao mundo. Ele tinha certeza de que, caso se atrasasse, Finn escolheria um nome decente ao sobrinho, um nome digno de um rei. E que rei ele seria! Forte como o pai, inteligente e sensível como a mãe. Arwin já podia se imaginar ensinando o filho a lutar, sobre honra e verdade, sobre

como ele deveria ser forte e corajoso. Ele o ensinaria a cavalgar e a atirar com o arco e flecha – talvez ele deixasse as lições de arquearia com seu irmão mais velho – e, claro, ele contaria sobre todas as aventuras que os levaram até aquele momento.

Mas e se for uma menina? Ele pensou. Certamente uma menina não teria muito interesse em equitação ou mesmo em esgrima, mas talvez ela gostaria de ouvir sobre honra e verdade. Como ele a amaria! Ela carregaria os vastos olhos da mãe. Com toda certeza, seria a mulher mais bonita que Galabor já viu. Tão bela e doce quanto sua rainha.

Perdido em seus pensamentos sobre sua família e seu lar, Arwin quase deixou de notar uma velha carruagem sacolejando ao longe.

Sentado à frente, em um banquinho improvisado – provavelmente onde um dia o, agora corroído, assento da carruagem deveria ter ocupado – um homem muito velho e magro chacoalhava meio curvado, os olhos apertados tentavam enxergar o longe. A carroça de duas rodas com certeza havia visto dias melhores, talvez ela fosse ainda mais velha que o próprio carroceiro e parecia estar à beira de se desmanchar por completo a qualquer instante.

– Boa tarde, viajante – disse o homem fazendo uma saudação com uma das mãos. Ele claramente era muito educado.

Arwin podia perceber os finos dedos que seguravam as rédeas do burrinho magricela que puxava a carroça, eram curvados, meio deformados nas articulações, provavelmente devido ao trabalho extenuante do campo, e vários calos não curados ainda ruborizavam a palma da mão que o cumprimentava.

– Boa tarde, meu bom senhor – respondeu o jovem rei animado por ter companhia pela primeira vez. Ele nunca tinha passado tanto tempo sozinho desde que assumira o trono. Estava sempre cercado de abutres ou problemas – quando não de ambos –, seu irmão nunca o deixava só, em alguns momentos eles pareciam ter nascido grudados ou pelo menos que tinham sido pregados juntos no momento em que a coroa repousou sobre sua cabeça. Arwin nunca havia se esquecido dos bons modos que aprendeu quando treinava para ser um líder militar, o respeito e a dignidade que ele devia

àqueles de maior patente ou idade que as suas.

– Que notícias traz da capital, meu jovem? – indagou o homem um pouco mais aliviado pelo tom afável com que foi saudado.

– Não há muitas notícias, meu bom senhor. A capital está cada dia mais próspera. Uma nova companhia de candidatos à Guarda Real acaba de ser formada e a seleção foi espetacular – respondeu Arwin feliz por poder conversar despreocupadamente depois de tantos anos.

O homem coçou o queixo e considerou aquelas notícias por alguns instantes.

– Prosperidade é uma coisa que apenas os ricos têm hoje em dia, meu jovem.

O rapaz sorriu fraquinho.

– Todos podemos usufruir um pouco dela.

– Os nobres talvez, mas, para nós, trabalhadores, nada disso é possível...

O velho discursou por um longo tempo sobre as diferenças sociais e as dificuldades dos trabalhadores rurais. Arwin observava com olhos ávidos tudo o que o homem dizia. Ele procurava por pistas sobre os boatos que havia escutado por tanto tempo.

– Mas não se preocupe, rapaz – riu o carroceiro depois da palestra prolongada. – Eu sou só um velho rabugento que está cansado de sustentar outros velhos rabugentos.

O jovem rei maquinava silenciosamente formas de conseguir saber mais sem estragar seu disfarce. Por alguma razão, Alma veio-lhe à mente, ele sabia que o amigo faria algum comentário insensível que levaria à alguma discussão, e foi isso o que ele fez.

– E o rei covarde não faz nada para ajudar seu povo? – ele perguntou com o mesmo tom insubordinado da voz do amigo de infância que ecoava em sua mente.

O homem levantou uma sobrancelha e olhou ao redor.

– Cuidado com a língua, rapaz! – a sugestão veio baixinha e meio espremida pela cautela. – O rei ainda não se enfiou em uma guerra, mas isso não quer dizer que você deva abusar da sorte.

Arwin olhou o entorno cuidadosamente e, depois, aproximou-se do velho.

– Eu não vejo ninguém – sussurrou sua insistência. – E então?

O homem suspirou com os lábios contorcidos.

– Meu rapaz, os reis raramente têm poder de verdade. Eles dependem de alianças instáveis que podem se desmanchar com a mais leve das brisas.

O jovem rei se sentia confuso.

– O que quer dizer com isso?

– Eu quero dizer que o rei talvez seja um homem inteligente o suficiente para não se meter onde não devia. O povo sempre sofreu e sempre vai sofrer. Seja na mão de reis, rainhas, duques ou qualquer que seja o título que eles gostem de dar a si mesmos hoje em dia.

– Mas eu tenho certeza que o rei quer o bem de todos os que estão sob sua proteção – respondeu Arwin tentando parecer o mais casual possível, a última coisa que ele queria era estragar seu disfarce no primeiro dia de viagem. Ele considerava aquela conversa uma excelente prova para a camuflagem que havia escolhido para a jornada.

O homem riu uma risada cínica.

– Meu rapaz, você precisa melhorar seu repertório de piadas – ele fez uma pausa e piscou para o jovem. – Quem sabe um dia não tenhamos que nos preocupar com reis e nobres futricando nosso plantio, não é? Até lá, tente não esquentar a cabeça com isso.

Aquelas palavras gelaram a espinha de Arwin e pareciam ter

arrancado algo de dentro de seu peito. Ele reuniu todas as suas forças e sorriu.

O jovem rei afagou o burrinho com dois tapinhas nas ancas que levantaram uma pequena nuvem de poeira do pelo do bicho.

– O senhor provavelmente está certo – disse Arwin sorrindo para o homem. – Não vou tomar mais o seu tempo. Tenha cuidado na estrada e faça uma viagem segura.

O velho agradeceu e fez um gesto com a cabeça.

– Não pense muito sobre a vida, meu jovem. Quem vive pensando na vida vive chorando.

O sorriso de Arwin se desmanchou, mas ele não disse mais nada. Deu uns passos para o lado e saiu do caminho da carroça, que tornou a sacolejar no ritmo da estrada esburacada. Aquela deve ter sido a conversa mais estranha de sua vida, talvez por ter sido a primeira que tenha tido sem ser filho do soberano ou ele mesmo o próprio rei. As palavras do homem vieram de forma casual, até muito educada. As falas sinceras carregavam uma verdade que Arwin raramente encontrava em sua corte, ele até havia se esquecido de como era conversar daquele jeito com alguém que não fosse Alma.

Ele respirou fundo e olhou em volta sem saber se era o peso daquela conversa, mas sentia-se estranho, como se estivesse sendo observado. Talvez ele estivesse sendo escrutinado pelo próprio destino, pensou consigo mesmo.

O jovem rei olhou mais uma vez ao seu redor, olhou para o céu, agora carminado pelo entardecer, ouviu os pássaros e o farfalhar das folhas na copa das árvores com a brisa noturna de primavera que já se aproximava. Contemplou o sacolejar da carroça longínqua, que já sumia no horizonte, e, sem saber o porquê, sorriu. Virou-se novamente para encarar o caminho à sua frente e resumiu sua jornada.

Capítulo VIII

Um presente para o regente

A vida na corte estava mais agitada do que nunca.

Finn já estava acostumado com as obrigações como substituto do rei, sempre que seu irmão fugia de suas responsabilidades como governante, o jovem regente assumia seu lugar na tomada de decisões diante do Conselho e nas assembleias em que nobres e plebeus se juntavam para ter o conselho do patriarca. Mas o príncipe não se importava com isso. Ele entendia a necessidade de se ter alguém razoável à frente das decisões – pelo menos de vez em quando – e não poderia deixar o reino à mercê dos abutres que formavam o Conselho ou das hienas carniceiras que se autodeclaravam nobres

Não. Finn não se importava.

Ele amava seu papel como regente do rei. A sensação de poder era excitante, ele sabia que tinha nascido para governar e, agora, com seu irmão tão longe, ele tinha a oportunidade de provar a todos que ele poderia ser um rei tão bom quanto seu irmão, tão poderoso e astuto quanto seu pai e, acima de tudo, provar para si mesmo que sempre teve o que era preciso para reinar, que ter sido preterido foi apenas um acaso do destino provocado pelas circunstâncias anormais de um momento de insanidade do Rei Sinn.

O fato de seu irmão mais novo ter sido escolhido em seu lugar como o sucessor direto de seu pai não o incomodava, mas a alcunha de Finn, O esquecido quase o tirava do sério. Ele detestava ser chamado daquele jeito, e os membros do Conselho, sabendo muito bem disso, viviam tocando naquela ferida que nunca cicatrizava. Mas a verdade é que ele fazia bem aquele papel. O jogo político corria em seu sangue.

Ele sabia como descobrir os segredos daqueles ao seu redor, e sabia como fazer com que essas pequenas confidências encontrassem um

destino apropriado. Essa era sua vantagem. Ele havia aprendido desde cedo com seu pai a usar as fraquezas de seus inimigos contra eles mesmos e, ao mesmo tempo, mostrar as suas forças, estabelecer sua dominância. Não que em tempos de paz aquilo fosse algo extremamente útil, mas ter um pequeno trunfo, uma carta na manga, sempre era eficaz nas negociações. Afinal, Finn era um negociador nato, blefava como ninguém. Ele guardava para si a maior estima como gerente de disputas e de um raciocínio ímpar ao traçar estratégias que o fizessem alcançar seus objetivos.

Apesar de já ter comparecido a inúmeras reuniões do Conselho real como representante legal da vontade do rei, era a primeira vez que ele comandava uma assembleia como regente. Aquelas reuniões populares não eram nem de longe os eventos que ele mais apreciava. Ele nunca viu muito propósito em um rei permitir que seus ouvidos fossem tocados pelas vozes vulgares dos plebeus. Para isso a sociedade tinha seus níveis, suas classes, os capatazes que juntassem as reclamações dos fazendeiros e levassem aos nobres, aqueles que não carregam o sangue real que lidem com essas coisas atroz. Ele não suportava olhar o amontoado de caras feias e suas aparências monstruosas às vezes lhe causavam náuseas. Não que ele os odiasse, afinal de contas um rei deveria amar seu povo. Ele só não conseguia evitar pensar que aquelas perversidades rascunhadas de gente não eram para os seus olhos e que aqueles sibilos tenebrosos que brotavam de suas gargantas não eram para seus ouvidos. Os nobres que lidassem com eles!

Mas Arwin apreciava esses encontros. Ele gostava de sentir que estava fazendo algo bom para todos. Ele adorava se sentar ali e ouvir todo o tipo de bobagem trivial. Todos poderiam falar e isso revirava o estômago de Finn. Como seu irmão tinha se atrevido a criar uma lei que tornava iguais um rei e um lacaios, mesmo que por um segundo? E a fila era longa, às vezes até mesmo as reuniões do Conselho real eram canceladas em ordem de dar espaço para que todos pudessem fazer suas alegações.

Naquela fila, ouvia-se todo tipo de conversa. “Eles roubaram meu cavalo e deram uma paulada no meu filho mais velho. Poderiam tê-lo matado”, disse um homem sem dentes. Ele tinha os braços e pernas muito finos, mas pelo meio carregava um barrigão. A

gengiva apodrecida e toda desdentada fez Finn cobrir a boca em horror mais de uma vez enquanto o homem argumentava seu caso.

“Eles mataram meu marido”, chorava copiosamente uma mulher maltrapilha. Suas roupas rasgadas tinham manchas de sangue por toda parte e, no rosto, ela ainda carregava um rasgo profundo que sangrava silenciosamente. O lamento da mulher o irritava profundamente. Como ela podia lamuriar-se quando tinha a oportunidade de estar na presença de seu rei? Finn fez um aceno para os guardas investigarem, mas sem dizer uma palavra.

– Meu Senhor, eu gostaria muito de requisitar uma permissão especial para aumentar em vinte por cento os impostos da minha província. Esse ouro será muito bem empregado na construção de uma nova casa de banho para a residência dos nobres – pleiteava pomposamente um rapaz muito jovem, que não devia ter acumulado mais que quinze outonos, e bem vestido. Suas roupas bem asseadas e o cabelo brilhoso chamaram a atenção do regente, que fez um gesto para que ele se aproximasse.

– Você é membro de alguma família nobre, rapaz? – indagou Finn.

– Não, Vossa Graça, eu sou apenas um valete e mensageiro – respondeu o garoto, seus dentes eram perfeitamente alinhados.

– Você parece muito bem cuidado para um mero valete – apontou o regente baixinho.

O sorriso do jovem iluminava toda a corte.

– Obrigado, Meu Senhor. Na verdade, eu nasci e cresci sob os cuidados do meu mestre. Minha mãe era ama de leite e cozinheira do Grande Sorim de Berifos.

Finn considerou o jovem por alguns segundos e tomou sua decisão.

– Aparentemente, o grande nobre Sorim de Berifos não quis desperdiçar meu tempo mencionando isso pessoalmente no Conselho ontem, no qual ele compareceu e eu era o aconselhado.

– Eu acho que a decisão de pedir a permissão só foi tomada recentemente, Meu Senhor – argumentou o jovem desembaraçado

com um largo sorriso no rosto. – Mas, se me permite acrescentar, Majestade, a requisição tem grande base legal. A residência dos nobres no Vale de Berifos não recebe uma reforma há mais de cinco anos. Logicamente um pouco mais de luxo e conforto poderia proporcionar grande melhora nas contribuições da nobre Casa do meu senhor. Meu mestre pode garantir pessoalmente que esses recursos serão muito bem empregados e que os plebeus que pagarão por esses impostos não farão nenhuma alegação danosa à reputação da Coroa.

Finn estava maravilhado com a retórica do rapaz que advogava como que por sua própria causa.

– Não se preocupe, eu darei a resposta ao seu mestre pessoalmente
– respondeu o regente.

O mensageiro fez um reverência e virou-se para sair do salão quando Finn fez um sinal e os guardas o impediram. Com outro gesto, convidou o jovem a se aproximar e subir os degrauzinhos que levavam ao trono.

– Qual seu nome? – sussurrou o príncipe com um leve sorriso no canto da boca.

– Loran, Vossa Graça – respondeu o garoto reverenciando o regente de braços abertos. – Às suas ordens, Majestade.

– Não saia da capital... Loran. – demandou Finn, gesticulando uma última vez para os guardas levarem o valete.

A fila ainda era longa e provavelmente o regente ficaria ali por mais algumas horas, talvez o resto do dia. Loran se virou e saiu pela porta. Ele andou pelos corredores de pedra por alguns segundos até sentir um tranco violento em seu braço, quando foi arrastado para um beco que cruzava os corredores.

– E então, ele deu uma boa olhada em você? – inquiriu Sorim.

O rapaz era bem magro e não muito atlético e era o contraste perfeito com o nobre à sua frente. O homem era tão gordo que ocupava aquele bequinho quase que completamente, deixando

pouquíssimo espaço para Loran respirar. O garoto não podia deixar de sentir o odor vexaminoso do consumo excessivo de álcool ao qual seu mestre tinha o costume de se empenhar todas as tardes de forma vigorosa. A maioria das pessoas pensava que um homem se tornava gordo feito um javali por causa do excesso de comida e pela falta de trabalho braçal, mas seu tempo como servo na casa do vistoso suserano o ensinou que o que fazia um homem nutrir fervorosamente as amplas linhas de sua cintura era o vinho.

Sempre que ficava no castelo do rei, Sorim dava a impressão de que consumir todo vinho da corte era sua missão nesta terra. Ele pedia, sem qualquer tipo de constrangimento, quantidades obscenas da bebida e, quando esta estava em falta, ele optava pela cerveja dourada ou por qualquer outro licor que causasse prejuízo às adegas reais. O beerrão gostava de se gabar da capacidade que suas vísceras haviam desenvolvido em absorver quantidades descomunais de qualquer tipo de bebida alcoólica.

O homem inspirava de boca aberta, aparentava uma certa dificuldade para respirar pelo nariz, que escorria de leve. O aroma de álcool preenchia todo o espaço que havia sobrado para o rapaz e ele se sentia entorpecido pelo cheiro forte. O Mestre dos Nobres, impaciente, pressionou Loran contra parede e apertou o seu braço.

– O que ele disse?!

O jovem virou o rosto tentando se proteger da chuva de saliva que voava para todos os lados, ele tinha medo que qualquer gotícula derretesse sua pele até o osso.

– Ele disse que vai dar a resposta pessoalmente... Meu Senhor... – suas palavras saíram meio sufocadas enquanto ele tentava falar sem usar o ar que tinha nos pulmões. O rapaz buscava não respirar o mesmo ar que seu mestre, com receio de que a bruma etílica o deixasse tão embriagado quanto ficaria se tivesse ele próprio consumido toda aquela infusão inebriante.

Sorim pressionou ainda mais seu corpo contra o de Loran.

– Ele deu uma boa olhada em você? – insistiu o nobre. Seu rosto suculento quase tocava o do rapaz. – O que ele disse?

– Ele... Ai... Ele disse para eu não sair da capital – gemeu Loran incomodado com o aperto em sua pele e constrangido pela proximidade do rosto do mestre bojudô.

– Bom... Muito bom – o homem babava pelos cantos da boca meio aberta. O olhar ganancioso assustava o garoto. – Isso é ótimo! Bom trabalho, meu rapaz. Muito bom. Nós teremos muito trabalho daqui para frente. Você poderá provar sua utilidade. Você poderá me servir bem.

Sorim soltou o braço de Loran e apertou suas bochechas, deixando as marcas dos seus dedos roliços dos dois lados. O rapaz olhou para o chão meio envergonhado.

– Vá para o meu quarto e me espere lá! – comandou o nobre enquanto dava mais uns tapinhas no rosto de Loran.

O servo olhou para aquele homem asqueroso com olhos vazios, fez uma reverência com a cabeça e saiu caminhando como um zumbi. Enquanto os passos do servo ecoavam para longe, morrendo lentamente ao final do corredor escuro escassamente iluminado por algumas tochas espalhadas aqui e ali, surgiu, de outro beco sombrio, outra cara gananciosa que portava um nariz ganchoso.

– Parece que nosso querido regente vai conseguir alguma diversão... – disse Quimir. – Ele parece ter gostado muito do seu garoto. Vamos ver como ele vai lidar com o rapaz.

– Ele vai ter tudo a que não consegue resistir – Sorim sorriu maliciosamente, e sua cara gorda, em um tom avermelhado que só a bebida forte poderia proporcionar, contorcia de prazer.

– Então, meu caro amigo... – continuou Quimir. – É hora de enviar um presentinho ao nosso amado rei.

Capítulo IX

Encontro em Shirim

Ultimamente, cada dia era mais longo que o outro.

Os dias eram quentes e as noites frias. O ar seco oprimia os pulmões de Arwin, que sentia sua garganta árida. O verão chegava de mansinho, roubando o lugar da primavera. A suave brisa noturna e o sereno que tomava as florestas agora eram tempestades rápidas que ensopavam o jovem rei dia sim e o outro também. Mesmo encharcado e com dificuldade para fazer fogueiras, as chuvas noturnas traziam um pouco de alívio para suas narinas e a umidade permitia que ele fumasse seu cachimbo de ervas – o único luxo que se permitia, as ervas caras para seu cachimbo adornado.

A jornada de três dias para Shirim, onde encontraria seu guia, já levava cinco. O altruísmo do jovem rei era prejudicial ao ritmo que ele havia desejado para a viagem. Mais de uma vez parou para ajudar uma berlinda de nobres de baixa casta – esses meio-camponeses pomposos gostavam de se vangloriar de suas terras e posses em ouro e prata, mas não tinham o suficiente para criados, e sempre que uma dessas carroças velhas, disfarçadas de riqueza, atolava, um único servo tentaria desesperado fazer os cavalos se mexerem.

Em uma tarde particularmente quente, Arwin gastou algumas horas tentando ajudar um homem gordo, que o lembrava muito os sapos-bois que ele encontrava às margens dos rios e cutucava com gravetinhos – que ele gostava de pensar que eram longas lanças espetando um dragão de fogo do Oeste – para ver até onde o bicho saltava. A roda da cabriolé havia se partido ao meio. *Pudera*, pensou o jovem rei. Ele nunca tinha visto alguém tão massivo ser carregado por uma carroça tão pequena, mas o que era mais distante desse mundo era o fato de o homem ter conseguido reunir seis cavalos – divididos em duas fileiras – para puxar a coisa, fazendo-a parecer um carro de bigas bizarro com aspirações de elegância.

Em outra ocasião, socorreu uma jovem de dois homens despojados de caráter que tentaram lhe suprimir os poucos bens. Os meliantes eram tão patéticos que a simples presença altiva do rei foi suficiente para espantar os dois. A moça, agradecida, insinuou-se ao seu

defensor, que, lisonjeado e um pouco constrangido, declinou a oferta dizendo que já tinha o amor em sua vida. A jovem, agora decepcionada, despediu-se com um beijo no rosto.

Mesmo gostando do serviço braçal que a estrada agitada havia lhe proporcionado e das pessoas que havia conhecido, ele regozijava a oportunidade de sentar-se na floresta escura ao anoitecer e apreciar os cheiros sazonais que infestavam o ar todas as noites. O ruído da fauna noturna era reconfortante. Sentar-se nos troncos úmidos e fumar seu cachimbo seco. *Isso que era vida*, pensava. Sem decisões para tomar, sem pressões, as noites eram tranquilas e nenhum sono era desperdiçado com preocupações distantes. *Isso que era vida!*

Os barulhos de galhos partindo-se que ecoavam da floresta o colocavam em alerta e o faziam recobrar o senso de realidade e o motivo de estar ali. Mesmo viajando como um transeunte qualquer, ele poderia ser emboscado por marginais a qualquer momento e precisava estar pronto para reagir.

O raiar do sexto dia trazia consigo o ar quente que só o verão poderia proporcionar tão perto do alvorecer. O orvalho ainda se formava nas folhas da floresta quando o jovem rei retornou à sua jornada. Naquela manhã, ele estava determinado a manter um passo ligeiro e evitar mais atrasos.

O dia foi muito mais tranquilo do que ele poderia imaginar, cruzava de vez em quando por algum viajante e cumprimentava-os de longe com um gesto de cabeça ou de mãos, mas não precisou ajudar mais ninguém, felizmente.

À tardezinha, percebeu que a estrada tinha dado uma melhorada e as crateras na terra marrom já eram substituídas lentamente por bloquinhos de pedra cinza que deixavam a jornada um pouco menos extenuante – mas não muito. O jovem rei supôs que aquilo era sinal de que seu destino estava próximo e isso renovou suas energias.

O toque acelerado da bota contra a pedra puída da estrada marcava o passo do viajante e logo ele viu ao longe o objetivo da celeridade. Arwin não podia deixar de se decepcionar pela vista. Ele não tinha pretensões de encontrar uma cidade grande e pomposa como sua

terra natal, e nem tão limpa e cuidada, mas aquele lugar era ridículo.

Shirim era um vilarejo modesto, um amontoado de uma dúzia e meia de casas de um marrom feio, a madeira, podre em alguns lugares, não negava a falta de cuidado com seus traços carcomidos e rudes. Cada prédio parecia mais torto que o anterior, como se tivessem empilhado os casebres um em cima do outro enquanto a floresta espremia a vilinha em seu abraço apertado. Era um lugar pequeno, de uma rua só, todos os prédios espremidos, juntinhos, com pequenos becos entre eles.

O cheiro forte – um misto repugnante de mofo, tabaco e vinho barato, provavelmente vomitado pelas ruas da cidade – atacou as narinas do jovem viajante com ferocidade e ele teve que reunir todas as forças para reprimir o impulso de cobrir o nariz e a boca. Ele não conseguia dizer se era efeito daquele lugar de aparência obscena – e do odor repulsivo que enchia seus pulmões –, mas ele se sentia novamente oprimido, como se alguém o observasse, julgasse, medisse, como se o destino estivesse à espreita.

Ele respirou fundo o último ar puro a que teria direito pelas próximas horas e andou um passo largo Shirim adentro.

O barulho que enchia as ruas não deixava dúvida de que aquele era um antro de gente vulgar, gente que ele próprio tinha perdido o costume de lidar. Ele precisava ter a cabeça no lugar e manter o nervo, seu disfarce e sua jornada dependiam de uma passagem tranquila. Ele passou pela consonância de violência de uma taverna ou outra e tentou ignorar a falta de respeito dos frequentadores do local – mais de uma vez viu homens vomitando encostados em paredes ou saciando suas necessidades carnis nos braços de meretrizes.

Depois de passar por mais três prédios, entrou em um lugar menos abarrotado atravessando as portas vai-e-vem, que rangeram alto o suficiente para anunciar sua chegada. As dobradiças eram tão antigas e enferrujadas que ele se perguntou por um momento se deveria empurrá-las para que se fechassem novamente – não que isso fizesse qualquer diferença para aquele tipo de porta –, mas decidiu que não seria muito sábio mostrar-se disciplinado em uma

espelunca como aquela. Alguns viraram a cabeça para observar o novo visitante, mas a maioria não se importou, ou pelo menos estava embriagada demais para sequer notar qualquer ruído.

A taverna, como todo o resto da cidade, tinha um cheiro horripilante que fazia aumentar cada vez mais o desejo que Arwin tinha de cobrir o nariz e a boca. O salão contava com meia dúzia de mesas, cada qual acompanhada de três ou quatro cadeiras, e um outro empilhado de cadeiras quebradas jogadas em um canto – cantos que, naquele lugar, pareciam estar sempre ocupados pelos corpos dos bêbados caídos. Arwin se perguntou por um momento se um homem em particular estaria morto, ele tinha uma sensação esquisita sobre o bêbado, talvez fosse o forte cheiro, o homem fedia como um banquete para abutres. O balcão era velho, assim como o restante da taverna, e bem longo, algumas banquetas desgastadas de madeira, meio remendadas, alinhavam-se em sua frente.

Arwin foi até o bar e pediu uma caneca de cerveja. O homem atrás do balcão era um ser muito esquisito, como o viajante nunca tinha visto. Ele era muito magro, seu rosto era esquelético, a cabeça era grande e o crânio tinha um formato mais arredondado que o normal. O cabelo ralo se perdia em alguns lugares, como se tivesse esquecido há muito tempo o seu propósito de estar ali, a barba branca era muito lisa e tinha uns tons de azul, como chamas brancas de um fogo muito quente. Os braços eram ainda mais estranhos, o antebraço era tão musculoso que o jovem rei podia ver as fibras dos músculos dançando sob a pele, mas os dedos eram excessivamente finos e os braços praticamente cadavéricos.

O taverneiro o estudou por um segundo sem se mexer, e o rei bateu a mão com força no balcão e depois retirou-a lentamente, revelando uma pequena cunha prateada. O atendente hesitou mais um instante, esticou a mão e pegou a moeda. Ele analisou a peça por mais um par de minutos, soltou um grunhido e andou até o barril de cerveja. O homem pegou um copo sujo e empoeirado que estava encostado na parede e o encheu até a boca, derramando um pouco de espuma na prateleira que dava suporte ao barril.

Arwin teve que conter o impulso de sorrir lembrando dos tempos de patrulha, quando, depois de uma batalha ou longas noites de vigia, ia para qualquer buraco tomar uma cerveja de qualidade duvidosa.

Ele tomou um trago e hesitou por um momento.

– Eu estou procurando um guia para uma longa viagem – declarou friamente para o taverneiro.

O homem ignorou aquelas palavras como se elas nunca tivessem sido ditas. O rei bateu com força na madeira mais uma vez. Ele ergueu a mão espalmada, esticou o dedo indicador sobre uma peça de dourada que repousava sobre o balcão e a empurrou lentamente em direção ao bodegueiro.

O taverneiro arregalou os olhos e soltou uma tosse abafada. Ele esticou os dedos gananciosos de uma mão fantasmagórica para pegar a moeda, mas o jovem rei manteve um aperto firme na cunha.

– Respostas – ordenou Arwin de um jeito áspero.

– Claro, claro, meu senhor. Tudo que o senhor precisar – a atitude do bodegueiro foi de óleo na água para um doce vinho em um estalar de dedos. Ele sorriu para Arwin com uma boca cheia de dentes pretos, e o jovem rei teve que lutar contra a repulsa que sentia.

– Sim, sim, claro. O senhor precisa de um guia – continuou o atendente, animado. – Um rapaz, um jovem viajante, sempre passa por aqui de tempos em tempos. Dizem que ele conhece todas as terras do mundo e o preço é sempre justo, não que alguém que carregue moedas de ouro precise de preços justos.

O homem deu outro sorriso cobiçoso e olhou em volta.

– Ali, ali está ele!

O taverneiro apontou justamente para o sujeito caído no canto, aquele que Arwin havia tomado por morto. O homem fedia por todos os lados como se já estivesse apodrecendo há um tempo. O atendente, percebendo a expressão no rosto do abastado cliente – uma que, dessa vez, não teve chance de ser contida a tempo –, logo argumentou.

– Não se preocupe, ele só fica assim quando tem alguns tostões para gastar. Torrou o que tinha duas noites atrás e depois tomou uma

surra tentando conseguir caridade de outros bêbados. Eu tive que continuar embebedando ele para que ficasse quieto.

– Ele é bom? – perguntou Arwin desconfiado.

– O melhor, senhor. O melhor. Eu garanto.

– Muito bem! – disse o jovem rei se levantando. – Tem alguma estalagem por aqui que as camas não tenham tantas pulgas?

O homem mediu o cliente de cima a baixo e fez um gesto sugestivo, esfregando os dedos. O rei não conseguiu evitar revirar os olhos e atirou no ar uma nova moeda de prata, que foi mordida pelo bodegueiro enquanto Arwin se perguntava se os dentes não se partiriam a qualquer momento.

– Claro, meu senhor. Estalagem Dois Pinheiros. O senhor sai pela porta e vira à esquerda, é o primeiro prédio depois do beco com um varão de amarrar cavalos.

Arwin fez um gesto com a cabeça e se virou. Olhou mais uma vez para o maltrapilho que aspirava ser seu guia e demandou ao taverneiro.

– Não o perca de vista... E, por tudo que é mais sagrado... dê um banho nele.

Tudo o que veio como resposta foi uma risada caquética.

O rei saiu pela rua, o sol já havia partido e ele foi atingido pela chuva pesada de verão. Olhou ao redor e mais uma vez sentia que estava sendo observado. Ele cobriu o rosto com a capota de couro que havia adotado por conta das chuvaradas recorrentes e caminhou ao longo da rua lamacenta.

Quando passava pelo beco indicado pelo taverneiro, ele fez um movimento rápido e vigoroso e alcançou a adaga em sua cintura. Em um piscar de olhos, grudou contra a parede um homem que o espreitava nas sombras.

Ele pressionou seu antebraço contra a clavícula do sujeito e encostou-lhe a adaga na garganta.

– Eu bem que desconfiei que estava sendo seguido... Alma.

Capítulo X

Intuições

A estalagem era muito mais elegante do que Arwin esperava.

O jovem rei e seu novo companheiro entraram pela porta e um sininho dourado tocou em algum lugar sobre suas cabeças, anunciando sua chegada. Arwin sabia que deveria fazer sua jornada sozinho e que a profecia dizia que ele deveria se mostrar digno de possuir algo tão bom que o faria o maior rei do mundo, mas ele também não podia deixar de se sentir muito feliz de gozar da presença de seu melhor amigo.

O lugar carregava o nome Dois Pinheiros em virtude das duas grossas toras do tronco de um pinheiro que queimavam em um braseiro enorme no centro do salão. Os dois nacos de madeira encarvoados tostavam fraquinho, só uma brasa cálida fumegava em cada um dos tocos. A bruma que subia do braseiro preenchia o ar com um aroma adocicado e bloqueava todo o fedor calamitoso do mundo lá fora. Era como adentrar em um outro universo.

O lado de fora da estalagem era igualmente pútrido e envelhecido como o resto da vila, mas seu interior era bem cuidado e aconchegante. O fogo das velas que queimavam baixinho espalhadas pelas paredes tornava o lugar ainda mais convidativo. Só três mesas preenchiam os espaços do salão de entrada da hospedaria, cada uma com seu próprio candelabro. As távolas eram bem antigas, mas claramente bem cuidadas, e as quatro cadeiras que acompanhavam cada uma das mesas carregavam a mesma mensagem. No chão, um tapete de pele longo e estreito se estendia em frente ao balcão, e, sobre ele, várias banquetas muito bem conservadas. Na parede atrás do balcão, algumas prateleiras, que pareciam ter sido pintadas há pouco tempo, portavam garrafas de

vários tipos de bebida e alguns copos brilhantes, os quais eram lustrados francamente por uma mulher baixinha de cabelos brancos presos em um firme coque enlaçado na parte de trás da cabeça.

A mulher tinha olhos ternos que saudavam os visitantes de forma alegre. Os cantos dos olhos e da boca mostravam linhas suaves, mas a pele era surpreendentemente bem cuidada, como se ela tivesse envelhecido só onde seu rosto fazia contornos. Suas bochechas eram macias e rosadas e o queixinho fazia Arwin se lembrar da velha ama que lhe contava histórias. Ele tinha uma sensação muito estranha com a presença da mulher, como se sentisse uma simpatia inexplicável por ela.

Os dois jovens hóspedes fizeram o gesto de se aproximar do balcão.

– Limpem os pés, rapazes – pediu a mulher sorridente antes que eles pudessem dar o primeiro passo. A voz dela era baixinha e doce.

Eles olharam para baixo e viram um capacho grosso com cerdas pesadas e trocaram risos sem graça. Limparam as botas enlameadas e se aproximaram do balcão.

Acima das prateleiras de bebidas, um grande machado de guerra – grande o suficiente para ser usado com duas mãos por um homem maior que Fergus – estava fixado em duas hastes pretas.

– Boa noite, minha senhora – disse Arwin formal. – Nós precisamos de um quarto.

– Desde quando você é tão educado?! – sussurrou Alma, que foi respondido com um cutucão de Arwin com o cotovelo na altura dos rins. O jovem soldado soltou uma tosse abafada para disfarçar o lamento doloroso que o golpe tinha lhe causado.

– Bem-vindos. Bem-vindos! – saudou a mulher. – Meu nome é Alma, sejam muito bem-vindos à estalagem Dois Pinheiros!

Arwin buscou toda a sua força de vontade para conter gargalhada abafada que escapou pelos dentes e que ele suspirou profundamente tentando, quase que em vão, disfarçar a gaitada.

– Que coincidência! – respondeu Alma, ignorando completamente o

companheiro. – Meu nome também é Alma.

A mulher ofereceu um sorriso ainda mais largo.

– Então, muito bem-vindo, Alma! – completou a estalajadeira. – E este jovem educado, como se chama?

– Ora, esse é Ar...

– Armand! – intercedeu o jovem rei. – Meu nome é Armand, nós estamos viajando para o Oeste, negociando especiarias.

Alma olhou confuso para o amigo e depois para a mulher, que parecia ter notado algo estranho. Ele soltou uma tosse forçada e continuou.

– Esse é Armand, o negociador de especiarias mais conhecido do Leste.

– Pelos deuses, cale a boca, Alma! – sussurrou Arwin, fumegando por entre os dentes.

– Ele deve ser um ótimo comerciante, e bonito também – comentou a mulher casualmente. – Os dois são.

Ela olhou os dois por inteiros e continuou.

– Ah, se eu fosse uns trinta anos mais jovem... – ela fez uma pausa e suspirou. – Eu era uma coisinha graciosa.

– Que pesadelo – sussurrou Arwin.

– Era? – disse Alma mais alto. – A senhorita com certeza ainda é tão deslumbrante quanto foi um dia e, com certeza, muito mais experiente agora.

Ele deu uma piscadela para a mulher.

– Se eu não fosse comprometido, eu e a madame poderíamos nos divertir um pouco.

A senhora corou profundamente e soltou uma risadinha histérica.

– Meu rapaz! – ela respondeu se abanando. – Como é galanteador.

Ele se inclinou apoiando o cotovelo sobre o balcão e outro sorriso largo se formou em seu rosto.

– Só quando encontro umas formosuras como a senhorita.

Os dois trocaram olhares por um longo tempo até que Arwin limpou a garganta o mais alto que conseguiu.

– Eu não quero atrapalhar os pombinhos, mas nós estamos muito cansados, a viagem tem sido bem longa.

A mulher abanou a cabeça como se tivesse sido trazida de volta à realidade.

– Claro, claro, meu jovem. Por aqui.

Ela andou até o final do balcão e abriu a portinhola, deu a volta no bar e passou pelos rapazes, fitando Alma de cima a baixo com um olhar malicioso. A doce senhorinha foi até uma das mesas, pegou um candelabro com três velas acesas e dirigiu-se para o fundo da estalagem, onde uma escadaria levava para o segundo andar.

– Desde quando você é comprometido? – perguntou Arwin em um sussurro que só Alma ouviria.

– Shh! – respondeu o rapaz, fazendo o amigo sorrir jocosamente.

Os companheiros seguiram a mucama. Apesar do aconchego e do ambiente bem cuidado, os degraus da escada rangiam a cada passo que davam. Arwin não conseguiu deixar de perceber que a passada da mulher não produzia qualquer som, era como o toque de plumas sob um monte de neve, *provavelmente pelos anos de prática caminhando nesse chão barulhento*, ele concluiu em pensamento.

No topo da escada, uma curta passagem apresentava duas portas de cada lado. A dona da estalagem os guiou até o fim do corredor e mostrou um quarto, à esquerda. O cômodo tinha duas camas separadas por uma mesinha de cabeceira. Na parede, ao lado da porta, dois ganchos grossos para pendurar suas sacolas. A única janela, no lado oposto, parecia não ser aberta há pelo menos cem

anos, os puxadores estavam quebrados e a madeira era provavelmente muito pesada. O aposento era pequeno, mas já era muito melhor do que dormir em amontoados de folhas na floresta.

A mulher colocou o candelabro na mesinha e despediu-se dos hóspedes.

– Boa noite, meus rapazes – disse a estalajadeira se virando para Alma, ela piscou o olho e lhe apertou a bochecha – Boa noite... meu querido.

Ela saiu fechando a porta lentamente.

Os dois atravessaram o quartinho em um par de passos. Como prometido pelo taberneiro, a hospedaria não tinha nenhuma pulga, mas Alma podia jurar que estava infestado de percevejos.

– Não seja idiota – dispensou Arwin, descalçando as botas. – Eu aposto que você dormiu em cima de uma ortigueira de novo

– Você nunca vai se esquecer disso? – indagou Alma rindo alto. – Foi só uma vez.

Os dois trocaram olhares entre sorrisos.

– Você sempre foi um péssimo rastreador! – provocou o jovem rei.

– Mas sempre fui melhor lutador – retrucou Alma jogando uma meia no amigo.

– Há controvérsias.

Os dois riram mais uma vez.

Eles passaram tantas coisas juntos e, apesar de tudo, Arwin estava feliz de ter aquele bufão ao seu lado.



Arwin estava em pé no cume de uma colina.

Ele podia ver todo o reino dali de cima.

Ele nunca imaginou que veria toda a vastidão de sua terra de forma tão clara, tão bonita. Tão exuberante. O castelo do rei ao longe, em todo seu esplendor, a cidade em volta dele.

Magnífica.

Campos floridos e florestas abastadas de vida se perdiam no horizonte.

A suas costas, sua corte e seu povo o saudavam. Milhares – se não milhões – de pessoas. O jovem rei podia ver a gratidão e a devoção nos olhos de todos ali. E aquilo o comovia profundamente.

Os pilares da sua vida estavam ali.

Sua amada Rhaella.

Seu querido Finn.

Seu conselheiro Fergus.

Seu leal Alma.

Ele olhou para cada um deles com um afeto crescente e vertiginoso, muito maior do que as palavras poderiam descrever. Todos eles esperando para tomá-lo em seus braços.

A grama verdejante revoava com a brisa da primavera e o sol quente aquecia seu rosto. O aroma inebriante das flores da nova estação acariciava seu olfato.

Em suas mãos, carregava um objeto brilhante. Ele sentia a vibração por entre seus dedos. Conseguia sentir a aura de poder que corria pelos seus ossos, passava pelo seu peito e aguçava profundamente cada sentido vigoroso em seu ser.

Ele tinha conseguido.

Tudo o que ele mais queria. Um reino de paz. Um reino de justiça. Um reino de lealdade.

O seu reino.

Arwin analisou novamente os rostos de cada um de seus amores, mas agora algo estava errado. Em cada traço, sinais de malícia, um ar de crueldade.

Os olhos em sua volta mudaram de cor lentamente e tomaram um tom de escarlate florescente, e a seu redor tudo escurecia, o mundo dissolvia por todos os lados em uma terrível escuridão, densa demais, como se consumido pela noite, e só aquele mar de olhos vermelhos – funestos e insaneáveis – iluminava o seu caminho.

Ele se virou e viu uma luz cortar o céu de forma violenta e lançar-se contra sua amada cidade, que se despedaçou completamente e desapareceu em uma fenda sinistra que tomava todo o vale à sua frente.

Arwin viu os olhares nefastos crescerem sobre ele e sentiu as bocas famintas que o atacavam furiosamente quando um estrondo violento ecoou dentro de si e o acordou em um sobressalto.

Ele olhou em volta e, à sua frente, um par de olhos rubros o encarava com selvageria. A débil luz turva que serpenteava no rosto da estalajadeira iluminava vagarosamente os pequenos pingos de sangue preto que haviam jorrado da ferida em seu pescoço, que tinha uma espada brilhante atravessada até o punho.

Capítulo XI

Os gestos de um rei

O aroma de rosas recheava os aposentos do regente.

Finn gostava de estar rodeado de coisas bonitas. Ele carregava em si um brio vultoso favorecido pelo seu bom gosto e finesse. Alimentava um certo rancor pela paleta acinzentada do castelo. Os quartos e corredores de teto baixo e de tênue iluminação lhe

causavam ligeira claustrofobia – poucos que viviam entre aquelas paredes conseguiam se desvencilhar desse sentimento.

Qual era o propósito de ser um membro da família real se tinha que viver naquelas condições? Aquilo não era digno de um príncipe, nem mesmo de um regente. Quem dirá de um rei. Ao menos em seus aposentos ele poderia ditar o tom da sua companhia. Diferente do quarto do casal real – que ficava na torre mais alta do castelo e, por isso, podia passar por todo tipo de alterações e reformas de acordo com a vontade de seu ocupante –, o aposento do regente era um calabouço escuro, feito de pedra pesada, e não poderia nunca ser modificado sem abalar completamente a estrutura da construção.

Ele fazia o possível para dar ao ambiente um aspecto um pouco mais elegante, airoso. Leve! Tentava, custosamente, imprimir sua personalidade no lugar e dar a ele o ar de nobreza que ele mesmo carregava em si.

Por toda a parte, no chão duro e gelado, um caleidoscópio de cores e odores em forma de flora guarnecia vasos de porcelana ataviados na medida certa. As peças alvas com delicadas concepções em anil. Louças escuras com um emaranhado artístico de dourado que, na fasciculação cintilante das chamas turbulentas emparelhadas em muitas luminárias, ganhavam vida.

Os gréses alinhados nas paredes contavam as histórias de seus próprios espólios em arquearia e equitação. Cada um mais bonito que o outro, pormenorizados até o último átomo. A ação violenta conservada no material delicado. Que ironia. Que perfeição!

Em um dos cantos, uma larga estátua de mármore muito maior que o próprio Finn ilustrava o regente se preparando para mais um disparo de arco de um tiro perfeito. Ao lado da porta, alinhados junto à parede, os bustos de pedra de seu pai e avô faziam companhia para outro do próprio regente, todos com lindas coroas de ouro maciço muito ornamentadas com pedras preciosas.

Que orgulho ele tinha daquele lugar.

Seu pai se orgulharia!

Os tapetes de veludo púrpura cobriam todo o chão feio do lugar e aquele refúgio quase sempre o fazia esquecer onde estava. A cama grande, de quatro postes, era ornada à perfeição com cortinas de seda suavemente tecidas para carregar uma leve transparência que enaltecia sua graciosidade e sutileza. Os muitos travesseiros, cobertos de pano cereja, e os lençóis perfeitamente alisados e bem asseados convidavam para uma vida de repouso e aconchego.

Sobre o regalo do ninho garboso do regente, Loran o observava preparar o painel de pintura no cavalete dourado.

– Tão quieto.

Finn se virou e sorriu.

– Estou arrumando o material para construir uma obra de arte.

Loran sorriu de volta desconfiado. Ele se virou na cama de novo e deitou observando os desenhos na cabaninha formada por cima dos quatro postes. A tenda se juntava bem alto, presa no teto. Carregava desenhos espetaculares dos feitos do príncipe. As estampas decorosas faziam jus às suas habilidades fora do comum. Um desenho em particular chamou atenção do rapaz, Finn estava em um enorme cavalo de guerra – Loran nunca soube de fato distinguir uma raça de cavalo de outra. Ele cavalgava o corcel de costas enquanto empunhava um arco curto, seus olhos transbordavam confiança. Aquela flecha já tinha destino!

O jovem servo observava maravilhado os feitos de seu companheiro. Ele viajava longe em suas façanhas, reverenciando suas conquistas, quando um estrondo violento o lançou de volta para os aposentos de seu príncipe. Olhou para o lado e viu Finn se levantar e andar com passos pesados até a porta, onde puxou uma longa corda – o cordão dourado carregava um delicado pomo púrpura feito de crochê na ponta – e fez um sino agudo soar no alto.

Momentos depois, três toques suaves ecoaram do outro lado da porta.

– Sim, Vossa Graça? – se apresentou um rapaz alto e magro, de cabelos castanhos, quando o príncipe o atendeu.

– Onde estão meus óleos? – indagou Finn, falhando miseravelmente na tentativa de mascarar sua impaciência.

O jovem servo olhou para dentro do quarto do regente, pousou os olhos por alguns segundos em Loran e, depois de um longo tempo, no qual ele parecia tentar resolver uma equação muito complicada, perguntou.

– Os óleos de pintura ou de massagem, Meu Senhor?

Loran soltou uma risadinha enquanto Finn corava as bochechas em silêncio. O príncipe hesitou por um momento e respondeu sem pompas.

– Os dois. E depressa!

O rapaz fez uma reverência e se retirou, curvado, andando de costas até Finn fechar a porta.

O príncipe se virou para mais uma rodada de risadinhas abafadas do petiz que o acompanhava. O jovem regente andou até o banquinho que estava na frente da tela de pintura e se sentou. Ele respirou fundo, soltando o ar lentamente, e virou-se para encarar Loran. Os dois trocaram olhares por um segundo e explodiram em uma torrente de risadas impetuosas. O silêncio que se seguiu quando eles conseguiram controlar o riso parecia dizer tudo o que havia entre eles e os dois só se observaram mutuamente até o retorno do serviçal.

Quando o servo retornou, Loran correu até a porta e ajudou o rapaz com os materiais que ele havia trazido para o regente. Eles alinharam tudo ao lado de Finn, que se virou novamente para preparar seu material de pintura.

Depois de mais alguns instantes, em que o som suave dos pinceis amalgamando a tinta vibrava suavemente pelo ar, o jovem príncipe mirou o companheiro com um sorriso sem graça no rosto.

– Suba no palanque... – ele disse com a voz trêmula apontando para o tablado forrado de veludo carmesim que estava montado a pouco mais de dez passos à sua frente. Em cima do palquinho, um longo

divã de couro alaranjado seria o lugar perfeito para posar. A conjuntura ideal para criar algo bonito!

Loran levantou uma sobrancelha, confuso.

– Suba... no... palanque! – repetiu Finn pausadamente, como se tentasse explicar que um mais um era dois pra alguém muito obtuso.

– Meu Senhor?

– Não seja bobo! – disse Finn se levantando. Ele caminhou até a cama e pegou o rapaz pelo braço. – Venha. Você consegue.

O regente levou o garoto até o palquinho sob protestos embatucados. Os dois subiram no palanque e Finn o empurrou para o assento do divã.

Loran o olhou apenas com os olhos, sem levantar a cabeça, e Finn sorriu.

– Agora, eu preciso que você abrace sua natureza – disse o príncipe dando as costas e descendo do palanque. Ele andou até seu banquinho e sentou-se novamente.

– Abraçar minha natureza? – perguntou Loran, agora com as duas sobrancelhas levantadas, mais confuso do que nunca.

Finn revirou os olhos impaciente.

– Não se faça de inocente. Esse jogo só serve para os nobres. Nós já conversamos bastante, você pode ser aberto comigo. Pode ser sincero.

O rapaz fez uma pausa e soltou um suspiro pesado. Ele desabotoou o botão de cima da camisa e hesitou mais uma vez, com as mãos trêmulas.

– Eu preciso mesmo?

A voz embargada de Loran fez com que o regente se levantasse imediatamente. Ele caminhou até o companheiro e sentou-se ao seu

lado. Os lábios trêmulos do garoto realçavam a súplica dos olhos. Finn olhou para baixo e puxou a gola desabotoada da camisa de cetim apenas o suficiente para desvelar uma única pequena cicatriz de forma cilíndrica. Com os lábios agora entre os dentes, Loran olhou timidamente para o príncipe, seus olhos cheios de vergonha e humilhação.

Finn o encarou nos olhos por alguns segundos e esticou uma mão estremecida em direção à veste do rapaz. Ele fez uma pausa no limiar do toque e olhou para o jovem servo outra vez. Eles estavam ligados por pensamento.

Loran fez um gesto suave com a cabeça, quase imperceptível, como se concedesse permissão ao regente. O jovem príncipe venceu a resistência invisível do curto espaço entre seus dedos e a camisa do rapaz e afastou a gola lentamente.

Uma.

Duas.

Três.

Dezenas.

Talvez centenas de cicatrizes.

Finn encarou o menino novamente, agora com a vista marejada.

Os olhos do rapaz suplicavam pela indulgência de seu príncipe enquanto uma lágrima silenciosa corria por sua bochecha corada.

Capítulo XII

Uma visita inesperada

A tempestade castigava as janelas do quartinho violentamente.

A mente de Arwin ainda estava turva e ele tentava encontrar razão no que seus olhos haviam presenciado.

Estirado no chão, na cabeceira da cama de palha onde ele dormia, jazia o corpo da mulher que os recepcionara tão bem. O sangue preto se esparramava sob o corpo inerte, os olhos encarnados esbugalhados, antes vibrantes, agora eram nebulosos, quase vazios.

– Dá para acreditar que essa coisa tinha o mesmo nome que eu? – disse Alma, sentado na outra cama. Ele tentava, com dificuldade, desinfetar a espada do visgo purulento de cor densa que impregnava sua lâmina.

Arwin se levantou da cama ainda atordoado e olhou à sua volta. No chão, ao lado do corpo, o enorme machado que adornava o salão de entrada da estalagem.

Ele se abaixou para apanhar a arma, mantendo-se alerta para qualquer sinal de perigo. O rei estava tenso, sua respiração pesada, o próprio ar parecia comprimi-lo com força. Quando seus dedos estavam quase encostando no grosso cabo do machado, um estrondo violento quase fez seu coração sair pela boca.

Ele agarrou o cabo de sua adaga com ferocidade e sacou a arma com intenções letais. Arwin se virou com uma agilidade formidável para ver que Alma havia derrubado a espada.

– Ops...

Arwin avançou sobre o amigo e o segurou pelo colarinho.

– OPS?! – vociferou, deixando de lado todas as pretensões de furtividade que ele havia planejado para a partida daquele lugar. – Você quase me matou do coração!

– Estava tentando quebrar o clima – respondeu Alma dando de ombros. – Para que toda essa intensidade, afinal?

Arwin não conseguia colocar em palavras a raiva que sentia e, por alguns instantes, arrependeu-se de não ter mandado Alma pelo caminho de volta. Ele resmungou e rosnou mais de uma vez até soltar o companheiro.

Então, andou até o machado novamente e abaixou-se para pegá-lo. Quando seus dedos se entrelaçaram no cabo do machado, ele sentiu sua superfície muito lisa, como se acabasse de ser entalhado. Tentou levantar o cabo, mas a arma sequer se mexeu, o esforço o fez vacilar para frente, em direção ao corpo da estalajadeira. Seus olhos repousaram sobre a mulher morta, a pele parecia ter se tornado muito grossa, de uma cor escura, totalmente diferente da aparência suave que ele havia visto antes. As orelhas tinham um formato esquisito e os dedos eram maiores do que os que haviam carregado os candelabros.

Ele olhou para Alma e fez um gesto confuso com os ombros.

– Como é, Arwin?! Se aquela velhota quase te transformou em guisado com essa coisa... – o rapaz se levantou e colocou-se ao lado do jovem rei.

Arwin se afastou do corpo desfalecido e deu espaço para o amigo, que se abaixou e puxou o cabo do machado com uma das mãos, o movimento provocou um estalido em seu ombro, mas a arma em si não demonstrou nenhum interesse em vencer a gravidade.

O jovem rei colocou a mão no braço de Alma, que massageava o ombro de leve, e o puxou para longe.

– Como isso é possível? – ele disse baixinho para o companheiro enquanto caminhava novamente em direção ao machado.

Ele plantou os dois pés no chão e puxou a arma com todas as forças. Ele nunca tinha visto nada tão pesado. Seus braços tremiam e sentia que suas pernas sucumbiriam a qualquer momento. Ele soltou o aparato gigantesco, que bateu no chão com um som seco, o mesmo que ele tinha ouvido em seu sonho antes de ser acordado pelo mar de olhos rubescente.

– O que aconteceu? – o jovem rei perguntou depois de um tempo.

– Eu estava tendo um pouco de dificuldade para dormir. Sabe como é, eu fico meio agitado quando alguém coloca uma faca na minha garganta e logo em seguida uma senhora octogenária me corteja sutilmente e ... – respondeu Alma casualmente.

– Alma! – interrompeu Arwin irritado. – Direto ao ponto!

O jovem soldado deu um sorriso amarelo.

– Tudo aconteceu muito rápido. Quando eu me virei, ela já estava em cima de você com o machado bem no alto. A velhota estava prontinha para te servir na próxima refeição – ele fez uma pausa e andou pelo quartinho. – Eu peguei a espada e cravei na parte de trás do pescoço dela. Ela deixou o machado cair, eu quase perdi um dedo por causa disso... Bom, o resto você já sabe.

– Como é possível? O machado é tão pesado... – sussurrou Arwin incrédulo.

– Ela estava segurando o machado com uma mão só, Arwin... – o jovem soldado estava nervoso pela primeira vez. – Dá para acreditar?

– Pegue suas coisas. Nós estamos partindo!

O rapaz não se atreveu a discutir. Eles calçaram as botas, pegaram suas sacolas e saíram pelo corredor. A escada agora parecia ainda mais barulhenta, o rangido enchia a noite.

Quando chegaram no pé da escada, Arwin percebeu algo diferente no cheiro adocicado do lugar. Olhou à sua volta e avistou o bêbado fedorento que o taverneiro havia indicado para ser seu guia. Ele mediu o homem estirado sobre a mesa e continuava a sentir uma sensação muito peculiar sobre o sujeito.

– Ele está morto? – perguntou Alma baixinho.

– Não... Eu acho que ele só precisa de um banho! – respondeu Arwin, aproximando-se do homem. – Talvez ele precise de uma pele nova...

Alma chegou perto e cutucou aquele sujeito fedorento na costela, que gemeu.

– Bom, nós ainda precisamos de um guia.

– Ele supostamente sabe chegar no cone oci... – Arwin parou de

falar e se virou para o amigo. – Como você sabe que ele seria o nosso guia?

– Eu sempre tive bons ouvidos – respondeu Alma dando de ombros.

– Excelentes ouvidos, ao que me parece. Eu mal conseguia ouvir o homem no bar – respondeu o jovem rei desconfiado.

Eles se olharam por uns instantes.

– E então? O que faremos? – questionou Alma, rompendo o silêncio.

– Nós podemos arrastá-lo – respondeu Arwin coçando o queixo. – Você pode carregá-lo, afinal não era nem para você estar nessa viagem.

– Ah, que ótima forma de agradecer a alguém que acabou de ajudá-lo a carregar as malas para o quarto... – ele fez uma pausa e simulou um espanto muito exagerado. – Oh, não! Espere! Alguém que acabou de salvar a sua vida de uma velhota assassina e excitada...

Arwin riu alto.

O homem se mexeu na cadeira e levantou a cabeça. Ele deveria ser ainda mais jovem que os dois amigos. Sua cara estava suja, mas não tinha barba.

– Olá, companheiros! – declamou o sujeito com a voz aturdida. Ele se levantou, fez uma continência e continuou, em meio a soluços fedorentos. – Nervall... às... suas ordens.

Nervall era um pouco mais baixo que Alma e tinha um cabelo vermelho de uma cor suja, ou talvez fosse só sujeira, Arwin não conseguia dizer com certeza.

– Consegue andar, Herbal? – perguntou Alma sarcasticamente.

– Claro, senhor! – o homem caminhou cambaleando até a porta e disse aos berros. – SIGAM-ME!

Arwin e Alma trocaram olhares, deram uma gargalhada e correram

atrás do guia.



Depois de três longos dias de intensa caminhada, os três viajantes finalmente encontraram as margens de um riacho, onde poderiam reabastecer os odres e descansar um pouco.

Foram necessários uns bons quarenta minutos dentro do riacho para que Nervall conseguisse se livrar do odor agudo que carregava desde que eles haviam deixado a estalagem. Arwin estava aliviado por finalmente poder respirar pelo nariz enquanto estava perto do seu novo guia.

No fim das contas, o rapaz não era tão esquisito – mas seu cabelo tinha uma cor suja mesmo, concluiu Arwin –, ele tinha um rosto confiável, apesar das suas tendências alcoólicas, e suas roupas não eram assim tão horríveis. No segundo dia de viagem, ele havia contado que tinha sido roubado enquanto guiava um casal de comerciantes de vinho, os bandidos levaram tudo o que ele tinha e o jogaram na lama, esta última parte só por diversão. Seus olhos castanhos eram sinceros como os de um garotinho. E era tão magro que Arwin se perguntava quando havia sido sua última refeição.

Os dias ficavam cada vez mais quentes, o que tornava difícil manter o passo. Nervall tinha demorado tanto no riacho que o sol já se despedia no horizonte. Então, eles resolveram montar acampamento por ali mesmo.

Alma pegou seu arco e aljava e rumou para a floresta.

– Vou trazer carne, volto em uma hora ou duas.

Arwin e Nervall se sentaram em silêncio por alguns instantes. O rapaz não era muito de papo e ficou a maior parte do tempo quieto.

– Então, por que você precisa chegar ao cone ocidental? – perguntou enquanto batia duas pedras juntas.

– Preciso chegar até a Floresta de Vrendil – respondeu Arwin despreocupado.

O guia pareceu atordoado.

– Por que alguém se aventuraria por lá? – questionou Nervall depois de algum tempo. – É um lugar hostil. E é muito longe também!

– Tenho negócios para tratar do outro lado da floresta – informou o rei.

– Do outro lado da floresta? Você ficou maluco? – o rapaz respondeu completamente indignado. – Ninguém se atreve nem a chegar perto de lá e você quer de fato atravessar a floresta?

Arwin ignorou os avisos.

– Olha, não importa o quanto o pagamento seja bom, eu não vou atravessar aquela floresta – garantiu o guia.

– Não precisa atravessá-la – respondeu Arwin. – De qualquer modo, não existem guias que possam me levar quando chegarmos às bordas da floresta.

– Eu posso! – o rapaz parecia ofendido.

– Você acabou de dizer que ninguém se atreve a chegar perto da floresta.

– Bem... Eu conheci um homem... que tinha um mapa... e ele foi... – o jovem gaguejou a frase com dificuldade.

– Tudo bem, rapaz – o rei interrompeu. – Não se preocupe. Leve-me até o cone ocidental. De lá, eu me viro.

Arwin esticou o braço e pegou três moedas de ouro em uma bolsinha. Ele puxou o braço de Nervall e colocou as moedas em sua mão.

– Leve-me até lá e você receberá mais dessas.

Nervall olhou para as moedas e resmungou algo que Arwin não pôde entender.

Quando Alma finalmente voltou, ele carregava uma corça nos

ombros. Os viajantes acenderam um fogareiro em meio às pedras da margem do riacho e prepararam a carne. Arwin era muito habilidoso com a caça – parte do seu treinamento como membro da elite do exército fez dele um exímio rastreador e caçador, além de tê-lo preparado para sobreviver na floresta. Sua adaga afiada passava com delicadeza entre a pele do animal e a fâscia fina que afixava o couro do bicho na carne grossa. Ele a separava com cuidado para não desperdiçar nada do alimento, que poderia ser a única refeição que fariam por dias.

Enquanto se preparavam para banquetear da caça fresca, ouviram vozes distantes e o som de cascos. Eles olharam em volta apreensivos por alguns instantes. De longe, iluminados timidamente pela luz da fogueira, alguns homens se aproximavam e, com eles, um cavalo muito velho e magro puxava uma carroça de quatro rodas que carregava uma jaula.

Os estranhos foram chegando ao poucos e, ao notarem os três viajantes, desviaram o caminho em direção a eles. Quando se aproximaram da luz da fogueira, Arwin podia contar seis homens e via que eram todos maltrapilhos muitos sujos. Eles usavam cotas de couro combinando com as calças de couro velho e camisas pretas muitos surradas. Pareciam muito cansados e olhavam sedentos para o assado que defumava sobre a fogueira.

Arwin hesitou por um instante, mas sabia que não podia deixá-los morrer de fome. Ele não os conhecia, mas eram o seu povo!

– Venham, meus amigos, descensem e comam, há o bastante para todos nós.

– Eu achei que quem conseguia comida ditava as regras de quem comia... – sussurrou Alma.

– Cale a boca – retrucou Arwin por entre os dentes, mantendo o sorriso. – Venham, meus amigos, venham. A água também é fresca. Descensem.

Os homens pareceram relaxar e se aproximaram do acampamento em passos tímidos. Quando um deles segurou as rédeas do cavalo que puxava a carroça e o guiou para perto do rio, as barras da jaula

ficaram à mostra, e lá, um par de olhos azuis, ardilosos e hostis os encarava intensamente. Com correntes em seus punhos e calcanhares, que estavam presas em ambos os lados da gaiola, e uma grossa corrente atada em sua cintura, uma mulher alta e morena fitava ferozmente os três viajantes.

Capítulo XIII

Cicatrizes

Os dias ensolarados de verão chegaram para ficar.

Os jardins do castelo eram o lugar favorito de Enid. Ela amava andar pelos labirintos floridos que percorriam o horizonte ao redor da cidadela. Para ela, aquele era o paraíso. As estradinhas de pedra turquesa que levavam para todos os lados dividiam espaço com arbustos altos e flores de todos os gostos, as cores eram maravilhosas e o aroma enchia seus pulmões gostosamente. Lindas fontes adornadas com belas estátuas de gesso se espalhavam por todo o jardim, várias árvores frutíferas – macieiras, figueiras e laranjeiras – forneciam frutas suculentas e sombras frescas. Era o paraíso!

Arwin havia desenhado pessoalmente aqueles jardins como presente de casamento para a rainha – seus pais não fariam qualquer uso do dote de casamento, de qualquer jeito –, mas Rhaella raramente se aventurava no lugar.

Enid gostava de sentir o cheiro das flores e ouvir o canto dos pássaros enquanto preparava os quitutes para os piqueniques que costumava fazer na companhia de Alma. Ela pensava nele o tempo todo e o tinha como um companheiro leal, ideal para uma situação difícil – para qualquer situação, na verdade. Ele era um jovem educado e atencioso, ela o achava muito engraçado e via um charme especial em sua incapacidade de controlar seu ímpeto verboso, que ele deixava escapar por entre os lábios a todo

momento. Enid adorava passar as tardes conversando com seu querido Alma, falando sobre os acontecidos na corte, caminhando longas distâncias, fofocando sobre pequenas bobagens. Às vezes, apenas se estiravam nos gramados almofadados – e muito bem cuidados – dos jardins reais e observavam um e outro pássaro empoleirado cantando para atrair uma parceira que passasse despercebida, ou abelhas voando aqui e acolá, trabalhando arduamente, pousando de flor em flor para levar sustento à sua colmeia.

Alma sempre lhe contava sobre o que acontecia na cidade, ela não saía muito. Na verdade, Enid nunca saía. Sua irmã era protetora demais. Desde que havia sofrido os terríveis ferimentos causados pelo fogo na noite em que seus pais morreram, Rhaella cuidava dela como se fosse sua própria filha. Embora a rainha fosse bem mais nova que a irmã, ela tomou para si uma pungente responsabilidade materna de protegê-la.

Mas Enid se interessava muito pelas notícias da cidade, ela achava tão excitante ouvir as contendas que aconteciam entre os moradores. Um comerciante que, por acaso – ou não –, roubou um cesto de palha do seu vizinho enquanto ele carregava algumas mercadorias. Ou um fazendeiro que viu seu potrinho recém-desmamado ser surrupiado por cima da cerca de sua estrebaria. Ela se maravilhava ao saber dos ocorridos no cotidiano de pessoas comuns. Ali na corte era tudo tão chato, tão repetitivo, todo dia parecia ser igual ao anterior e idêntico ao seguinte, já que ela sabia que nada de muito interessante aconteceria em nenhum momento. E era por isso que ela sentia falta de Alma, seu companheiro e confidente.

Sentada ali no banco de pedra, entre as lindas flores e altos arbustos, ela pensava no que ele estaria fazendo, em quais aventuras fantásticas ele estaria se envolvendo ou que comentários estaria fazendo em meio a situações difíceis – a capacidade que ele tinha de se manter tranquilo em qualquer ocasião era incomparável.

A moça sentiu um toque suave no ombro e se virou para ver a rainha sorrindo gentilmente para ela. Por um instante, perguntou-se o que a irmã fazia ali, ela estava sempre estudando, lendo, aprendendo, desenvolvendo algo, alguma poesia bonita ou um

quadro colorido. Rhaella era tão inteligente, tão dedicada e amorosa, e ela era tão meiga e caprichosa que Enid constantemente pensava com orgulho que era daquele jeito que uma rainha deveria parecer.

– Cansou de estudar, irmãzinha? – perguntou Enid com um sorriso no rosto, esticando os dedos para afagar a mão de Rhaella que lhe acariciava o ombro.

A rainha deu a volta no banco e sentou-se ao seu lado.

– Não, eu nunca me canso de aprender – disse com uma voz suave.
– Existem tantas coisas interessantes nesse mundo para se aprender.

– O que você tem estudado ultimamente? – perguntou a moça alegremente. Ela estava feliz de poder partilhar aqueles dias ensolarados sob o sol aconchegante. – Algo a respeito de antigos decretos?

Rhaella virou rapidamente os olhos para sua irmã.

– E como você sabe disso? – ela questionou gravemente. – Você andou fuçando as minhas coisas de novo?

– Não! – respondeu Enid com urgência. – Não! Não é nada disso! Uma das amas queria arrumar seu ateliê e você sabe como elas destroem tudo. Então eu entrei apenas para tirar seus materiais do caminho destrutivo dela. E acabei lendo alguns títulos, mas foi sem nenhuma intenção, e eu não li nada demais, eu juro.

Os olhos penetrantes de Rhaella analisaram os de Enid por um longo tempo.

– Conte-me! – suplicou a moça tentando quebrar a tensão no ar. – Por favor! Conte-me o que está estudando. Eu sempre me maravilho com as coisas que você me conta!

A rainha suspirou e olhou para longe, relaxando os ombros.

– Ah, o de sempre. Um pouco de poesia, um pouco de idiomas antigos – ela fez uma pausa e sua expressão endureceu um pouco. – Achei também alguns diários de guerra antigos. Muito interessantes,

o Rei Sinn era um homem muito peculiar.

– Alguns dizem que ele era um monstro – respondeu Enid meio contrariada com a afirmação.

– Os monstros também podem ser interessantes – sorriu a rainha. – Você não precisa concordar com um assunto para achá-lo interessante. Ele era um homem com um tino especial para guerra e para descobrir os anseios de seus inimigos, assim ele teria o que oferecer em troca da servidão, ou ainda descobrir o que eles mais temiam para usar contra eles e conquistá-los pela força. Ele era um rei que sabia como conseguir o que queria.

– Arwin é um grande rei – argumentou Enid involuntariamente.

A rainha suspirou um risinho por entre os lábios e abaixou a cabeça.

– Sim, ele é um grande rei.

– Você sente falta dele?

– Claro que sinto! – Rhaella respondeu de supetão.

Ela limpou a garganta e se endireitou.

– Eu sinto muita falta do meu marido. Afinal, eu sou a rainha e ele é o rei. É simplesmente lógico que eu sinta pesar na sua ausência.

Enid não respondeu e elas ficaram em silêncio por um longo tempo. O vento soprava uma brisa fraquinha que lhes acariciava os cabelos. Algumas folhas revoavam pelo ar, o farfalhar na copa das árvores era reconfortante.

Depois de um longo período, em que Enid já havia viajado a mil lugares nas asas da abelha que ela observava de longe, Rhaella tocou sua mão de leve.

– Por onde anda Alma? – o tom era casual, mas os olhos eram ávidos. – Eu achei que tinha dito para ele ficar de guarda-costas o tempo todo.

A moça prendeu a respiração e tentou desviar o olhar.

– Enid? – Rhaella sorriu amorosamente enquanto sua mão apertava os dedinhos da irmã. – Onde está o guarda real que eu designei especialmente para te proteger em todos os momentos?

– Ele... Ele... – a moça não sabia o que dizer, ela podia praticamente sentir seu cérebro se encolhendo e se esticando violentamente trabalhando em uma resposta. O que dizer? Como dizer?

– Sim? – disse a rainha se levantando. Ela andou seus passos suaves e ficou de costas para a irmã.

Enid espremia seu cérebro tentando formar uma linha de raciocínio que fosse convincente o suficiente.

– Ele está fazendo um treinamento especial com a Guarda Real! – ela falou tudo muito rápido com esperanças de que quantos mais veloz as palavras corressem pela sua garganta, mais verdadeiras elas pareceriam.

Rhaella fez um som de desaprovação com os lábios e virou-se lentamente. Ela flutuou mais uma vez em direção à irmã e a olhou de cima. Os olhos semicerrados e um sorriso nos lábios.

– Mas a guarda não faz nenhum treinamento especial sem o comandante, e aparentemente Fergus está neste exato momento em uma reunião acalorada do Conselho do rei.

Ela ergueu as mãos e tocou as maçãs do rosto da irmã, que coraram profundamente.

– Onde ele está? – sua voz doce causou arrepios de prazer em Enid, que fechou os olhos e respirou fundo.

A moça resfolegava gradativamente enquanto a prensa da rainha em suas bochechas se tornava mais firme.

– Enid, abra os olhos – pediu a rainha se aproximando.

Enid já começava a tremer e seu rosto ficava cada vez mais vermelho, sua mente queria deixar o corpo, ela percebia seu

coração bater descontroladamente no peito e era como se seu mundo ruísse à sua volta. Era difícil respirar, ela sentia que sua garganta queria se fechar e ela sufocaria a qualquer momento.

– Enid! – vociferou a rainha. – Quantas vezes eu disse para não fazer isso? Respire, Enid! Respire!

A moça abriu os olhos em um sobressalto e seu rosto foi drenando lentamente. Enquanto tentava recuperar o fôlego, Enid olhou em volta e, ascendendo aos céus, em sua frente, ela podia ver o olhar intenso de sua irmã. Ela se jogou para frente e a abraçou.

– Shh! Shh! Tudo bem, já passou... – Rhaella dava tapinhas nas costas da irmã enquanto acariciava seu cabelo com a outra mão. – Agora me diga. Onde está Alma?

– Ele... Ele partiu... há quase uma lua.

– Partiu para onde? – perguntou a rainha despreocupada.

– Eu não sei.

– Enid?! – pressionou a matriarca, agora com a voz mais áspera.

– Tudo bem. Ele foi atrás do rei. Ele queria ajudar – respondeu Enid suplicante.

Rhaella fez uma pausa e, por alguns instantes, parecia que ela iria explodir. Suas pupilas se dilataram vigorosamente mesmo no dia claro de verão, seus olhos marejaram de leve.

Depois do que poderia ser uma eternidade, ela suspirou baixinho e olhou para a irmã.

– Você devia ter me avisado, eu colocaria outra pessoa para te proteger.

– Proteger-me das flores! – retrucou Enid com uma gargalhada. Ela percebeu no mesmo instante que não tinha escolhido a melhor das táticas de comunicação.

Rhaella disparou um olhar fulminante para a irmã, mas sua voz saiu

suave.

– Eu só quero que você esteja a salvo.

– Eu não corro nenhum perigo dentro dos muros do castelo – disse com uma voz mole. – Você não precisa se preocupar, irmãzinha. Pelo menos agora ele pode proteger Arwin.

Rhaella a olhou com desagrado.

– O rei... – corrigiu Enid. – Assim ele pode proteger o rei...

O rosto da rainha suavizou e ela deu um sorriso de canto de boca.

– Está tudo bem, só precisamos arrumar outra pessoa para te proteger. De qualquer forma, eu acho mesmo que você estava passando tempo demais com aquele rapaz – o tom era muito mais leve e a matriarca esboçava um riso tranquilo.

Enid estendeu a mão e tocou o rosto da irmã.

– Não precisa se preocupar... – a moça abandonou a tentativa quando percebeu Rhaella lançando uma expressão de alerta.

– Eu vou pedir para Fergus providenciar uma nova escolta para você – declarou a rainha enquanto seus dedos encontravam a mão de Enid que repousava seu rosto. – E me avise se este resolver desaparecer do posto também. Eu preciso voltar a estudar. Pode ficar aqui por enquanto, tome um chá. Eu vou garantir que você esteja sempre a salvo. Eu nunca mais vou deixar que você se machuque.

Rhaella sorriu e acariciou o rosto da irmã.

Ela hesitou por um momento e se levantou dando uma boa olhada no jardim que fora construído em sua homenagem. Deu um suspiro duro, virou-se e caminhou ao longo da estradinha de paralelepípedos celestiais.

Transgressões no reino

Nem a chuva pesada dissolvia o clima denso que cercava o acampamento.

Arwin se perguntava que tipo de pessoa violenta precisava de tantas amarras para ser contida. Ele passou algumas horas observando a mulher dentro da jaula. Ela estava tão suja quanto seus captores e sua aparência era ainda mais agressiva. Seu cabelo era curto e preto como a noite, a franja curtinha que provavelmente cobriria parte dos olhos estava colada na testa por causa da chuva, seus olhos azuis pareciam brilhar no escuro e, mais de uma vez, Arwin podia jurar ter visto as pupilas se contraindo na vertical, como as de um gato.

Ele achou melhor não interrogar muito sobre a situação da prisioneira. Embora a curiosidade gritasse desesperadamente dentro do seu peito, o jovem rei tinha certeza de que era melhor manter a descrição e não dar motivos para aqueles homens criarem qualquer problema. Ele queria continuar seu caminho e terminar a missão.

– Então, onde pegaram a boneca? – disparou Alma, sem qualquer aviso, para um dos homens

Arwin bateu a mão na testa e sacudiu a cabeça.

O homem que estava mais perto dele o fitou dos pés à cabeça e cuspiu no chão. Era um sujeito bruto de maxilar largo, muito maior que o jovem soldado. A cabeça careca carregava vários círculos tatuados onde um dia crescera cabelo, a barba grossa por fazer estava muito suja e alguns pedaços da corça que eles haviam repartido com o rei ainda apareciam dependurados por ali. O rosto era desfigurado em alguns lugares, um buraco putrefato tomava o lugar onde um dia foi o olho direito e um pedaço da orelha do mesmo lado parecia ter se perdido pelo caminho.

– Ela mercadoria! – bradou o homem com uma voz gutural.

– Ela mercadoria? – perguntou Alma confuso. – O que quer dizer?

O homem bateu forte com a mão sobre a placa de aço que protegia sua coxa. Ele bateu de novo. E de novo.

– Ela mercadoria! Ela mercadoria! – repetia em breves grunhidos. E batia na coxa com violência.

– Você quer dizer que ela é uma escrava? – perguntou Arwin se voltando para a jaula. – Você vai vendê-la?

O homem rosnou novamente, mas não aparentava ter tentado formar nenhuma nova palavra.

– Ele tem um pouco de dificuldade para falar – respondeu outro sujeito. – Meu nome é Eurilio. Nós somos caçadores de recompensa.

– Seu amigo aí, ele tomou muitas pancadas na cabeça? – perguntou Alma, fazendo um gesto sugestivo com o indicador rodando na órbita de sua orelha direita.

– Ele é parte ogro – respondeu Eurilio. – Sabe como é, né? Época de guerra, escassez de alimentos e de... mulheres. O pai dele teve filhos meio-tudo, um de cada raça. Provavelmente uma centena, espalhados pelo planeta inteiro.

Alma gargalhou alto.

– Que tipo de recompensa alguém precisa ter sobre sua cabeça para ser acorrentada dessa forma? – perguntou Arwin.

O líder do grupo deu mais uma mordida no pedaço de carne que segurava firme entre os dedos engordurados.

– Um tipo muito especial! – a boca cheia espirrava um pouco de comida meio mastigada para todos os lados. – Um nobre da capital ofereceu uma boa soma para quem encontrasse uma mestiça da floresta.

– Qual nobre? – a pergunta de Arwin foi rápida demais para disfarçar seu conhecimento sobre os membros da corte.

O homem olhou curioso para o jovem rei e, depois, para seus companheiros. Ele observou à sua volta lentamente, analisando a

posição estratégica de cada grupo.

Alma se levantou, desembainhou a espada, sentou-se novamente e começou a limpar a lâmina com um trapo velho, mas, no punho da espada, as juntas dos dedos estavam esbranquiçadas do aperto firme do soldado.

– Ora, nós não perguntamos nomes, só perguntamos os valores – disse Eurilio com uma risada forçada. Ele balançou os braços para cima e para baixo, e os outros homens se uniram a ele na tentativa de acalmar os ânimos.

– Então essa mulher não cometeu nenhum crime ou falta? – perguntou Nervall, que parecia evitar olhar na direção da gaiola. – Vocês só pegaram qualquer mestiça e a trouxeram como prisioneira?

Os homens trocaram olhares desconfiados.

– Qual o preço, então? – perguntou Arwin.

– Cem moedas de ouro por uma mestiça da floresta de pele acastanhada – esclareceu Eurilio.

Arwin se levantou e, em um movimento rápido, arrancou a bolsinha de dinheiro de sua cintura e atirou-a para o homem.

– Aqui tem cento e cinquenta moedas de ouro e trinta moedas de prata. Eu fico com a mestiça.

Eurilio pesou a bolsa na mão.

– Era o dobro se tivesse olhos azuis.

Arwin esticou a mão para o lado sem dizer uma palavra e Alma colocou outra bolsa de moedas em sua mão. Ele a pesou por uns segundos e atirou a segunda saca para o homem.

– Tem mais duzentas moedas de ouro aí.

– Cento e noventa e sete... – corrigiu Alma.

Arwin disparou um olhar incrédulo para ele.

– O que? Temos que ser honestos com o homem! – completou o jovem soldado dando de ombros.

Eurilio considerou os dois por um instante e soltou uma gargalhada virulenta.

– VENDIDO! – ele gritou sob os urros de aprovação de seus companheiros.

– Eu deveria ter cobrado mais – suspirou Nervall.

– Não se preocupe, companheiro, você vai receber muito mais do que isso quando for o momento – disse Alma, esticando o braço para consolar o rapaz.

Quando os dedos do jovem soldado tocaram os ombros do guia, a manga de seu camisão se encolheu e revelou um bracelete dourado ornamentado com uma vistosa safira que, no reflexo da fogueira, parecia iluminar toda a floresta para além do riacho e do acampamento.

Arwin olhou para o bracelete e depois para Alma, que não tinha se dado conta de nada. Ele encarou o bracelete mais uma vez e depois os homens ao seu redor. O olhar dos visitantes era de uma ganância repugnante.

– Alma... – ele sussurrou para o amigo.

O jovem soldado se virou ainda sorrindo e viu a preocupação nos olhos de Arwin.

– Ora, ora! – disse Eurilio se levantando. – Eu acho que podemos levar esse bracelete também. Talvez todos nós pudéssemos nos aposentar com ele.

– Não é uma boa ideia... – respondeu Arwin sem se mexer ou demonstrar qualquer preocupação.

– Vamos lá, rapazes. Nós somos seis e vocês são apenas três. Dois pra um é uma aposta perdida – disse o sujeito de braços abertos. –

Sejamos razoáveis, ninguém precisa se machucar.

– Dois. São só dois... – interveio Nervall apavorado, ele parecia tremer. – Eu não luto!

– Obrigado, hein, companheiro? – respondeu Alma sarcasticamente.

– Viu? Alguém já entendeu o recado. Seis contra dois! – o sorriso de Eurilio era nauseante. – Vamos, façam as contas!

– Droga! – resmungou Alma revirando os olhos.

O jovem soldado levantou a espada em um ímpeto violento e a lâmina desenhou um borrão no ar. Com um único golpe furioso, ele decepou o braço do meio-ogro que estava do seu lado, e, no mesmo fluido de movimento, projetou o corpo para frente, colocando-se de pé, girou a espada no ar e, em outro golpe perfeito, decapitou o homem em menos de um segundo.

– Cinco... – ele parou sorrindo, apoiando-se na espada. – Cinco contra dois. Ainda querem manter a aposta?

– Belo golpe – disse Arwin em um sussurro audível.

– Foi, não foi?! Eu estou me acostumando ainda com espadas longas...

– Ei! – gritou Eurilio. – Ainda somos cinco!

Arwin desembainhou a espada e os dois amigos se lançaram ao combate.

Os homens, pegos de surpresa, não conseguiram reagir a tempo. Arwin girou a espada em sua mão direita e fez um movimento poderoso de baixo para cima, cortando a coxa do homem à sua frente, o caçador de recompensas caiu sobre um joelho e o veterano de guerra lhe deu uma joelhada no queixo, o criminoso se debateu por mais um segundo e desabou desacordado.

No outro canto do acampamento, Alma fez dois movimentos rápidos e, em um único ataque, matou dois homens. Cortou a garganta do primeiro, que esguichou sangue, fazendo um ruído

profundo e borbulhoso. Com um segundo movimento veloz, ele rodopiou e cravou a espada direto no plexo solar de seu oponente.

Alma olhou para Arwin e fez um gesto positivo com o polegar levantado e um sorriso bobo na cara.

O rei encarou os dois adversários restantes e caminhou em sua direção em passos largos. Eurilio estava paralisado e dava passinhos para trás enquanto o outro homem soltou um grito de guerra e correu na direção de Arwin. O agressor levantou um machado de guerra bem alto e o desceu na direção do rapaz, que desviou virando o corpo de lado. Quando o machado passou rente ao seu corpo, o rei esticou o braço na altura dos ombros do sujeito e usou a própria força do meliante contra ele. Arwin empurrou o tronco do homem para trás e as pernas – que não acompanharam o impulso de parada – foram ao ar, seu adversário caiu de costas com um impacto seco no chão e não se mexeu mais.

– Tome, eu não quero nada! – disse Eurilio com a voz trêmula, jogando as bolsas de ouro na direção do rei. – Eu não quero ouro. Não quero escravos. Me deixe em paz!

Arwin andou até o homem em três grandes passos e se aproximou o suficiente para levantar a espada bem alto e bater com o pomo da arma entre os olhos do larápio, que se desmanchou no próprio esqueleto.



– Como é seu nome? – perguntou Alma se aproximando da carroça.

A cativa não demonstrou qualquer sinal de ter entendido. Ela só ficava ali, entrevendo-os com ferocidade no olhar. Alma não podia deixar de notar sua natureza meio animal, e se sentia uma presa sendo rodeada por um predador muito perigoso.

– Está ferida? – o rapaz insistiu.

– Talvez ela não fale nossa língua – sugeriu Arwin.

– Talvez ela seja retardada – atravessou Nervall.

O movimento rápido da cabeça da prisioneira fez o guia cambalear para trás e tropeçar na perna de um dos corpos que resultaram da batalha.

Alma e Arwin riram alto.

– Nervoso, huh?! – riu Alma.

– Parece que ela entendeu cada palavra – ponderou Arwin, caminhando em direção à mulher misteriosa. – Nós não iremos machucá-la.

O rei andou o restante do caminho removendo o cinto que carregava sua espada e adaga e o atirou ao chão. Ele abriu os braços em sinal de confiança e se aproximou das travas. Apesar de todas as correntes que seguravam a cativa, o fecho da jaula não passava de um prego grosso de ferro fundido atravessado em um trinco velho, e mesmo que fosse um cadeado maciço, a fechadura era tão antiga e estava tão enferrujada que qualquer pancada arruinaria seus propósitos.

Arwin removeu o ferrolho e puxou o trinco, abrindo a portinhola da gaiola. A encarcerada franziu o cenho, mas não se mexeu. O jovem rei fez outro gesto em direção ao tornozelo direito da prisioneira, que se movia compulsivamente cada vez que ele se aproximava de suas amarras.

– Ei! – disse Alma. – Dá pra ficar quieta?

Ela virou olhos assassinos para ele, que engoliu a seco.

– Ou não. Você escolhe – ponderou Alma com um sorriso amarelo.

– Procurem uma chave – comandou Arwin se virando e andando em direção ao corpo desfalecido de Eurilio.

Eles procuraram por alguns minutos sem sucesso.

– Incrível! – gritou Alma.

O jovem soldado veio correndo na direção da carroça balançando alguma coisa no ar. Arwin levou um tempo para conseguir enfocar

os olhos na luz fraca do acampamento, mas, quando sua vista se ajustou, ele percebeu o objeto inusitado que o companheiro carregava.

– Ainda bem que não caiu muito longe – disse o jovem soldado rindo alegremente enquanto estendia o braço decepado do meio-ogro e, amarrado bem firme no pulso do troglodita, um par de chaves enferrujadas.

– Agora... isso é uma história pra contar – disse Nervall impressionado.

Alma sorriu na direção do guia e empurrou seu ombro amistosamente.

– E agora?

– Agora nós a libertaremos. Eu não posso permitir tráfico de escravos no meu rei... – Arwin parou no meio da sentença e as palavras ficaram suspensas no ar para sempre.

– Reinante... reinador... – completou Alma vacilante. – Reitador!

– Que?! – indagou Nervall confuso.

– Reitador? – perguntou Arwin baixinho, com uma sobrancelha levantada.

Alma limpou a garganta bem alto.

– Quem não odeia escravos, não é mesmo? – ele deu uma risada forçada.

Nervall olhou para Arwin e deu de ombros. Ele já tinha a impressão de que Alma tinha um parafuso a menos e era uma questão de tempo para ele perder a cabeça de vez.

Arwin andou até a carroça novamente e parou na frente da mulher.

– Eu não vou feri-la. Eu só quero ajudar – ele mostrou as chaves à prisioneira e levantou os braços lentamente em direção aos grilhões amarrados à sua perna. Tentou uma chave, sem sucesso, e depois a

outra. O trinco abriu fácil com um tintilar agudo e Arwin entendeu a resistência que ela demonstrava. Os calcanhares estavam em carne viva, provavelmente por estarem acorrentados há muito tempo ou pelas tentativas incansáveis de romper as amarras. No lugar onde a pele havia se curado, em alguma extensão, o couro estava meio derretido – aquela cicatriz era uma visão desagradável até mesmo para um veterano de batalha.

O rei libertou a outra perna da mulher e se afastou um pouco.

– Eu vou precisar subir na carroça para soltar seus braços. Eu não vou machucá-la... – Arwin disse aquilo com a maior cautela que conseguiu reunir.

Ele colocou um pé na borda da madeira velha e impulsionou seu corpo para cima da carroça, que balançou um pouco enquanto ele projetava o peso para frente tentando alcançar as correntes que a seguravam pelo meio.

A amarra em sua cintura não possuía cadeados, estava enrolada bem apertada com um nó pretensioso enroscado à frente. Arwin desenrolou-a lentamente, cuidadoso para não ferir ainda mais a pele já sensibilizada. Quando o último elo da corrente abandonou o toque da prisioneira, sem um único sinal de perigo ou qualquer aviso, ela fez um movimento rápido com as pernas e empurrou seu redentor furiosamente contra as barras. Ele bateu as costas violentamente contra a gaiola e a mulher colocou um pé em seu peito e o outro em sua garganta.

– Ho ho ho! Não é à toa que eles acorrentaram as pernas dela também – comentou Alma impressionado.

– Uma ajudinha aqui... – pediu Arwin engasgando.

Nervall deu um passo à frente e tentou soltar as pernas que constringiam o peito do rei vigorosamente.

– Nah! Eu acho que você tem tudo sobre controle, companheiro! – continuou o jovem soldado despreocupadamente.

Arwin revirou os olhos para o amigo e, em um movimento

poderoso, libertou-se da mulher, virando-a no ar. Ela ficou pendurada em uma posição engraçada. Debruçada no ar, a um pouco mais de cinco palmos de altura do fundo da carroça, seus braços ficaram cruzados acima da cabeça como uma boneca de pano desengonçada.

– Eu disse que estava tudo sob controle – repetiu Alma despreocupado.

– Eu só quero ajudar! – disse Arwin tentando manter a estabilidade em sua voz em meio ao esforço.

Depois de mais um pouco de luta, em que a prisioneira tentava soltar suas pernas do aperto firme do jovem rei, ela relaxou. Arwin a abaixou com cuidado e repetiu afetuosamente.

– Eu só quero ajudar... – ele colocou os pés dela com cuidado no chão da gaiola e se inclinou para frente para soltar seus punhos.

Apesar da luta travada quando seus pés haviam sido liberados, quando o rei soltou o segundo braço, a mulher desabou em seus braços, ele conseguiu pegá-la ainda no ar. O rapaz a levou até a beira da madeira puída e a desceu com cuidado. Ele saiu com dificuldade pela portinhola e colocou a cativa sentada na beirada da carroça.

A mulher olhou para os viajantes e depois para os corpos de seus captores caídos. Como se calculasse suas chances de sobrevivência ou de fuga.

– Deem espaço para ela! Deixem ela respirar! – comandou Arwin abrindo os braços para os outros e se afastando um pouco. Ele deu dois passos para trás e inclinou-se sobre os joelhos para ficar na altura da mulher. – Você está a salvo agora! Você está bem? Como se chama?

– Oh, vamos dar espaço pra ela! – zombou Alma enquanto o amigo pressionava a cativa.

Nervall engoliu a risada quando a encarcerada recém-libertada lhe disparou um olhar fulminante. Ela observou mais uma vez os

arredores e parou os olhos por mais alguns segundos sobre a fogueira. O fogo já queimava baixinho e a luz da aurora que surgia por entre as nuvens de chuva, que decidira por uma trégua, já iluminava o acampamento o suficiente para que os rapazes acompanhassem cada movimento e expressões da mulher.

Sem mexer a cabeça, ela olhou de canto de olho para Alma e, depois de um longo tempo, para Arwin. Mas parecia não se importar com a presença de Nervall, talvez ele não fosse uma ameaça. Ela encarou o chão e se encolheu um pouco, como se estivesse com muito frio ou cansada. A prisioneira deve ter sentido que o gesto tinha feito os viajantes relaxarem e, na primeira oportunidade, atirou-se para frente e correu em direção ao braseiro.

– Ei! – disse Alma alcançando o punho da espada com a intenção de avançar em direção à fugitiva.

Arwin esticou o braço e colocou suas mãos suavemente sobre o dorso da mão que segurava a espada.

– Espere! – disse com delicadeza, um sorriso bobo em seu rosto.

Ele andou até o tronco em que havia passado a noite inteira sentado observando os mercadores de escravos e admirou satisfeito enquanto a mulher atacava os restos das costelas da corça que ainda balançavam sobre o fogo.

Capítulo XV

O manto do herói

A luz pálida do luar era uma vista rara nas noites chuvosas de verão.

Mesmo já servindo há quase trinta outonos como capitão da Guarda Real, Fergus ainda gostava de andar pelas muralhas do castelo como em sua época de recruta, quando o ainda aspirante à soldado de elite era forçado a patrulhar as fortificações reais. Depois de tantos e longos anos servindo ao exército do seu soberano – e do pai dele antes deste –, ele ainda se impressionava com o esplendor que aquela construção magnífica carregava.

Às suas costas, a cidadela do rei se elevava aos céus em infindáveis torres de pedra preta. As raras sacadinhas do castelo dividiam espaço com os – tão raros quanto – pontilhados de janelas, com uma iluminação áurea de velas ou tochas em algum lugar no recinto. A construção se camuflava na noite, com certeza um projeto ardiloso para diminuir a eficiência em casos de cerco. A vastidão daquela obra e do campo de treinamento era uma vista formidável.

Sob seus pés, a poderosa muralha – que nunca tinha cedido a um ataque nem em mil anos – se alongava por toda fronteira entre o castelo, a cidade e as florestas espessas. A construção havia sido feita com esmero, era uma obra de engenharia que rivalizava com os maiores construtores do reino, humanos ou não. O monólito de pedra dura era protegido por imensas lanças dos dois lados, várias torres de vigia se espalhavam em toda a sua extensão e, sobre elas, enormes piras sempre prontas para queimar – um mecanismo eficiente de comunicação em caso de problemas no castelo ou de qualquer tipo de invasão.

Ele gostava de ir ali à noite e passar um tempo sozinho, apenas com seus próprios pensamentos – agora mais do que nunca, com Arwin

longe de casa e rodeado pela ameaça de revolta que nunca ouvira falar. O comandante passou por mais uma casinha de vigias em passos pesados e dispensou os soldados que guardavam o local.

– Mas, Senhor... – começou um dos sentinelas gaguejando. – Nós... não podemos deixar nossos postos.

– Relaxe, rapaz, eu estou dispensando vocês por algumas horas – a voz profunda de Fergus não era passível de questionamentos. – Podem ir, eu ficarei de guarda.

Os dois guardas se entreolharam confusos.

– Vamos, garotos! Eu sou velho, mas sou capaz de ficar de olho em uma mureta – Fergus ofereceu um sorriso com os olhos apertados.

Os vigias deram de ombros e giraram sobre os calcanhares. Caminharam a passos largos e Fergus pôde ouvir um deles dizer ao longe.

– Finalmente eu vou ter uma noite de sono.

O comandante não conseguiu deixar de sorrir outra vez. Ele andou mais um pouco e olhou por cima da muralha. Onde estaria Arwin? Seus olhos, já ajustados à luz fraca das tochas espalhadas pela muralha, ficaram um pouco turvos e ele os fechou bem forte por um segundo. Quando as pálpebras deram partida uma outra vez, olhou à sua volta, virou-se e foi até a casinha de vigia seguinte. Garantiu que não havia ninguém no lugar e caminhou de volta para ficar entre os dois postos de observação abandonados.

– Pode falar abertamente, estamos sozinhos – disse o capitão para o vento enquanto encarava o horizonte.

– Parece que seus instintos estão cada dia mais afiados, meu velho – declarou Vallro aparecendo em pleno ar. – Fica cada dia mais difícil surpreender você, sua mula velha.

Fergus riu baixinho

– Ou você que está ficando velho demais para isso, meu *velho* ! – o capitão enfatizou a última palavra.

Vallro se aproximou do comandante e encostou-se na muretinha que guarnecia as passarelas da muralha.

– Eu acho que estamos todos muito velhos – admitiu o investigador removendo o capuz. Ele não aparecia tão sobrenatural quanto suas atitudes sugeriam. Ele era muito mais baixo que Fergus e, apesar dos olhos cinzentos, quase brancos, muito desconfiados e alertas, tinha um rosto agradável que inspirava confiança. O cabelo era bem branco como a neve e já carregava no rosto as suaves marcas da longevidade, várias linhas tracejavam os contornos de seus olhos e boca e se desenhavam suavemente em sua testa. As orelhas levemente pontudas eram a razão para cobrir a cabeça a maior parte do tempo.

– Talvez seja verdade – riu Fergus. – Mas pelo menos ainda temos vigor o suficiente para servir a um bom rei.

– Bons reis...

– Bons reis? – questionou o capitão.

– O que faz um bom rei, meu amigo? – indagou Vallro sem hesitar.

– Essa é uma pergunta tão nebulosa e difícil de se responder que poderíamos ficar aqui por eras debatendo suas nuances e muitas facetas.

– Aparentemente aqueles que se sacrificam pelo seu reino em uma viagem que, mesmo que seja uma loucura completa, poderia resultar em algo bom – respondeu Fergus.

Vallro suspirou.

– Nós devíamos tê-lo impedido. Foi uma loucura deixá-lo partir sozinho.

– Ele não foi sozinho.

– O que quer dizer? – questionou Vallro, virando-se.

– Alma foi com ele – um sorriso pueril se formou no rosto do veterano.

O investigador tornou ao horizonte outra vez e sorriu.

– A mula velha ataca novamente, eu deveria desconfiar – Vallro parecia tão aliviado que se permitiu suspirar um riso leve. – Como Alma vai encontrar Arwin?

Fergus de uma gargalhada.

– Eu treinei aquele menino desde antes de ele aprender a falar. Eu convoquei Alma e disse que Arwin sairia por uma passagem secreta que fica nos aposentos do rei. A passagem levaria até o lado noroeste da muralha, onde tem menos guardas, e de lá ele iria para Shirim, que é a cidade que fica na direção da estrada mais próxima daquela saída. Lá, ele procuraria um guia. É isso o que eu faria e é exatamente o que o garoto fará. Alma só precisaria estar atento para não ser visto e para proteger Arwin em caso de perigo.

Vallro o observava admirado.

– Você tem certeza de que não gostaria de ser investigador?

– Não, meu caro, um cargo importante já é o suficiente para mim – Fergus riu de novo, esticando as costas. – Além do mais, você ainda tem muitas estações para pagar pelo atrevimento de ter aceitado o cargo.

– A rainha não vai ficar muito contente com a nova atribuição de Alma – afirmou Vallro assumindo uma postura mais séria. – Ela precisa que seu tesouro seja guardado a todo momento.

– Não se preocupe, eu sei lidar com a rainha – respondeu o capitão no mesmo tom.

– Eu espero que sim, meu amigo. Sabe como ela fica nervosa às vezes...

Os dois observaram o horizonte por mais um tempo.

– Eu tenho certeza que Alma se jogou em cima do Arwin na primeira oportunidade – disse Vallro, quebrando o silêncio.

– Eu não tenho dúvidas – suspirou Fergus. – Mas ele é um bom garoto, e um sorriso amigo vai manter a cabeça de Arwin no lugar.

– Por que você permitiu que ele fizesse isso? – questionou o investigador.

– Ele é o rei! – proclamou Fergus de forma importante.

– Pare de bobagem, nós dois sabemos que, se você tivesse dito alguma coisa, você poderia fazê-lo ficar de castigo no quarto por uma semana.

O comandante observava o companheiro com pesar nos olhos.

– Ele tem que descobrir o próprio caminho – o mentor buscava formas de validar as ações de seu pupilo. – Ele é o rei.

– Ele é um rei.... muito, muito jovem... que recebeu uma coroa... muito, muito cedo... – disse Vallro medindo cada palavra com cuidado. – Você precisa guiá-lo o máximo que puder, iluminar seu caminho, ser seus olhos, braços e pernas, se for possível. Você é um bom homem e serviu por mais tempo do que qualquer outro soldado.

– Mas eu não sou o rei! – retorquiu Fergus impaciente. Abaixou a cabeça e olhou de novo para o velho amigo. – Arwin precisa traçar o próprio caminho, eu só posso guiá-lo até certo ponto, eu não poderei protegê-lo para sempre e ele deve aprender a trilhar a própria estrada. O caminho às vezes é duro demais e escarpado, e ele tem que saber que pode caminhá-lo sozinho.

– Há outras formas de trilhar bons caminhos sem recorrer a superstições tolas e profecias incoerentes – o investigador não se incomodou com o tom firme e urgente que Fergus carregava na voz. Ele se mantinha calmo, e a firmeza em seu timbre deixava isso perfeitamente claro.

– Ele está fazendo o que acha que é certo – insistiu o comandante com pesar.

– Ele está fazendo o que é fácil – acrescentou de prontidão o investigador. – E isso não é do feitio dele. Eu sei disso porque sei

que você o educou como seu próprio filho. Eu sei que você passou mais tempo com ele do que a própria família do rei.

O investigador viu os olhos de Fergus marejarem na luz fraca oferecida pela lua crescente.

– Ele é um bom rei, Fergus – continuou Vallro. – E, com a sua ajuda, ele se tornará um grande rei.

Ele limpou a garganta e virou-se para Fergus, que, percebendo o movimento, moveu-se para encarar o companheiro.

– Arwin é um bom homem e uma boa pessoa – seu tom de voz era tranquilo, mas os olhos demonstravam urgência. – Mas ele tem que ter a cabeça no lugar. Um homem que não sabe quem é fica à mercê de que os outros digam quem ele é. Um homem que tem medo do mundo, que tem medo de si mesmo, é facilmente controlado, muitas vezes por seu próprio medo.

Fergus buscava as palavras exatas para responder àquelas acusações à altura.

– Arwin não tem medo de nada, ele é o homem mais corajoso que eu já conheci. E o mais leal. Ele tentaria de tudo para fazer o que é certo, não importando as consequências. Ele é horando e vai trazer honra para sua casa! – o discurso poderoso encheria os ouvidos de qualquer um de orgulho.

– Honra, justiça... a coisa certa, lealdade... Ele pode fazer tudo isso sem precisar bancar o herói – respondeu Vallro sem hesitação.

– Mas é isso que os heróis fazem!

– Não existem heróis escolhidos pelo destino, Fergus! – Vallro deu traços de perder a calma pela primeira vez. – Profecias, lendas, sorte nas estrelas. Esses não deveriam ser os guias de um rei. Ele precisa ser muito mais do que isso, ele deve deixar para trás a crença de que todas as soluções cairão do céu no colo dele para que ele possa descansar sobre um mar de vitórias sem qualquer esforço. Não ficar à mercê do destino. Isso seria loucura e não é a maneira que um rei deve agir.

– Arwin não foi escolhido pelo destino – afirmou Fergus se elevando em toda a sua estatura. – Um herói de verdade não é aquele escolhido pelo destino por profecias bem fraseadas. O herói é aquele que escolhe agir onde ninguém mais escolheria. Porque é certo! E porque é justo! Um herói não é aquele escolhido pelo destino para mudar o futuro, é aquele escolhe tomar uma atitude para corrigir o destino.

Vallro perdeu as palavras pela primeira vez e os dois se encararam intensamente.

– Você tem isso por escrito? – disse Vallro finalmente com um sorriso nos lábios, rompendo o silêncio.

Fergus sorriu de volta e relaxou. Os dois amigos se viraram para além da muralha.

– Nosso garoto vai voltar, Vallro.



– Eu achei que ninguém mais se aventurava por aqui – sussurrou Quimir se aproximando em meio às prateleiras.

Vallro se virou de sobressalto ao perceber o novo visitante. Ele olhou à sua volta confuso, procurando a fonte de sua perturbação. Ele encarou o Mestre da Moeda, que segurava uma tocha flamejante, mas conseguiu disfarçar a surpresa de sua chegada.

– Eu tinha exatamente a mesma impressão – declarou o investigador. – O que faz por aqui?

Quimir esticou o braço e encostou a tocha em um vinco profundo na parede de pedra. Um longo rastro de fogo começou a se formar por toda a extensão das paredes do repositório do reino. O lugar, que lembrava uma catacumba abandonada, estava muito empoeirado. A chama correu como lava por todos os lados e acendeu diversas piras espalhadas ao longo do caminho, iluminando todo o recinto. A luz cálida dançava na parede escura de uma forma peculiar, como se a pedra ali fosse feita para absorver não só o calor, como a própria luminescência que a tocava. Centenas, se não

milhares, de estantes de madeira muito velhas se espalhavam pelo ambiente. A cerejeira era tão puída que poderia estar ali desde antes de o castelo ser erguido e o cheiro de mofo que exalava por todos os lados sufocaria até mesmo as baratas de tamanho avantajado da parte periférica da capital.

Ali era onde ficavam armazenados todos os manuscritos reais, os acordos fechados pelo trono, os decretos mais antigos. Todas as leis e ordens do reino estavam estampadas em alguma daquelas páginas que se espalhavam por todo lado, empilhadas em caixotes, dentro de livros, enroladas em pergaminhos selados com a pata de urso pardo do rei. Os marcos – e as marcas – de tudo feito por todos os reis até aquele momento, tudo o que havia sido firmado para ser por cada governante, imperador e soberano estava registrado naquele lugar. Lixo, para a maior parte do povo, mas nem todo o povo.

– Eu estou buscando algumas coisas... para nossa Majestade. Ela é muito curiosa e ama estudar. Você sabe bem disso – respondeu o Mestre da Moeda com o ar tedioso costumeiro. – E você, caro investigador?

– Ironicamente, eu estou investigando... – brincou Vallro. – Alguns documentos parecem ter sido removidos desse lugar e achei que seria uma boa ideia verificar.

– E como o caro colega conselheiro conseguiu essas informações? – indagou Quimir despretensiosamente.

– Ora, meu velho. Se eu não tivesse minhas fontes, eu não seria um bom investigador, não é mesmo? – o modo era como sempre des preocupado aos desembaraços da situação.

O Mestre da Moeda deu mais um par de passos em direção ao investigador e analisou as prateleiras que o colega estava vasculhando.

– São registros muito antigos, não acha? – ele perguntou casualmente.

– Sim, muito antigos – veio a resposta igualmente casual. – Eu

estou verificando quem poderia estar interessado em coisas de uma época tão distante. Aparentemente alguém anda estudando muitos registros antigos. Decretos de quase quarenta invernos. É muito interessante como alguém iria tão longe para buscar informações tão... inúteis.

– Talvez alguém que esteja apenas... curioso. Sabe como a história do nosso reino é rica e abundante. E está toda registrada nestas páginas... valiosas.

– Talvez... – Vallro olhou mais uma vez para as estantes. – Talvez eu devesse dar uma olhada nos aposentos do rei.

– Cuidado investigador... investigar o próprio rei pode ser... perigoso – orientou o Mestre da Moeda. – Sabe como são os soberanos. Uma hora são seus melhores amigos, na outra estão lhe arrancando os membros e a língua. É melhor tomar cuidado por onde anda, os caminhos da corte são muito traiçoeiros.

Vallro deu mais alguns passos pelos corredores amadeirados, olhando um ou outro monte de história empoeirado. Ele passou a mão pela madeira, analisando o dedo encardido, e se virou lentamente.

– Eu não ousaria chegar tão longe a dizer que Arwin arrancaria meus membros – riu o investigador.

– Ah, meu velho amigo. Nunca se sabe o que um rei pode fazer – respondeu Quimir com uma empatia forçada. – Nunca sabemos o que o próximo soberano fará e como o fará. Nós só podemos aguardar. É arriscado sair metendo o bedelho para todo o lado. Sabe como as coisas sempre podem dar errado... quando se investiga a realeza.

– Ah! Infelizmente eu preciso cumprir meu papel para com o trono – declarou Vallro. – Eu não posso me dar ao luxo de escolher quem vou investigar. Nem mesmo se os atos da investigação atingirem o próprio rei. As leis são para todos. Todos aqueles que vivem sobre esta terra e sob o sol e bênçãos do brasão do nosso governante devem responder à nossa lei. Custe o que custar, doa a quem doer. Infelizmente, eu preciso carregar esse fardo. Se Arwin... ou qualquer

um da família real cometeu algum erro ou mesmo um crime... eu vou descobrir.

Quimir andou vários passos em direção ao investigador e o encarou no fundo dos olhos.

– Não vá criar muitos problemas para o nosso querido rei, hein? – o tom era ameaçador.

– Não se preocupe, Mestre da Moeda – o investigador estava tão relaxado como sempre. – Eu estou sempre de olhos bem abertos. Eu não tenho toda a sua desenvoltura em manter a minha boca aberta, mas eu posso garantir que meus olhos e ouvidos estão tão afiados como sempre. Não se preocupe com isso, velho... amigo.

– Cuidado com o excesso de confiança, meu amigo – Quimir olhou por cima do ombro do colega conselheiro, ele era quase duas cabeças mais alto que o investigador, e sorriu. O corpo magro de seu valete se desenhava por entre as chamas luminosas. – Ela pode ser muito perigosas às vezes.

– Eu digo o mesmo – sorriu Vallro. – Se me permite, eu tenho outras investigações a conduzir. Há muito o que fazer, o reino não para e eu tenho muitas pistas a seguir. Tenha sempre cuidado por onde anda, meu caro. E me procure, me procure sempre! É sempre bom poder gastar um tempo e ter uma conversa franca com um colega conselheiro. Eu estarei sempre disponível para essas conversas esclarecedoras.

O investigador se virou para um dos corredores e seus passos ecoaram para longe. Quimir deu dois passos largos para ver o homem partir, mas ele já havia desaparecido em pleno ar.

– Sujeitinho exibido – riu o conselheiro consigo mesmo.

Capítulo XVI

O quarto viajante

O sol já queimava alto no céu quando eles terminaram de acorrentar os sobreviventes.

– Por favor... – implorou Eurilio. – Não nos deixe aqui.

O homem babava desesperadamente enquanto analisava os corpos que o rodeavam.

– Por favor... meu senhor... nós não vamos sobreviver, existem lobos e ursos por essas terras... – ele choramingava covardemente. Era uma visão patética.

– Eu acho que é uma punição justa – disse Alma se aproximando do sujeito que teve a perna lacerada por Arwin. Ele pisou na perna do meliante, que deu um grito arfante. – Veja seu chefe chorando que nem uma garotinha.

Eles prenderam os três sobreviventes juntos em uma rocha e soltaram o cavalo velho que puxava a carroça – o bicho não se preocupava com nada e pastava tranquilamente nas margens do riacho. Os corpos mutilados foram jogados sobre a prisão ambulante e queimados até as cinzas.

– Não se preocupe – respondeu Arwin. – Esse rio é o único por essa bandas, com certeza alguém vai encontrar vocês, mas, por enquanto, que lhes sirva de lição.

O rei fez uma pausa e caminhou até Eurilio. Ele se abaixou e olhou no fundo dos olhos do facínora, os narizes quase se tocando.

– Esse reino não tolera escravos! – a voz era um rosnado ameaçador.

O homem virou a cara amedrontado e pressionou seu corpo contra a pedra.

– Ela não é uma escrava... – retrucou o canalha, finalmente se virando para encarar seu acusador. – Era uma oferenda para o rei...

– Já chega! – Alma deu um passo à frente e o chutou no queixo, os

lábios do homem jorraram sangue e ele apagou mais uma vez.

– O que ele quis dizer com oferta para o rei? – questionou o Arwin.

Os dois amigos de infância trocaram olhares e depois se viraram para a mulher.

– Ela não faz muito seu tipo... – respondeu Alma antes de encarar Eurilio novamente. – Ele não vai acordar tão cedo.

– É... Obrigado por isso – disse Arwin por entre os dentes. – Nós deveríamos sair daqui antes que passe mais alguém.

– Nós deveríamos ir pela floresta e evitar outros encontros – sugeriu Alma.

– Pela floresta? Você ficou maluco? – interveio Nervall. – Nós levaríamos quatro luas, talvez mais, para chegar até Vrendil. Pela estrada, levaríamos no máximo dois ciclos lunares.

– Talvez seja uma boa ideia – ponderou Arwin coçando o queixo.

– Vocês estão me ouvindo? – insistiu Nervall. – Três luas a mais de viagem!

– O pagamento é justo, meu caro! – Alma se aproximou do guia revoltado e lhe bagunçou os cabelos com o punho cerrado.

O rapaz continuava contrariado.

– Mas...

– Nós vamos pela floresta! – anunciou Arwin decidido.

Ele abaixou para pegar sua sacola de couro e, depois, virou-se para a floresta.

– E quanto a ela? – questionou Alma apontando para a refugiada.

O jovem rei olhou para a moça e juntou todo o tato que existia em seu ser.

– Qual é o seu nome? – ele perguntou para ela sem se aproximar. Provavelmente, devido aos momentos – de certa forma, íntimos – que eles haviam passado juntos na jaula, Arwin sentia que já a conhecia.

Era impressionante como ela era diferente de tudo o que eles tinham visto até agora. O cabelo preto era bem curtinho na nuca e nas laterais e uma franja na altura das sobrancelhas estava colada no suor de sua testa. Seu corpo era todo recoberto por uma fina pelugem de um castanho avermelhado, que, à primeira vista, eles haviam tomado por um bronzeado das tribos do Sul. Ela tinha orelhas diferentes, um pouco maiores que o normal e levemente pontiagudas, e, nas pontinhas, uma a tênue camada de pelos se projetava para cima, de uma cor um pouco mais clara do que o resto do corpo. Ela era alta, quase tão alta quanto Arwin, e muito atlética, e eles já tinham provas de como ela era forte. Seu rosto era fino e o nariz se assemelhava com o de um felino na ponta, de um tom diferente do resto da armação de sua face. Mas o que chamava muito mais atenção eram seus olhos, Arwin podia jurar que eles eram de um azul fluorescente, mas agora, com a luz do dia, eles apresentavam um tom mostarda muito peculiar e com vincos negros, eles eram muito mais humanos e, ainda assim, perfeitamente sobrenaturais.

Ela os considerou por um tempo. A mulher olhava cuidadosamente nos olhos dos viajantes e parava atenta em cada um deles. Em certo momento, pegou-se olhando para Nervall, e Arwin tinha certeza que havia notado um gesto quase imperceptível de aprovação.

– Nemeria – ela respondeu relutante.

– É um belo nome! Eu me chamo Alma – respondeu o jovem soldado sem hesitar. Ele esticou uma mão para cumprimentá-la.

Nemeria olhou para o braço estendido, olhou para Alma e ergueu uma sobrancelha.

– Eu sei... Eu sei... – disse Alma dando de ombros. – Nome feminino.

Ele deu um sorriso largo. Nemeria estendeu um braço desconfiado e apertou com força a mão de Alma, que se esforçou para não vacilar.

– Belo aperto de mão! – a voz dele parecia querer falhar. – Venha conosco!

– Alma! – disse Arwin bem baixinho. – Nós não podemos...

– Qual é? Você viu o que ela fez, ela pode ser de muita ajuda.

– Eu acho que ela deve ter outros planos – intrometeu-se Nervall nervoso.

– Para onde você está indo? – perguntou Alma para Nemeria, ignorando os protestos de seus companheiros de viagem.

A mulher olhava para eles desconfiada.

– Vamos, eu não mordo – insistiu Alma enquanto se aproximava.

Nemeria assumiu uma postura como se se preparasse para voar sobre ele. Os joelhos dobrados e os punhos serrados davam a ela um aspecto realmente ameaçador, como um felino pronto para dilacerar sua presa.

– Sul – disse a mulher por entre os dentes. Ela rosnava baixinho no fundo da garganta.

– É para lá que nós vamos! – disse Alma alegremente. – Você pode vir conosco! Nós podemos proteg...

Ela soltou um rosnado bem alto e ameaçou avançar sobre o rapaz. O jovem soldado engoliu as palavras tropeçando de costas. Arwin riu baixinho.

– Você está indo bem! – debochou Arwin.

Alma se ajeitou e, mais uma vez, tentou se aproximar de Nemeria, em um passo cauteloso.

– Nós podemos nos proteger... É perigoso vagar por aí sozinha, não importa quão poderosa você seja – ele disse aquilo com ternura e um sorriso no rosto.

Nemeria os encarou por mais um longo tempo até que relaxou.

– Nós vamos apenas pela floresta? – sua voz era muito diferente agora. Era suave e aguda de um jeito reconfortante, muito diferente de qualquer voz que Alma já havia escutado.

O jovem soldado sorriu, andou para frente e, novamente, esticou a mão à moça.

– Seja bem-vinda à nossa tropa!

Nemeria pegou na mão que Alma a oferecia e, dessa vez, o aperto foi muito mais suave. Ela olhou para Nervall, depois para Arwin e seu rosto relaxou. Pela primeira vez, eles puderam ver a beleza exótica que ela carregava em si.



– Como você foi capturada? – perguntou Alma.

Os dias se alongavam e a essa altura da jornada era praticamente impossível dizer com certeza quanto tempo havia se passado. Apesar do longo período que já passavam juntos, os companheiros ainda não sabiam quase nada sobre Nemeria. A única informação que haviam conseguido até agora é que ela gostava de se sentar em silêncio e que seus olhos realmente se tornavam um índigo magnífico em todo anoitecer. Alma pedia constantemente para ela contrair as pupilas na vertical, e Arwin torcia para que ele insistisse, pois estava tão interessando quanto o amigo.

– Eles me apanharam enquanto eu dormia na beira de um lago – respondeu Nemeria enquanto mordida um pedaço de peixe meio cru.

– Você é tão forte, como aqueles idiotas conseguiram?! – indagou Alma, ele precisava saber mais.

– Eles eram doze, na verdade... – ela disse aquilo como quem fala sobre a porção de farinha que deve receber um bolo. Aquelas palavras imediatamente atraíram a atenção de Arwin. – E eu estava dormindo...

– Doze?! – questionou Alma, seus lábios tremiam no sorriso incrédulo que se formou em seu rosto.

Nemeria mastigava com a boca cheia e analisava o olhar ansioso do jovem soldado. Ela revirou os olhos, engoliu um pedaço grande que tinha na boca e cedeu aos olhos joviais que a encaravam.

– Eu estava dormindo no leito de um lago e eles se aproximaram de mim com uma rede de caça – ela fez uma pausa e limpou a boca. – As cordas eram muito grossas e eles tentaram me prender contra o chão, pregando as pontas da rede.

Os olhos eram expectantes. Até mesmo Nervall, que parecia não ter demonstrado nenhum interesse até o momento, havia se virado para ouvir a história da mulher.

– Eu consegui me livrar por um lado da rede, mas minhas pernas ficaram presas... Mesmo assim, eu feri três deles... – o sorriso arrepiante que surgiu em seu rosto fez os rapazes tremerem por dentro. – Eu não os vi mais, provavelmente foram deixados pra trás, muito feridos para manter o passo... Ou os outros os mataram...

Ela voltou sua atenção outra vez para sua refeição e deu outra mordida no peixe, que ela mastigava lentamente enquanto observava as expressões maravilhadas à sua volta. Ela engoliu de novo e continuou.

– Eles me acorrentaram a dois homens e praticamente me arrastaram por todo o caminho. Um dia, eu convenci os dois que precisava me aliviar e que seria bom ter um pouco de privacidade...

– Que idiotas! – disparou Alma com um sorriso bobo no rosto. Ele parecia um garotinho ouvindo um conto muito fantástico.

– Eu matei os dois... Derrubei um deles e pisei forte em sua garganta – ela continuou friamente. – O outro veio correndo na minha direção... Eu consegui desviar do golpe da espada e dei um soco em sua barriga, daí, quando ele se curvou, eu bati com toda a minha força com os grilhões na cabeça dele. Depois de algumas dúzias de pancadas e de uma quantidade impressionante de sangue, ele parou de se mexer...

Nemeria suspirou fundo antes de continuar.

– Eu não consegui me livrar das amarras... – o pesar tomou conta de sua voz. – Algum tempo depois, aquele frouxo que mandava nos outros me achou tentando arrancar as correntes de um dos homens e me deu um golpe forte na cabeça. Eu acordei algumas horas depois toda acorrentada na beira da estrada.

Ela deu outra mordida no peixe. Os rapazes estavam cada vez mais impressionados e a observavam boquiabertos.

– Depois de algum tempo parados na beira da estrada... – sua voz ficava cada vez mais amargurada. – Um casal de velhinhos apontou no caminho... Eles mataram os dois... Enquanto tentavam decidir quem abusaria primeiro da mulher, o marido puxou uma faca de cozinha e cravou no pescoço de um dos homens... Eles se enfureceram e mataram os dois...

– Um destino muito melhor do que o que esperava por ela... – disse Arwin baixinho.

Nemeria assentiu com a cabeça e eles ficaram em silêncio por um tempo, saboreando suas refeições. A mulher era a única que comia o peixe cru, os outros degustavam o alimento muito bem assado.

Alma não sabia dizer se estava mais admirado ou horrorizado pela história de Nemeria.

– Os fazendeiros estavam levando um porco para o casamento da filha... – continuou Nemeria depois de um tempo. – Aqueles covardes jogaram seus corpos na beira da estrada e comeram o porco... Depois me enfiaram naquela gaiola...

Ela parou, encarando a fogueira por um tempo, e disse, pela primeira vez com um tom mais leve.

– Aquela chave que não funcionou na primeira tranca... – um sorriso diabólico se formou no rosto de Nemeria. – Era de um cadeado que eles colocavam naquela corrente na minha cintura. Um dia, enquanto eu me debatia só pelo prazer de incomodá-los com o barulho do metal batendo nas grades, aquele troglodita subiu na carroça para apertar a corrente e eu lhe dei uma cabeçada. Quando ele se virou com o impacto, eu mordi a orelha dele cuspi um pedaço

fora.

A forma como ela dizia aquilo fazia Alma sentir um frio na espinha.

– Mas e o olho? – ele perguntou não conseguindo conter a curiosidade.

– Ah, o olho ele arrancou sozinho – contou a mulher rindo prazerosamente. – O idiota parecia ser tão burro que não conseguia identificar de onde vinha a dor, se era da orelha ou do olho que tomou a cabeçada... Ele acabou arrancando o próprio olho aos gritos dois dias antes de vocês nos encontrarem.

Arwin ouviu toda a história em silêncio. O belo sorriso da nova viajante o fazia sentir-se reconfortado, mas a ferocidade que ela narrava em seu conto o fazia pensar que não a queria como inimiga, ele estava muito feliz por ter Nemeria do seu lado.

Capítulo XVII

Corrida na floresta

Os ares eram tranquilos na banda de viajantes.

Eles já estavam juntos há quase quatro luas desde que encontraram Nemeria. Os dias quentes de verão tinham sido substituídos pelos ventos frios de outono.

Arwin já se pegava constantemente pensando quanto tempo mais eles ainda teriam que viajar. E pensava o tempo todo em seu lar. Ele achava estranho o quanto ele sentia falta de casa. O jovem rei nunca foi muito apegado ao lar e se sentia o tempo todo sufocado dentro das paredes do castelo, as muralhas o faziam se sentir oprimido, espremido pequeno! Ele queria viver o mundo lá fora, ele queria viver a vida como agora, na floresta, viajando, de forma excitante! Durante os dias mais frios, sua mente voava para longe e buscava nos pensamentos o conforto dos braços de sua amada

Rhaella. Ele pensava em sua rainha o tempo todo e no filho que ela esperava. Seu filho!

O rapaz não podia deixar de notar que havia um clima esquisito entre Nemeria e Nervall, como se eles se evitassem. Em algum momento, ele se convenceu apenas de que a mulher estava ressabiada pelos problemas que havia passado e tentava proteger a si mesma acima de todas as outras coisas.

Todas as noites eles se revezavam entre quem seria o caçador, quem encheria os odres e quem faria a fogueira. Nemeria garantiu que não precisavam fazer vigia, seus sentidos eram muito aguçados e ela saberia se algo estivesse errado.

– Vindo de alguém que foi capturada dormindo, não é muito encorajador – desdenhou Alma encarando a companheira.

Nemeria disparou um olhar animalesco em sua direção e rosnou baixinho.

– Eu já me acostumei com isso, bichana – ele completou despreocupado.

Ela revirou os olhos e relaxou. Os quatro estavam sentados em volta de uma fogueira no meio de uma floresta muito distante, ao sul. O clima era ameno e o céu estava claro, pontilhado de estrelas e a lua iluminava o acampamento suavemente por entre as árvores.

– Aquilo foi diferente. Eu estava... – Nemeria fez uma pausa relutante. – Eu estava cansada.

– Deveria estar em coma... – provocou Alma se encostando em sua sacola escorada em um tronco próximo à fogueira. – Até mesmo o Nervall consegue ouvir os barulhos da floresta.

– Ei! O que quer dizer com até mesmo o Nervall? – interveio o guia.

– Nada pessoal, companheiro – debochou o jovem soldado. – Você só não faz exatamente o tipo alerta.

Nervall resmungou baixinho, mas não continuou a discussão.

– Bom, quem vai ser o caçador hoje? – perguntou Arwin se levantando.

– Nervall! – responderam Nemeria e Alma em um coro. Eles se olharam e sorriram.

Arwin observou aquela situação e deu um suspiro zombeteiro enquanto se abaixava para pegar seu arco e flecha.

– Venha, Nervall. Vamos deixar os pombinhos a sós.

O rapaz se levantou gargalhando e os dois saíram em direção à floresta. Seus passos desapareceram no ecoar de galhos e folhas amassadas.

Uma brisa suave soprava reconfortante, uivando baixinho, e a iluminação lunar desenhava um mar de figuras fantásticas por toda a mata enquanto os dois companheiros encaravam as chamas. Depois deu um longo tempo em silêncio, Nemeria se arrastou do tronco que estava sentada e foi para o chão, virando-se para Alma.

– Ele é o rei, não é? – era mais uma afirmação do que uma pergunta. – Arwin... ele é o rei.

– De onde você tirou isso? – questionou Alma como se aquilo fosse a maior bobagem que ele havia escutado em toda a sua vida.

– Eu sei que ele é algum tipo de nobre – insistiu Nemeria dando de ombros.

– Por que acha isso? – Alma ficava cada vez mais nervoso.

– Ele se porta como alguém muito rico. Ele tenta disfarçar, mas eu consigo ver que ele é muito educado e atencioso, então eu sei que ele é pelo menos um nobre. E claramente tem um senso de dever e um perfil de liderança muito forte, o que geralmente falta para os nobres. E foi muito altruísta da parte dele, da parte de todos vocês, me salvar, o que com certeza faltaria para qualquer nobre, aliás, para qualquer pessoa que vê quem eu sou, na verdade. Então, eu assumi que ou ele é o rei ou um tipo muito especial e completamente raro de nobre.

Alma a olhou nos olhos, admirado por sua perspicácia, e depois de um longo tempo decidiu que não havia motivos para não contar a verdade, ela provavelmente veria através das mentiras de qualquer modo.

– É... Ele é o rei. – respondeu finalmente. Um novo senso de admiração por ela crescia dentro dele.

– O que ele faz tão longe do castelo? – continuou Nemeria em um tom perfeitamente conversacional. – Ele não deveria estar comendo e engordando? Planejando arrancar as pessoas de suas terras ou algo assim?

O rosto de Alma se contorceu por um momento, ele franziu o cenho tão forte que parecia que suas sobrancelhas nunca mais partiriam. Seus olhos encontraram os dela e ele relaxou, suspirando por entre os lábios apertados.

– Arwin não é assim. Ele é um homem diferente de todos que já encontrei. Ele é um homem bom. Ele é um bom rei.

– Então o que o bom rei faz tão longe do seu reino? – insistiu a mulher com cautela.

– Ele está em uma jornada.

– Uma jornada para que?

– Ele quer buscar um tesouro distante e cumprir uma profecia.

– Que profecia? – Nemeria estava ainda mais interessada agora.

– A profecia dizia que ele teria o poder de unir todos os povos em um tempo de paz e prosperidade e blá blá blá! – explicou Alma consternado.

– Essa é a coisa mais boba que eu já ouvi! – a companheira forçou uma indignação nos lábios maliciosos. – E olha que eu já escuto suas bobagens há um bom tempo!

Alma sorriu por um instante e abaixou a cabeça. Ele pegou o graveto e começou a remexer no fogo em silêncio.

– Arwin é um bom homem e meu melhor amigo – ele disse finalmente, com a voz trêmula. – Nós crescemos juntos e lutamos lado a lado. Eu o conheço melhor do que ninguém e sei que ele é um homem justo. Mas as pessoas não sabem, e quando começaram a surgir rumores de que o povo estava descontente com o rei, ele criou dúvidas e essas incertezas o consomem.

Ele fez uma pausa e limpou os olhos marejados com a manga do seu camisa.

– Ele é um bom homem – a voz embargada repetiu a defesa do amigo.

– Mas qual povo não está descontente com o rei? Todo mundo que não é rei deveria estar descontente com o rei... menos o rei... – ela não entendia muito a comoção, mas admirava a paixão com a qual ele falava de Arwin.

– Mas não a ponto de começar uma revolta – ele disse, firmando a voz.

– Revolta? – ela perguntou confusa. – Eu não ouvi falar de nenhuma revolta. Pra falar a verdade, a maioria das pessoas que eu vi parecem brigar entre elas mesmas. Não que eu veja muitas pessoas, geralmente eu tento evitá-las, sabe? Elas não vão muito com minha cara ou... pelo. Mas, ainda assim, eu não vejo ninguém falando em revoltas em parte alguma. Até mesmo aqueles trogloditas fedorentos que me sequestraram pareciam muito felizes com a vida, e eu não imagino por que alguém com aquele cheiro na pele seria feliz.

Eles ficaram ali, olhando um para o outro por um longo tempo sem que nenhum dos dois dissesse nada. Nemeria tinha esperança de que aquelas palavras aliviassem a tensão que distorcia as feições delicadas de seu companheiro de prosa.

– Arwin quer ser um bom rei – repetiu Alma, quebrando o silêncio. Ele tentava disfarçar o tom pesaroso em sua voz, mas era completamente em vão. – Ele quer ser melhor do que o pai dele foi, melhor do que todos os seus ancestrais, para falar a verdade. Ele tem medo de lançar o reino em um mundo de caos e sofrimento, devastado pela guerra, como fez o seu pai.

– É só ele não fazer guerra – Nemeria respondeu aquilo como que explicando algo muito simples para alguém muito estúpido.

– Não é tão simples quanto parece – insistia o rapaz. – O antigo rei causou muito sofrimento para todos no reino, ele conquistou todos os povos um por um, deixando um rio de sangue pelo caminho. Não faz nem dez anos que ele invadiu as tribos do Sul, o último foco de resistência contra sua dominação total.

O rapaz olhou para longe – a fogueira queimava baixinho, mas refletia toda a intensidade que ele carregava no olhar.

– Todos sabiam que o reino seria lançado em trevas se aquela última campanha fosse bem sucedida. E, quando o rei atravessou o campo de batalha carregando a cabeça decepada do líder da rebelião, todos perderam as esperanças. Aquele dia ficou conhecido como...

– A Vitória da Tirania ... – completou Arwin, aproximando-se do acampamento.



Os dias que se seguiram foram muito diferentes do que eles haviam se habituado. O clima ficava cada vez mais tenso conforme rumavam para longe, a sudoeste. As floresta se tornava mais escura a cada passo e os ânimos não poderiam ser mais estranhos. A atmosfera estava cada vez mais fria e o inverno finalmente dava as caras. Nervall assegurava a todos que tão ao sul não haveria neve, mas isso não contribuiu para melhorar os espíritos dos viajantes e tampouco amenizar as condições climáticas.

A apreensão entre os viajantes criava longos períodos silenciosos, que revezavam o tempo com longas discussões sem razão ou propósito e que sempre terminavam em outro impasse taciturno.

As árvores da floresta pareciam crescer cada vez mais próximas umas das outras – quase unidas por uma mesma raiz. Os espaços entre elas eram tão pequenos que praticamente formavam espessos muros de madeira pelo caminho e a trilha era difícil de

acompanhar. Nervall usava um facão pesado para cortar as videiras que se espalhavam por todo o percurso.

Era impressionante como o lugar era quieto, a única coisa que eles ouviam era a sinfonia de galhos se partindo sob seus pés. Eles não tinham avistado nenhum animal na floresta e já fazia três dias que não tinham nada para comer além de raízes e plantas.

– Meu sonho de infância sempre foi ser um coelho, eu já contei isso? – disse Alma em uma tarde fria. Nem mesmo o humor pueril do rapaz animava a situação.

Em um fim de tarde particularmente silencioso, Alma ouviu um som diferente ecoar de sua bota. Acostumado com o barulho da floresta, qualquer outra coisa teria lhe chamado a atenção. Ele levantou o pé e viu um crânio velho do que poderia ser um cachorro ou talvez um lobo.

– Eu nunca vi um crânio quebrar tão facilmente... – ele disse enquanto se agachava para analisar o esqueleto mais de perto. – Ou qualquer osso, pra falar a verdade.

– Geralmente acontece quando a cabeça é engolida por inteiro e só o crânio é expelido – explicou Nemeria casualmente.

Alma e Arwin trocaram olhares e depois viraram-se para ela. O solo estava meio revirado, como se alguém tivesse desmontado um acampamento por ali há pouco tempo.

– Argh! – resmungou Nervall.

Eles se viraram para vê-lo afastar a mão do tronco de uma árvore e uma gosma preta se esticando por entre seus dedos.

– Isso não pode ser um bom sinal – concluiu Alma olhando em volta.

Arwin se agachou ao lado do amigo de infância para analisar os rastros.

– O que acha? Serpente? Aranha gigante? – o rei perguntou baixinho.

– Não... Um urso... – Sussurrou o soldado.

– Urso?! – questionou Arwin confuso sem tirar os olhos dos rastros.

– Eu nunca vi um urso comer ou sequer atacar um lobo.

– Um urso... grande... preto... as garras devem ter pelo menos uns três palmos e ele tem chifres de alce.

– Chifres de alce? – indagou Arwin confuso. – Você consegue dizer tudo isso só pelos rastros? Quando você ficou tão bom assim?

Alma esticou o braço e colocou a mão no queixo do amigo. Empurrou o rosto de Arwin, virando sua cabeça lentamente na direção que ele olhava. O jovem rei sentiu o sangue gelar em suas veias e uma gota gelada de suor correu de sua têmpora, cruzando a bochecha.

– Ninguém se mexe... – sussurrou Alma enquanto media o animal gigantesco. O bicho devia superar a estatura de quatro homens e provavelmente era o dobro disso sobre duas patas. Ele realmente carregava longas protuberâncias galhosas que se projetavam de sua cabeça para o alto.

Os dois se levantaram lentamente, sem nunca tirar os olhos da besta.

– Talvez, se sairmos devagarinho, ele não nos note – Nervall suspirou sua sugestão enquanto tentava não respirar.

Alma se virou cuidadosamente, mas Arwin não se mexeu.

– Arwin?! – suspirou Alma.

Mas o rei estava paralisado. Ele não conseguia pensar nem reagir. O pânico tomava conta de seus músculos e ele não podia se mexer. Um gosto estranho preenchia sua boca e ele sentia que ia vomitar a qualquer momento. Ele nunca tinha se sentido daquela forma, o terror que crescia em seu peito e espremia suas costelas parecia que o quebraria, que o despedaçaria. Exatamente o que faria o urso. Flashes violentos cruzavam sua mente com um turbilhão infindável de imagens. Seu reino. Sua rainha. Sua rainha grávida. Seu filho. Seu irmão. Os rostos desolados de sua família.

– Arwin?! – a voz de Alma era urgente e desesperada, quase em pânico. – O que você está fazendo? Vamos!

Arwin sentiu os pelos de sua nuca eriçarem e suas vísceras se enrolarem, espremendo seu estômago. Seu coração batia em todas as direções. Ele queria correr, mas o cérebro parecia ter perdido completamente o contato com as pernas. Fechou os olhos entorpecido e respirava com dificuldade.

Alma se aproximou cautelosamente olhando o chão à sua volta com cuidado para não fazer ruído. Ele tocou o ombro de Arwin e o sacudiu de leve.

– Arwin?! – o pavor crescia na voz trêmula. – Vamos!

– Vamos, Arwin... – Nervall deu um passo à frente e um galho se partiu ruidosamente.

O som estridente do ramo partido vibrou por cada molécula de ar da floresta. O urso se virou e os encarou por um longo tempo, e tentava entender o que estava diante de seus olhos. A fera farejou o ar por alguns instantes que pareciam se esticar por horas e, então, levantou-se sobre duas patas e soltou um rugido ensurdecedor. Os viajantes cobriram os ouvidos, tentando se proteger do som perturbador que lhes açoitava os tímpanos, enquanto o animal corria na direção deles com uma velocidade assustadora.

– Arwin! – gritou Alma. – Arwin! Vamos!

O jovem rei abriu os olhos lentamente, mas não se mexeu. Seus olhos focaram vagarosamente a besta monstruosa que se lançava sobre eles.

O chão tremia a cada passada furiosa do animal, o impacto das patas gigantescas pisoteando o sumo pútrido no solo da mata tocava em seus ouvidos como poderosos tambores de batalha.

Nemeria se lançou à frente, puxou Arwin pelo colarinho e deu um tapa violento em seu rosto. Ele piscou várias vezes até seus olhos focarem o rosto da mulher que o encarava intensamente.

– Vamos!! – ela rugiu.

Arwin se virou para a ver a besta crescer a cada segundo diante de seus olhos. Com um último suspiro aterrorizado do rei, eles desataram a correr. E correram desesperadamente pela selva, evitando os troncos caídos e os paredões de madeira.

– Nervall! – gritou Alma. – Para onde vamos?!

– Nós... precisamos... sair da floresta! – respondeu Nemeria sem fôlego.

Alma olhou para Arwin esperando por uma solução, mas o companheiro só corria inerte e com olhos meio vazios.

– Mas para que lado?! – perguntou o rapaz com notas de desespero.

– Por aqui! – gritou Nervall.

Eles correram com todas as forças, usando os próprios corpos para romper as barreiras naturais. A enorme besta no encalço se aproximava a cada instante. O fim era iminente, quando Alma avistou um clareira.

– POR AQUI! – ele berrou.

O jovem soldado sentia que seus pulmões explodiriam a qualquer momento, suas narinas e garganta ardiam. Ele atravessou a clareira o mais rápido que pôde apenas para encarar o fim da linha. À sua frente, um enorme penhasco se esticava para longe. Os outros pararam ao seu lado e, ao verem o barranco profundo, viraram-se para encarar o predador incansável.

– Não! – berrou Nervall. Ele deu um passo à frente, colocando-se entre seus companheiros e a fera.

O animal parecia confuso. Colocou-se sobre as duas patas e rugiu ferozmente. O som estrondoso como se tentasse rasgá-los ao meio antes mesmo das garras do monstro poderem tocar seus corpos. A besta os fitava com famintos olhos amarelos.

Nervall hesitou por um instante e deu mais um passo à frente, como se tentasse estabelecer sua dominância sobre a criatura. Outro passo cauteloso à frente e se virou para os companheiros. O guia correu

para os outros viajantes de braços abertos e os empurrou para o penhasco.

A fera correu para a beira do abismo. Seu bramido desapontado foi ficando para trás enquanto eles caíam.

Eles deslizaram na encosta do despenhadeiro pelo que poderiam ser muitas eras, batendo em rochas e em árvores, Arwin podia sentir a terra entrando pelos lábios apertados e se misturar ao gosto de sangue que se formava em suas bochechas enquanto ele era golpeado por todo os lados sem clemência. Eles rolaram pela costa até finalmente aterrissarem em um monte de terra fofa, que provavelmente estava ali pelos deslizamentos constantes que aconteciam no costado do precipício.

– Eu vou matar você! – berrou Alma para Nervall quando conseguiu se levantar. O rosto do rapaz estava muito sujo de terra e ele tinha pedaços de galhos e raízes por todo o cabelo.

Arwin levantou a cabeça, olhou à sua volta e começou a rir. Os outros trocaram olhares confusos e se juntaram a ele em uma longa gargalhada. Até os cabelos estavam doloridos, mas, quando a risada finalmente cessou, Alma se levantou e andou até Arwin.

– O que aconteceu lá atrás? – perguntou ao amigo de infância. Sua voz carregava toda a preocupação que crescia dentro dele.

O jovem rei abaixou a cabeça, mas não respondeu.

– Arwin! – insistiu Alma. – O que aconteceu lá atrás?!

– Eu acho que eu me preocupei com algo além do combate por um instante – a confissão encabulada se misturou com um sorriso sem graça. – Não vai acontecer de novo.

Alma não conseguia esconder sua impaciência. Ele nunca havia visto seu amigo daquele jeito. Era como se tivesse perdido completamente a cabeça. Ele se preparou para questionar o companheiro mais uma vez, quando Nervall deu um suspiro de surpresa e apontou para longe.

– Vrendil!

Capítulo XVIII

Três faces do mesmo jogo

O vento forte de inverno inundava as ruas de neve.

As periferias de Miramir eram um lugar de becos tortuosos, pouquíssimos eram os que se aventuravam por aquelas bandas, onde se desenrolavam negociações nebulosas e se fechavam os mais sinistros acordos.

Nas proximidades do castelo, a cidade era de um primor inigualável. As trilhas que levavam à residência real eram muito bem apuradas. Por todos os lados, pequenos canteiros de flores coloridas – como aquelas do jardim da rainha – e árvores e arbustos minunciosamente podados. Os ladrilhos dourados e os tijolinhos avermelhados que carregavam o brasão do rei estavam sempre sob o escrutínio dos servos da Coroa, que garantiam que todos estivessem sempre muito bem emparelhados. Os comerciantes mantinham as fachadas de suas lojas e bodegas extremamente conservadas – tudo com a ajuda do rei –, as construções de pedra sólida eram bem pintadas e os toldinhos que cobriam a frente de cada prédio garantiam o conforto daqueles que gostavam de olhar as vitrines nos dias ensolarados ou noites chuvosas. Os atendentes também estavam sempre bem vestidos e muito sorridentes. A Coroa não dispensava tostões para manter sua cidade um brinco de ouro. Tudo era esmerado à perfeição, tudo era bonito e elegante até onde a vista alcançava – pelo menos até onde a vista do rei alcançava.

Na baixada da capital, longe da cidadela, o cenário era um pouco diferente. A rua de terra preta era picada de buracos em todos os espaços em que podiam se formar. Nesses dias, a neve branca caía aos bocados e formava uma lama pegajosa que quase nunca abandonava o lugar – e as constantes nevascas faziam questão de garantir isso. As construções de madeira acinzentada que pareciam estar ali há milhares de anos eram rústicas e talvez fossem duras o

suficiente para resistir a outra era.

Por ali se encontravam todos os tipos de estabelecimento. Várias tabernas, uma mais suja do que a outra. Estalagens enfestadas de pulgas e mendigos que se orgulhavam de servir suas especialidades – uma água quente e suja disfarçada de sopa ou um pão duro que o estalajadeiro às vezes usava de martelo quando não havia testemunhas. Uma ou outra casa de apostas que o dono já havia desistido de mobiliar o lugar, que frequentemente explodia em brigas generalizadas. E prostíbulos, o lugar era infestado de prostíbulos. Afinal, aquela era uma cidade grande com um enorme exército, logo, se havia algo ali que gerava lucros desconcertantes, era um empreendimento cheio de mulheres e bebidas.

E era em uma daquelas pocilgas que a figura massiva de Sorim ia bater à porta. Ele vestia um casaco de pele muito pesado e uma toca de lã amarela lhe cobria toda a cabeça. Seu punho polpudo soou forte nas tábuas encardidas.

A silhueta de um homem muito magro se formou no postigo que foi aberto na pesada guarnição. O olhar astuto impresso nas sombras analisava o torso enorme à sua frente. A portinhola bateu com força contra a madeira e, segundos depois, Sorim ouviu o eco de muitas trancas sendo removidas vagarosamente. A porta se abriu apenas o suficiente para uma pessoa passar e o nobre precisou criar espaço com a barriga.

Quando ele passou pela porta, um homem baixinho e muito magro empurrou-a de volta com muito esforço.

– O senhor está sendo aguardado, Mestre Sorim – disse o velho com muita dificuldade, engasgando cada palavra como se estivesse prestes a sufocar no próprio ar. O nobre ficou enojado olhando aquela criatura. Ele tentou esboçar um sorriso, mas seus lábios se curvaram em uma expressão de puro asco.

– Ah, aí está você! Achei que tinha se perdido.

Sorim se virou para ver Quimir.

O lugar era um único cômodo pequeno. De um lado, um balcão

onde o homem que abriu a porta parou atrás como uma estátua; do outro, uma lareira queimava um fogo muito alto que enchia o espaço de um calor reconfortante. No meio da salinha, uma mesa estava posta para dois sobre um tapete grosso de pele de veado. Ao redor da tábola, várias banquetas com pratos, travessas, jarros e temperos. Era um banquete para Sorim.

– Venha, sente-se! – saudou Quimir se levantando de braços abertos.

– Eu me perdi... – retrucou Sorim irritado. Ele estava completamente encharcado da neve que derretia sobre seu pesado casaco e se sacodia vigorosamente, como um cachorro gigantesco, muito peludo, ressentido do clima gelado – Por que nós temos que encontrar um lugar diferente todas as vezes?

Ele tirou o enorme casaco com certa dificuldade e o jogou no chão.

– Assim fica mais difícil de sermos espionados, meu caro – Quimir puxou a cadeira para que seu acompanhante se juntasse a ele na mesa onde jantava. – Mas, talvez, e apenas talvez, nós tenhamos encontrado um lugar um pouco mais... adaptado às nossas necessidades. Aqui é um lugar muito seguro. Vê essas paredes? Elas são todas feitas de um tipo especial de madeira. Ela parece de pedra, mas é madeira, e uma madeira de ótima qualidade, diga-se de passagem. Esse tom de granito faz com que seja muito resistente e praticamente impossível de se escutar através.

– Mas é possível? – perguntou Sorim analisando as paredes com olhos alarmados enquanto se sentava. – Esse tipo de... encontro... não deveria ser feito em qualquer lugar, Quimir. Você tem certeza de que ninguém vai nos escutar?

O homem se sentou e não fez cerimônia antes de atacar o enorme pernil de cordeiro que estava no centro da mesa. Suas mãos gananciosas apertavam o osso com tanta força que o troço rangeu timidamente sob seus dedos.

– Só se você tiver ouvidos felinos – Quimir deu uma gargalhada e empurrou uma caneca de vinho para o companheiro.

– Ótimo, nós precisamos conversar – disse Sorim ainda examinando o lugar.

– Tem certeza que não quer comer algo primeiro? – perguntou o conselheiro com um sarcasmo jovial.

Sorim riu e deu outra mordida na carne suculenta. A gordura pingava entre seus dedos. Ele se esticou e ergueu a tampa de outra bandeja, revelando um pão muito cheiroso que parecia recém-saído do forno. O nobre bojudu envolveu os dedos na lateral da ciabatta formosa, ignorando completamente a faca de corte que repousava ao lado da massa panificada.

Ele virou uma boca cheia de pão e carne.

– Nós precisamos conversar, Quimir! – repetiu o nobre ainda com um olhar desconfiado, avaliando cada canto do casebre. A urgência que crescia em sua voz aparentemente não afetava seu apetite.

Quimir se inclinou para frente e colocou uma mão no cotovelo do convidado, ele carregava um sorriso brilhoso no rosto.

– Relaxe, meu amigo. Vocês está seguro aqui.

– A... a selvagem escapou... – revelou Sorim. O desespero crescente se misturava com a comida triturada entre seus dentes.

A única reação que Quimir esboçava era do mais puro e autêntico tédio.

– Arwin... Arwin, Alma e mais um homem... – as palavras tremulavam por sua garganta tentando criar espaço para sair por entre o bolo de comida que ele formava nas bochechas rechonchudas. – Eles mataram alguns e deixaram os outros acorrentados para morrer.

Quimir parecia não se importar muito com o assunto e teve que trincar bem forte o maxilar para disfarçar os bocejos que se formavam no fundo de seu peito enquanto ouvia o colega conselheiro narrar os acontecimentos.

– Eles... eles... eles os deixaram acorrentados... Três lobos

apareceram... comeram a perna de um deles vivo... O homem se arrastou com a perna decepada até uma parte mais alta da estrada para pedir ajuda... – Sorim disse tudo aquilo muito rápido, meio soluçando, como se fosse chorar a qualquer momento. – Mesmo assim, o homem morreu e foi atacado por abutres... Uma mulher viu os rastros de sangue e resgatou os outros... Mas eles não estão em boas condições.

Sorim esticou o braço e, em vez de pegar a caneca que Quimir havia lhe oferecido, debruçou-se sobre a mesa e agarrou a jarra de vinho, que bebeu as goladas. Quando terminou de jorrar o líquido por sua garganta, ele bateu a louça bem forte na mesa e o utensílio se partiu em vários pedaços. Suas mãos tremiam descontroladamente.

– Vamos lá, companheiro – o sorriso malicioso por detrás do nariz vistoso tentava aliviar um pouco a tensão no ar. – Eu sei que você mesmo já deve ter feito coisas muito piores que essa.

– São coisas diferentes – respondeu o Mestre dos Nobres com um sorriso pretencioso.

– São, não é mesmo? – Quimir fez um gesto com a mão e o velho petrificado atrás do balcão finalmente se mexeu, ele trouxe outro jarro de vinho e o repousou suavemente sobre a mesa. Ao notar o olhar no rosto de Sorim, o Mestre da Moeda completou. – Não se preocupe, ele é completamente surdo.

Sorim estava um pouco mais calmo e, dessa vez, preferiu tomar uma atitude mais civilizada e bebeu do caneco de vinho que lhe fora oferecido em primeiro lugar.

– O que nós vamos fazer? – ele perguntou limpando o vinho que escorria por toda a cara gorda.

– Nós?! Há! – riu o anfitrião. – *Eu* não vou fazer nada. Eu avisei desde o começo que esse plano era estúpido. Eu sei que às vezes é difícil escutar conselhos e ideias de alguém que tenha mais... tato para esse tipo de situação. Mas eu insisti desde o começo que essa ideia era completamente ignóbil. Eu disse que deveríamos ter tido uma abordagem um pouco mais direta desde o início. Infelizmente, acabamos por ter que improvisar e eu francamente odeio ter que

improvisar.

– Mas Finn... – começou Sorim tentativamente.

– Finn é um garoto bem intencionado – interrompeu Quimir. – E as boas intenções dificilmente fazem boas cartas para o tipo de jogo que estamos jogando.

O Mestre da Moeda sorriu maliciosamente de novo, tirou um belo cachimbo de roseira de um bolso e levou até a boca.

– Seu animalzinho de estimação parece ter ficado bem próximo a ele – sugeriu entre uma tragada e outra.

– Carne e osso – respondeu Sorim. – Carne e osso!

– Ele é confiável? – Quimir perguntou casualmente. – Seu garoto, ele é confiável? Ele parece tão jovem e talvez acabe seduzido pela aura de poder do nosso regente. Nós podemos confiar nele?

– Certamente! – respondeu o nobre sem titubear. – Todos eles são confiáveis. Todos! Ele fará o que eu mandar, quando eu mandar e exatamente como eu mandar!

– Você tem certeza? – retorquiu o Mestre da Moeda curioso.

– Eu trabalhei bem nele – o sorriso hediondo que se formou no rosto de Sorim era asqueroso demais até para os olhos de Quimir.



Finn limpava cuidadosamente seus pincéis enquanto analisava seu trabalho, de pé, a um par de passos de sua nova composição. Na tela de pintura, um esboço fenomenal de um jovem que se debruçava sobre um divã de cores quentes coberto por um roupão de seda escarlate.

Uma coisa bonita havia sido criada.

– Pode abrir os olhos – disse o príncipe.

Loran abriu os olhos lentamente, com muito receio do que veria. Quando focou a pintura à sua frente, seus lábios se separaram suavemente e ele suspirou sem perceber.

– Diga alguma coisa... – demandou Finn baixinho.

– É... É... – Loran não conseguia expressar o que sentia. Ele se aproximou lentamente da pintura e seus olhos viajaram por cada tom magenta e cada traço púrpura.

– Você gostou? – insistiu o regente com um sussurro trêmulo.

O jovem servo estendeu o braço e esticou um dedo para tocar a obra, mas Finn deu um tapa em sua mão. Os dois se olharam com olhos intensos, as lágrimas se formando por entre os cílios de Loran.

– Não pode tocar ... – disse o regente tentando disfarçar a fúria crescente que ele sentia dentro de si.

– É... lindo – as palavras lutavam seu caminho por entre as lágrimas que escorriam pelo seu rosto.

– É você, seu tolo – Finn não sabia dizer por que, mas ele se sentia profundamente irritado com a falta de reação do companheiro. Será que ele não via que o príncipe havia criado uma coisa bonita só para ele?

Loran levantou a mão estremecida mais uma vez e tocou o próprio rosto.

– Sou... eu... – ele não conseguia expressar o enorme afeto que sentia. Ele nunca tinha se visto como nada além de um monstro e, mesmo assim, pelos olhos de Finn, ele se via como uma verdadeira obra de arte.

– É claro que é você – o regente ficava cada vez mais impaciente. – Vamos, vista alguma coisa mais quente.

Loran não conseguia se mexer, os olhos vidrados pareciam não poder abandonar o contato com a pintura. Finn andou até a cama, vestiu um grosso casaco de pele e pegou um outro roupão tão grosso quanto o que vestia. Caminhou na direção do companheiro e

jogou as vestes pesadas sobre os ombros do rapaz.

O jovem servo virou um olhar para o príncipe, sua expressão era um misto de súplica e gratidão, e aquilo, por alguma razão, revoltou o regente. *Loran é tão patético*, pensou consigo mesmo.

– Venha! – Finn puxou o garoto pelo braço e eles saíram pela porta.

Eles caminharam passos largos e ligeiros pelos corredores do castelo. O chão e as paredes emanavam todo o frio que oprimia o mundo lá fora, era como se eles não estivessem protegidos da neve no fim das contas. O jovem servo tremia os pés descalços no chão gelado do lugar.

Eles ziguezaguearam para cima e para baixo no castelo, como se tentassem despistar olhos invisíveis. Finn observava os becos e corredores com olhos atentos. Depois do que poderiam ser horas, eles desceram uma rampa muito longa que dava a sensação de que os levaria para o próprio centro da terra. Ali, impresso profundamente no chão, uma enorme piscina de águas fumegantes – que poderia abrigar uma centena de visitantes – se estendia para longe, uma escadinha de pedra dava acesso às termas convidativas.

Finn se aproximou de Loran e empurrou o roupão que ele próprio havia vestido no valete, a peça pesada deslizou sobre os ombros do jovem laçao e foi ao chão com um baque suave.

– Melhor vir ou vai congelar – o príncipe disse aquilo com um sorriso no rosto e correu para a piscina antes que Loran pudesse responder.

O jovem regente largou o roupão pelo caminho e se atirou na água ardente. Loran hesitou, mas o acompanhou logo em seguida. Finn ficou o tempo todo de costas enquanto o garoto entrava na piscina.

– E, então, o que nosso amigo roliço anda tramando? – a pergunta ecoou casualmente quando Loran finalmente parou próximo ao regente dentro da piscina.

– Aqui é tão agradável... – disse o jovem servo, ignorando o questionamento. – Por que você nunca me trouxe aqui?

Finn se aproximou do rapaz e posou a mão espalmada em sua bochecha, acariciando-o suavemente. Com um movimento rápido, ele alcançou os cabelos do servo e puxou sua cabeça pra trás. O príncipe chegou perto lentamente, com a boca bem rente ao ouvido de Loran.

– O que ele planeja? – a pergunta do príncipe era um sussurro soproso.

O garoto estremeceu. Ele sentia os dedos de Finn em sua nuca enquanto seus cabelos eram puxados, seu rosto se contorcia em um misto de ódio, dor e prazer.

– Eu não sei... – ele disse sem forças por entre os dentes serrados.

Finn afrouxou a pegada na nuca do rapaz e encostou sua testa na dele, seus narizes se tocavam suavemente e os olhos se encontraram no meio.

– Vamos, me diga... Eu não sou bom para você?

Loran hesitou, sua respiração estava ficando mais pesada e ele sentia o calor em suas pernas.

– Ele não confia no plano... Ele tem medo da rainha... – seus dentes batiam, embora não sentisse frio.

Finn se afastou e encostou-se na borda da piscina.

– O que tem a rainha? – perguntou casualmente, como se nada tivesse acontecido.

Loran respirou fundo e molhou o rosto.

– Ela parece muito interessada... em jogos... – o rapaz ofegava suavemente. – Ele disse algo do tipo para o mestre Quimir.

– Rhaella não me preocupa. Ela é só uma criança estudiosa – respondeu Finn depois de um tempo. – Ela adora ficar horas estudando e lendo sobre coisas que ela provavelmente nunca entenderá.

– O mestre Quimir parece se preocupar com o quanto ela sabe sobre esses jogos – insistiu o jovem servo.

O príncipe mergulhou a cabeça na piscina por alguns segundos e emergiu com o vapor desenhando seus traços no ar.

– Quimir se preocupa? – o tom de voz do jovem regente era ainda mais interessado. – Por que ele se preocupa? O que ele sabe sobre isso?

– Sim, ele parece se preocupar bastante – Loran fez uma pausa, tentando organizar as ideias em sua mente para oferecer apenas o que fosse útil ao seu príncipe. – Ele diz que Rhaella passa muito tempo estudando o assunto. E que isso é perigoso.

– Estudar o jogo e jogar o jogo são duas coisas diferentes – a resposta não tinha qualquer emoção. – A teoria dos livros é linda, mas a prática é algo muito diferente. Talvez algumas coisas sejam dolorosas demais para se aprender na prática. Quimir deveria saber disso como ninguém.

Loran o observava com olhos admirados.

– Eu sei... Eu sei... – disse Finn quando percebeu a expressão nos olhos do companheiro. – Às vezes até eu me surpreendo comigo mesmo. É inevitável.

Ele fez uma pausa e gesticulou para que Loran se aproximasse.

– Rhaella não será um problema. Quanto a Sorim e Quimir, eles acham que estão por cima, mas eu sou o único que sabe os segredos de cada um. Eu sou o único que conhece todas as faces do jogo que estamos jogando.

O jovem servo se mexeu na piscina e seu corpo rompeu a superfície da água. Finn o encarou com olhos raivosos e deu-lhe um tapa violento no rosto com as costas da mão.

– Quantas vezes eu já falei que não quero ver essas coisas?! – berrou histericamente o regente.

O rapaz levou a mão ao rosto marcado pelo anel do príncipe. Seu

lábio sangrava.

Eles se olharam intensamente e Finn se aproximou. O regente colocou a mão no rosto do garoto e desceu lentamente o corpo molhado, passando pelo pescoço, peito e descendo pela sua barriga.

– Fique debaixo d’água... – ordenou Finn suavemente.

Capítulo XIX

Vrendil

A visão da floresta era de tirar o fôlego.

Os dois amigos de infância não podiam acreditar que a vida lhes proporcionaria uma vista tão deslumbrante. De um lado para o outro, até onde os olhos alcançavam, estendia-se um enorme vale e, para além dele, uma floresta vasta de árvores gigantescas que pareciam tentar tocar o céu.

Era inacreditável.

– É aqui que nós nos separamos – disse Nemeria com frieza e, antes que qualquer um deles pudesse se manifestar, ela deu as costas e desapareceu floresta adentro.

– Ora! Então, adeus! – gritou Alma indignado.

– Shh... Silêncio – disse Nervall de sobressalto.

– O que?! – gritou o soldado.

– Fale baixo – repetiu o guia.

– Por quê? – sussurrou Arwin.

– Este lugar é sorrateiro, precisamos passar por ele o mais quietos possível – o rapaz ficava cada vez mais nervoso.

– TUDO BEM! – gritou Alma com todas as suas forças.

Nervall deu um pulo e subiu nas costas de Arwin, agarrando a sacola de couro do jovem rei.

– Dá pra crescer?! – disparou o rei irritado.

– Desculpe! – ele respondeu num sussurro muito alto.

– Vamos... – disse o guia baixinho enquanto ajeitava as roupas de Arwin.

Eles cruzaram o vale sem muita dificuldade, o contraste com a floresta densa que eles haviam recém-atravesado era gritante. As cores ali eram vivas e o som da fauna, pleno. Os viajantes podiam ver, ao redor, pequenos coelhos e cervos correndo de um lado para o outro, alguns roedores saltitando para suas tocas. Os pássaros faziam uma algazarra turbulenta e aquela sinfonia enchia os ouvidos e o coração dos viajantes. O lugar era maravilhoso.

Quando chegaram ao outro lado, Arwin percebeu o quanto as árvores eram altas e a vastidão o deixava tonto – era como se elas fossem os próprios pilares do mundo.

– Bom, aqui nos despedimos – disse o rei virando-se para Nervall – Tome.

Ele esticou a mão e entregou a bolsa de ouro que havia recuperado dos mercadores de escravos.

– Faça bom proveito – completou com um sorriso no rosto.

Alma tirou sua bolsa de ouro e também jogou ao rapaz.

– Não vá gastar tudo em bebidas, hein? – ele fez uma pausa e sussurrou. – Gaste um pouco com mulheres.

A banda de quatro agora eram dois. Eles se viraram e começaram a caminhar em direção ao seu destino.

– Esperem! – gritou Nervall correndo para alcançá-los. – Eu vou levá-los mais adiante. Há um pântano muito perigoso à frente em

algum lugar nesta floresta, vocês não vão querer se perder por lá.

O rapaz olhava atento ao redor.

– Eu achei que ninguém conhecia essas matas – lembrou Alma.

– Eu conheço – respondeu o guia de supetão. Ele olhou à sua volta e continuou com olhos suplicantes. – Podemos ir agora? E, por favor, fiquem em silêncio.

Os amigos de infância trocaram olhares e deram de ombros.

A caminhada continuava tranquila e o clima era muito mais ameno ali na floresta, como se o frio opressor do inverno não conseguisse vencer as barreiras naturais daquele enorme emaranhado de relva. Mas o que mais impressionava os companheiros eram os animais. Eles nunca tinham visto nada como aquilo. Os bichos pareciam transportados de outro mundo, eram enormes e muito gordos. Alma apontou freneticamente para um coelho do tamanho de um grande cão de caça e, depois, para um cervo que era grande como uma casa. Tudo aquilo era fantástico demais para acreditar.

– Você acha que aquele urso se perdeu daqui? – perguntou Alma quando se cansou de apontar admirado para as criaturas do caminho.

– Parece que sim – respondeu Arwin. – Para falar a verdade, isso explica por que não encontramos muitos animais naquela floresta, uma besta daquele tamanho provavelmente comeu todos os bichos em uma só semana e agora está vivendo de sobras.

– Como será que ele foi parar lá? – indagou o jovem soldado coçando a cabeça.

– Caçadores – respondeu Nervall brevemente.

Os companheiros trocaram olhares desconfiados e depois se viraram para o guia, que apertou um pouco o passo.

– O que quer dizer com caçadores? – perguntou Alma curioso.

– Eles aparecem nessas terras de vez em quando procurando por

animais para exibirem por aí. Um urso daquele tamanho com certeza atrairia uma plateia gigantesca. Mesmo por aqui aqueles chifres são muito raros.

– E como você sabe disso? – questionou o rei.

– Eu ouço rumores.

– Que rumores? – pressionou Alma.

– São só rumores. Lendas. Chamem do que quiser – o guia tentava encerrar a questão.

– Ei! – gritou Alma.

– Eu já disse para você falar baixo. Não é seguro – sussurrou Nervall correndo na direção do rapaz.

– Tá b.... – Alma tentou repetir o grito que tinha dado na beira do vale, mas Arwin foi mais rápido e cobriu-lhe a boca.

– Ouviram isso? – disse o rei descobrindo lentamente a boca do amigo.

– O que? – sussurrou Alma.

– Parecem cordas de arc...

Uma flecha passou tintilando a dois dedos do rosto rei e cravou firme em uma árvore. Arwin e Alma sacaram suas espadas e prepararam-se para o combate, mas eles não estavam preparados para o que estava por vir.

Andando na direção dos viajantes, podiam contar pelo menos duas dúzias de homens – ou criaturas – muito altos que apontavam flechas de todos os lados. Cada um daqueles seres era pelo menos duas cabeças mais alto que qualquer homem no reino, braços e pernas grossos e uma pelugem fina, diferente em cada um. Alguns tinham a pelagem de um lobo cinzento, outros se assemelhavam a leopardos. Não fossem os traços animais muito mais acentuados, eles poderiam dizer com tranquilidade que aqueles seres eram muito parecidos com Nemeria.

Um dos homens-fera se aproximou com uma passada tranquila. Ele não carregava nenhuma arma visível, mas era ainda mais alto que os outros e mais largo que os três viajantes combinados. O monstro parou a alguns passos de distância e os encarou com grandes olhos dourados. O pelo acinzentado tinha um aspecto muito macio e tinha alguns desenhos em carmesim espalhados pelo corpo, como uma pintura de guerra. Ele usava um colar de um único osso – aparentemente uma garra de urso, de uns dois palmos – balançando em seu pescoço e ronronava baixinho dentro do peito. A criatura deu mais um passo para perto e falou com uma voz profunda e gutural.

– Bem-vindo ao lar, Onbero.

– Meu nome não é Onbero – respondeu o rei. – Eu sou Arwin e estou em uma importante missão para...

– Ele não falava com você – interrompeu Nervall. – Ele falava comigo.

Seus companheiros estavam completamente perdidos. Nervall deu um passo à frente e disse com uma voz igualmente gutural.

– Esse é meu irmão, Grafan.



– Eu não acredito que você nos traiu! – praguejou Alma indignado.

– Você acha que ele estaria acorrentado se tivesse nos traído? – questionou Arwin. – Na verdade, ele é o único acorrentado, caso você não tenha notado.

Os dois ficaram em silêncio, ouvindo apenas os sons da floresta. Nem mesmo Alma se atrevia a agravar a situação com um de seus comentários sórdidos. Seus captores os guiaram até entrarem em um acampamento – ou pelo menos uma cidade de tendas – no meio da floresta. Havia muitas outras daquelas criaturas e todos tinham pelagens distintas, de cores diferentes. Arwin os analisava francamente e notou que eles se pareciam muito entre eles. Apesar dos rostos que variavam, todos carregavam as mesmas

características básicas que o lembrava muito os felinos. As vestes rudes, a maioria de couro de animal, tinham uma aparência estranhamente asseada, como quem se prepara para um baile de gala. Os cintos grossos que a maioria deles usava eram feitos de peles entrelaçadas, provavelmente viscerais, de uma cor muito encardida. Alguns deles tinham colares de ossos em volta do pescoço – os muitos ossos, que podiam ser pequenas partes de dedos, garras ou presas, estavam amarrados em longos cordões feitos de fibras amolecidas das cascas das sequoias gigantes que se projetavam ao infinito por todos os lados –, ou mesmo usavam capacetes feitos de ossos dos gigantes animais que enchiam aquela selva. Um daqueles seres fantásticos, de braços e pernas particularmente grossos, tinha a ossada do crânio de um veado, ainda com os chifres, adornando-lhe a cabeça.

O acampamento tinha barracas altas e todas contavam com um fogareiro de frente para a entrada. Algumas delas tinham varais de roupa ou com caças dependuradas em grossos varões. Todos acompanhavam a passagem da procissão de prisioneiros enquanto eles atravessavam o lugar. Os residentes da floresta eram todos muito grandes e corpulentos, até mesmo as mulheres, e a maioria carregava machados ou malhos pesados em seus ombros musculosos. Arwin não podia deixar de notar que alguns machados de guerra traziam as mesmas características da arma de duas faces que quase o havia feito em pedaços em Shirim.

– E por que eles não nos acorrentaram? – questionou Alma depois de muito tempo de caminhada.

– Vocês não representam risco de fuga – respondeu Nervall.

– Nós não... representamos... – as palavras pareciam escapar do tamanho da indignação que o soldado sentia.

– Confie em mim – insistiu o guia. – Você não vai querer debater esse assunto.

– Como é seu nome, afinal? – indagou Arwin mais interessado do que indignado.

– Meu nome é Onbero – o rapaz suspirou cabisbaixo. – Esta é minha

terra natal.

– E por que você fugiu? – questionou Alma tão curioso quanto o amigo. – Por que escondeu seu nome e quem você era?

– Porque ele é um criminoso – disse Grafan com sua voz gutural, intrometendo-se na conversa.

– E que crime alguém pode cometer na própria terra natal para o qual a sentença é o exílio? – perguntou o soldado enfurecido.

– A sentença dele não foi o exílio... – o homem-fera fez uma pausa e deu um sorriso largo, mostrando todos os dentes pontiagudos. – A sentença dele foi a morte.

Alma perdeu todo o rumo e ficou boquiaberto encarando seu antigo guia até finalmente conseguir formular um argumento.

– Mas ele é seu irmão! – a urgência crescente tentava argumentar o caso em favor do guia. – Você deveria protegê-lo...

Ele foi interrompido por seus captores quando pararam em frente a uma cabana gigantesca. A entrada se esticava aos céus, tão alta como se esperasse a visita de gigantes, e o pano verde era adornado por todas as partes com desenhos de garras em um tom muito profundo de escarlate.

Eles entraram na tenda.

– E esse é meu pai... – disse Onbero solene.

Do outro lado do palacete improvisado, sentado em um enorme trono de madeira, estava outra criatura, ainda maior e mais brutal que Grafan. Alinhados de ambos os lados, no caminho que levava até o trono, vários homens-fera empunhavam lanças pesadas, martelos de guerra colossais e alabardas, cada um com a expressão mais feroz que o outro.

– Aproximem-se – acenou a criatura. – Eu sou Palamar, líder dos ferais.

O feral imponente tinha um pelo acinzentado bastante grosso,

muito parecido com o de Grafan, mas exibindo muito mais as marcas da experiência. Ambos os olhos carregavam cicatrizes – o olho direito era completamente esbranquiçado, claramente cego. Um dos protuberantes caninos estava com a pontinha quebrada e todas presas eram muito amareladas. Ele carregava, ao redor do pescoço, um cordão muito grosso do que aparentava ser uma pata de urso pardo. Apesar da aura animalesca, Palamar se portava com a altivez e a imponência de um rei. Ele era claramente um líder poderoso e muito respeitado. Sua estatura e força impunha respeito e a autoconfiança que emanava do feral deixava claro que ele sabia disso.

Pela exata primeira vez em sua vida, Alma não encontrou nenhum comentário pra fazer, nem mesmo mentalmente. Eles andaram cuidadosamente pelo corredor de bestas, empenhados em não tropeçar em ninguém. Os olhos que os acompanhavam como se saboreassem uma presa desavisada. Os dois amigos ouviam pequenos rosnados e o bater de dentes, e mais de uma vez o jovem soldado viu um dos brutamontes lambe os beiços enquanto os observava avançar.

– Tsc tsc... – Palamar sacudiu a cabeça em desaprovação. – Que coisa horrível, meu filho.

Ele fez um gesto com a mão e uma mulher-fera se aproximou e olhou Nervall de cima a baixo com o mesmo olhar recriminador. A criatura fechou os olhos e murmurou algumas palavras incompreensíveis. Depois de um tempo – que poderiam ser muitos minutos –, ela abriu os olhos de sobressalto e estalou os dedos.

Nervall começou a se contorcer na própria pele e os dois amigos observaram horrorizados quando seu companheiro de viagem começou a crescer não só em uma floresta de pelos, mas em estatura. E dentes. E orelhas. Seus olhos mudaram de cor e suas pupilas se lateralizaram e se contraíram verticalmente. Seu corpo agora estava todo recoberto por uma pelugem parda, muito brilhosa, quase da cor avermelhada dos cabelos de sua forma humana. Mas os olhos, mesmo tendo adotado aspecto animalizado, ainda carregavam a mesma gentileza a qual seus novos amigos já haviam se acostumado.

– Agora só falta o rabo? – Alma não se conteve.

– Melhor assim... – declarou Palamar de braços abertos.

Onbero não conseguia esconder o olhar de vergonha que ele oferecia aos companheiros.

– Eu sou Arwin, O Jovem, Filho de Sinn, Rei dos Reinos do Norte e Senhor de toda a Galabor – declamou o rapaz de forma importante, ignorando a situação de seu guia. – Eu estou em uma missão muito importante para cumprir uma profecia. E peço humildemente ao Senhor dos Ferais que me conceda passagem segura até o outro lado da floresta.

O silêncio caiu pesado sobre todos eles.

– Bonito discurso... Confiante... Adorei – encorajou Alma baixinho.

Palamar e Arwin se encararam por um longo tempo. O jovem rei já se perguntava se aquilo teria sido um erro. Enquanto ele olhava em volta, analisando as posições de todos ali e maquinando rotas de fuga, um outro feral barrigudo entrou desengonçado por uma passagem lateral da tenda e correu até o trono. Ele se inclinou e sussurrou algo no ouvido do chefe.

O feral olhou para Arwin por mais um momento com uma expressão dura como rocha, completamente inescrutável.

– Arwin, Filho de Sinn... – ele fez uma pausa e mediu o jovem rei. – Rei de todos os Povos, dos Reinos do Norte e de toda a Galabor. Filho da profecia e predestinado a salvar todos os povos de nossa nação. Eu o recebo e o abraço. Nós o levaremos ao seu destino. E que a profecia seja cumprida.

– Você conhece a profecia? – questionou o jovem rei surpreso.

– Se nós a conhecemos? – rosnou Palamar. – Nós a ouvimos antes de todos vocês. Um rei do Norte viria para reclamar a obra de um nobre ferreiro.

O homem-fera se levantou e sua altura era assustadora. Ele abriu os braços e falou bem alto.

– Esse é o Rei predestinado. Nós devemos abraçá-lo! – ele apontou para Grafan. – Você sabe o que fazer.

Palamar acomodou-se no trono e seu filho curvou a cabeça a ele em respeito.

– Siga-me, Vossa Majestade – a voz gutural de Grafan era mais pomposa desta vez.

Arwin se virou e acompanhou seu novo guia para fora da tenda. Alma fez um gesto para acompanhar o amigo, mas duas lanças cruzaram em seu caminho.

– Ei! – gritou o rapaz indignado.

– O rei deve ir sozinho – instruiu Grafan brevemente.

– Está tudo bem – disse o rei com um sorriso reconfortante no rosto.
– Eu vou ficar bem!

Ele deu mais dois passos à frente e virou-se novamente.

– O que vai acontecer com Onbero? – a voz de Arwin assumiu pela primeira vez naquela jornada o tom da realeza.

– Ele pagará sua sentença, finalmente! – respondeu Palamar em meio a um rosnado.

– Poupe-o, ele é um bom hom...

Palamar bramiu e bateu seu enorme punho contra o braço do trono, mas Onbero sorriu com os olhos para Arwin.

– Feral... Ele é um ótimo feral – corrigiu o jovem rei.

– Eu vou... considerar o seu caso – respondeu o líder feral por entre os dentes.

Arwin fez um gesto de aprovação com a cabeça e saiu pela tenda em direção ao seu destino.

A caminhada não foi longa, o feral gigantesco o levou para fora do

acampamento e pela floresta. Eles chegaram à boca de uma caverna e o guia improvável se virou para ele.

– É aqui que seu destino se cumpre, Rei dos reis – a voz gutural carregava toda a gravidade da situação. – Se despoje de suas armas e proteções. Esse é um lugar sagrado.

Ele fez uma pausa e olhou em direção à caverna.

– Lá dentro, você encontrará enormes desafios e terá que usar apenas os seus instintos para sobreviver. Ao final do percurso está o que você procura. No final da caverna, você encontrará o seu destino.

Arwin olhou para a caverna por um longo período. Ele tinha conseguido. Ele estava perto de conseguir, afinal. Sua vida finalmente faria sentido. Agora, tão perto, ele sentia novamente seu coração acelerar e o corpo tremer. O suor já começava a se formar em sua testa e seus músculos pareciam perder as forças. Ele respirou fundo, tentando colocar a cabeça no lugar.

O jovem rei tirou a capota de couro, a cota de ferro fundido e descalçou as botas. Ele sentiu o vento gelado que soprava da caverna acariciar sua pele, fechou os olhos e deixou o ar frio preencher seus pulmões. Ele respirou bem fundo e, quando abriu os olhos, partiu para a reta final de sua jornada.

Quando entrou na caverna, encontrou o lugar iluminado por tochas ao longo do caminho. As paredes eram rochosas e o teto baixo, com estalactites por todos lados. Ele precisava andar curvado e desviar aqui e ali das lanças que se projetavam do teto, e tropeçou mais de uma vez nas pedras espalhadas pelo percurso. Seus pés sangravam, mas ele tentava ignorar.

Depois de uma longa caminhada, Arwin chegou em um ponto muito estreito, que o obrigou a se deitar e rastejar até encontrar uma passagem à frente, quase dez vezes a distância que teria andado entre a entrada do salão real e seu trono. Quando ele passou pela pequena abertura, viu uma caverna muito ampla em forma de redoma que descendia levemente à sua frente. Ele não conseguia enxergar muito longe, pois o teto inclinado encobria sua vista.

Arwin olhou ao seu redor por alguns momentos e começou a descer.

O jovem rei já se perguntava quais seriam os obstáculos que encontraria quando ouviu um estrondo violento em algum lugar na passagem às suas costas. Ele se virou para ver um enorme pedregulho rolando em sua direção. O rapaz correu ladeira abaixo com toda a potência que conseguiu reunir. Seus pés estavam em carne viva e gritavam a cada passo. Ele correu até seus pulmões gritarem.

Quando Arwin achou que não teria mais escapatória e que sua jornada acabava ali, enxergou o fim da descida e redobrou os esforços. Ele encontrou um espacinho ao final do declive e se espremeu com todas as forças, sentindo o pedregulho roçar seu nariz de leve. O jovem rei se afastou de seu refúgio e viu a pedra enorme colidir violentamente com a parede no outro extremo da caverna. Ele se virou e vislumbrou a trilha de sangue que seus pés haviam deixado na ladeira.

Só mais um pouco , pensou. Quase lá .

Continuando pela caverna, ele encontrou outra abertura. Ali se esticava bem longe um salão de teto alto com uma enorme piscina e, do outro lado, uma nova passagem. O lago artificial tinha algumas rochas de aparência muito escorregadia que se espalhavam por todo o lugar.

Arwin sabia que estava no caminho certo. Pulou de um pedra para outra, agarrando-se à vida com tudo que tinha. Seu corpo estava todo arranhado e, na metade do caminho, seus músculos já tremiam desesperadamente, implorando por descanso. A última rocha quase teve o melhor dele. Ele a agarrou bem firme, arranhando profundamente a mão direita no processo, mas conseguiu se segurar e atravessar mais um obstáculo.

Seguindo pela trilha pedregosa, o lugar ia ficando mais civilizado, menos cavernoso. Ele andou pelo trajeto, que agora era mais liso, e chegou em outra câmara. O espaço era ainda maior que antes, mas o obstáculo era bem claro. Arwin olhou para cima e viu enormes estacas de madeira presas no teto e já podia imaginar o que aconteceria se ele tentasse cruzar a câmara. Então se voltou para o

chão e notou diversos quadrados desenhados. De repente, as coisas não estavam mais tão óbvias.

O jovem rei caminhou até a beira de um quadrado e pisou de leve. Um rangido horrível encheu o lugar e uma estaca de madeira gigantesca despencou dos céus e cravou o chão no exato lugar onde o rei estava instantes antes. Arwin respirou fundo e testou outro quadrado, que não cedeu. Ele havia entendido o propósito do obstáculo. Com o corpo estremeado, o rei andou de um lado para o outro tentando decidir que caminho tomar, pois não importava se ele acertasse o primeiro quadrado, ele precisava acertar todos os outros na sequência ou sua morte seria certa. Ele levou as mãos à cabeça e olhou para o alto como se pedisse por ajuda. Quando se virou novamente para o desafio à sua frente, ele viu duas gotinhas de sangue em um dos quadrados e sorriu.

– Destino... – disse baixinho pra si mesmo.

Pulando de um quadrado para outro, e prendendo a respiração em cada decisão, ele atravessou todo o quebra-cabeça sem qualquer acidente. Já do outro lado, ele se jogou no chão e respirou fundo. Aquilo era uma provação muito grande mesmo para alguém tão bem treinado. Seu corpo estava acabado e a adrenalina que corria por suas veias fazia seu coração bater muito rápido, martelando em seus ouvidos como tambores de guerra.

Quando conseguiu reunir forças para se levantar, ele olhou de novo para os quadrados e tentou memorizar o melhor que pôde o caminho que tinha feito, afinal seria preciso fazer a jornada de volta.

Arwin caminhou pelo que poderia ser mais de uma hora até chegar ao final da aventura. O jovem rei podia sentir que era ali que o seu destino seria selado para sempre. O lugar era uma gigantesca caverna circular. Um rio de fogo corria da rocha para um enorme foço no centro do covil. Ali, todos os vincos incandescentes das paredes se uniam para formar um enorme lago incendiado. No meio do lago, projetava-se uma ilha muito alta. E lá, um pedestal redondo de pedra branca dava suporte a uma grande manopla de material extremamente brilhante.

Ele andou até a beira do precipício e olhou para baixo. Mesmo dali de tão longe, o calor agredia sua pele. Ele analisou o ambiente à sua volta e entendeu o que precisava fazer . O rapaz andou de costas para o mais distante da borda que pôde e desatou a correr com todas as forças que ainda lhe restavam. Ele se lançou da beirada da escarpa fumegante com todo vigor que conseguiu reunir.

Tudo parecia se mover lentamente à sua volta. Arwin podia ver com clareza seu objetivo agora, mas, conforme avançava no ar, ele o foi perdendo de vista.

Era muito longe.

Ele caiu pelo espaço até bater violentamente no costado da ilha. O jovem rei se agarrou na pedra com tudo o que tinha, lutando pela própria vida, e sentia a sola dos pés queimar a um palmo do rio de fogo.

Arwin lançou um olhar determinado aos céus e começou sua escalada. Podia sentir o cheiro de sangue e pele queimada que emanava do próprio corpo. No fim da escalada, ele jogou seu peso por cima da beirada da ilha e ficou inerte. Sua respiração estava descontrolada, ele não sabia se algum dia seu coração voltaria a bater em um ritmo normal.

Caído ali, semivivo, sentiu a luz por detrás de suas pálpebras e reuniu a pouca vontade que ainda restava para abrir os olhos. Inspirou fundo e se levantou, apoiando seu corpo enfraquecido contra o pedestal. Ele ficou de pé de frente para a manopla e a encarou por um longo período.

Era uma peça magnífica.

Arwin podia ver o próprio rosto exaurido refletir no objeto que projetava um milhão de cores para todos os lados. Ele esticou o braço e a tocou. Mesmo cercada por aquele calor infernal, seu toque era gélido. Era reconfortante.

Ele levantou o aparato e o vestiu na mão direita. Um vento violento soprou contra seu corpo e ele se sentiu banhado por uma luz intensa. O jovem rei olhou novamente para sua mão e ouviu um

sussurro ecoar pela caverna.

Destino .

Capítulo XX

A Rainha e o Capitão

As nevascas de inverno lentamente se tornavam suaves brisas.

A pena de escrita dançava graciosamente sobre o pergaminho amarelado. O sonzinho da ponta suave raspando no papel rude vibrava pelo ar. Os finos dedos de Rhaella promoviam um aperto firme – mas delicado – sobre o cabo da pena. Ela usava o vestido amarelo que tanto enchia os olhos de seu rei.

Seu pequeno ateliê estava iluminado por uma luz fraquinha, como sempre. No canto da porta, um servo aguardava pacientemente a matriarca concluir o seu trabalho. Ela desenhava linhas perfeitamente delineadas na folha, a letras surgiam com uma doce sinfonia. A palma da mão, pressionada sobre a mesa, buscava todo o controle do mundo naquele pedaço de papel.

O som seco das batidas na porta grossa fez o servo saltar na própria pele, mas a rainha parecia não ter percebido qualquer perturbação no silêncio. Os dedos rápidos continuavam a rascunhar o papiro. Outro som forte, dessa vez balançando as paredes do lugar. O servo se mexeu desconfortavelmente.

Rhaella levantou a mão delicada e fez um sinal com os dedos para o criado, que se virou sem dizer uma palavra e andou passos sorrateiros até a porta.

– Eu gostaria de falar com Vossa Majestade! – a voz profunda de Fergus trovejou por todo lugar.

O servo deu espaço para o comandante, que pisou com as botas

pesadas no quartinho. A rainha fez outro gesto para que ele aguardasse e Fergus parou em seus passos. Ela enrolou o pergaminho cuidadosamente e estendeu a mão para pegar um bastão de cera.

O bastonete girava desprezioso sobre as chamas de uma vela enquanto o comandante se remexia ao fundo. Rhaella pingou algumas gotas de cera no pergaminho e o selou com seu brasão pessoal – uma andorinha de asas abertas, símbolo que ela mesma havia criado –, fez outro gesto e o criado se aproximou.

– Leve isso para o regente... E depressa! – suspirou a matriarca.

O serviçal fez uma nova reverência e saiu apressado para os corredores.

Os minutos se arrastavam vagarosamente e o capitão já se questionava se a rainha havia se esquecido de sua presença. Ela mexia em vários pergaminhos e mudava livros de um lugar para outro sobre a mesa.

– Então... – ela disse depois de vários minutos de arrumação frenética. Rhaella juntou um fabrico longo de couro pesado e, com algum esforço, cobriu tudo o que havia organizado. – Notícias sobre o paradeiro do rei?

A matriarca não fez questão de se virar para o comandante, e Fergus teve que se concentrar para não deixar escapar seu desagrado com aquela situação.

– Não, Vossa Graça – respondeu sem elaborar.

– E Vallro? – a voz da rainha carregava uma nota suave de desprezo.

– E Vallro o que? – Fergus disse aquilo em um supetão involuntário e trincou os dentes. Ele não podia perder a calma, ele precisava se controlar.

– O investigador descobriu algo sobre os rumores? – o tom de voz completamente inalterado.

Fergus encarava com intensidade a nuca da rainha.

– Nenhuma novidade sobre isso – ele respondeu sem emoção. – Como eu já deixei claro para o regente real na reunião do Conselho.

– É uma pena.

– Eu farei com que Vallro envie mais espiões para investigar esses...

– ele fez uma pausa e finalizou a contragosto. – Rumores...

– Ótimo. E Enid?

– Eu designei dois de meus melhores soldados para protegê-la... –

Fergus não conseguiu se controlar. – Das borboletas no jardim.

Rhaella se virou finalmente, seus olhos injetados de um timbre leve de escarlate encaravam o comandante sem demonstrar qualquer hesitação pela altura do homem.

– Olha como fala... capitão – a voz aguda fazia o olhar feroz se tornar ainda mais sinistro.

– Desculpe-me... Vossa Graça – respondeu o comandante pomposamente. Ele se alinhou perfeitamente e encarou um buraco na parede, como que na presença de um oficial superior. – Enid está perfeitamente segura, Majestade!

– Ela vai estar perfeitamente segura quando eu disser que ela está perfeitamente segura – rugiu a rainha, exaltando-se pela primeira vez. Uma veia pulsando em sua testa.

Ela respirou fundo e se ajeitou lentamente.

– Se você não tivesse mandado aquele boçal asqueroso para fora do reino, eu não teria que colocar Enid sob a guarda de outro bando de animais – a voz dela carregava a frieza e a indiferença de antes. – Ao menos a paixonite que existia entre os dois me assegurava que aquele bufão imprestável protegeria minha doce irmã com a própria vida.

– Qualquer um deles protegeria os membros da família real com a própria vida – Fergus continuava com um tom muito formal. Ele fez

uma pausa e completou com imponência. – Eu daria a minha vida por qualquer um da família real!

– Todos nós contamos com isso – respondeu a rainha. – Diga-me, como Finn está se saindo com o Conselho?

– Os assuntos do Conselho devem ficar no Conselho, Vossa Graça – respondeu o capitão desconfortável.

A rainha virou-se de costas e andou novamente até a mesa, onde se sentou sem tirar a peça de couro que cobria seu material de estudos.

– Finn é um garoto ingênuo que acha que está pregando peças por todo o reino – ela falava tranquilamente olhando para a parede. – Ele acha que pode controlar os outros conselheiros, mas talvez esteja complicando a vida do rei...

– Ele está exercendo seu papel como regente – ponderou Fergus mecanicamente.

– E ele está fazendo um bom trabalho? – perguntou a matriarca de maneira despreziosa.

Fergus não respondeu e a observava estudar as próprias unhas.

– Fique de olho nele, sim? – ela acrescentou quando percebeu que não haveria nenhuma resposta. – E você pode se retirar.

– Eu fico – antes de sair o capitão falou sem hesitar. – De olho em todos.

A rainha se virou para ele e deu um sorriso doce.



Rhaella se perguntava quanto tempo mais teria que aturar Finn como regente. Ela já não suportava mais tê-lo por perto, espreitando-a em cada corredor do castelo. E ela o odiava por ter designado guardas “para protegê-la” a todo o momento, ficava cada vez mais difícil ter um momento de privacidade em seu próprio lar. A rainha precisava pôr em prática toda a sua astúcia para conseguir

se livrar de sua escolta-vigia.

Ela sentia constantemente que estava sendo observada enquanto andava pelos corredores do castelo e ficava apreensiva sempre que estava em um ambiente aberto, como se fosse sofrer uma emboscada a qualquer momento. Nos pátios e jardins, ela tinha que reunir toda sua força de vontade para não sucumbir aos apelos violentos de seu corpo, que queria se enrolar em uma bola e se proteger do mundo.

O eco da sapatilha no ladrilho bem cuidado denunciava a urgência que os pés tinham em alcançar o destino. Ela olhava francamente para todos os lados, por cima dos arbustos, em cima das árvores, seu semblante era calmo e seu corpo esbanjava elegância, mas um turbilhão se formava em sua mente.

A rainha se aproximou de uma árvore de tronco muito largo no lado sul do castelo. Um teixo gigantesco se elevava aos céus, o marrom pálido e os muitos nós que se espalhavam por todas as partes denunciavam as muitas centenas de anos que a cepa carregava. Os enormes galhos que emaranhavam em todos os cantos seriam uma vista magnífica, não fosse a ocasião.

Rhaella resistia como podia ao ímpeto de correr até o local do encontro. Deu a volta no tronco grosso e procurava por seu anfitrião. Seu coração batia rápido e os aromas da primavera enchiam seus pulmões. Ela sentia os lábios tremerem.

Será que ele não viria? Estaria ela enganada?

Os pensamentos se amontoavam na parte da frente do seu cérebro e ela se sentia um pouco tonta. Ela tinha certeza de que estava fazendo tudo certo.

– Ora, você chegou cedo – disse uma voz enfadada se aproximando.

Rhaella se virou e viu primeiro a napa vultosa à sua frente. Seu cérebro desacelerou e ela se ajeitou como pôde. Limpou a garganta com todo o requinte que conseguiu reunir.

– Você está atrasado – a gastrite que lhe subia à garganta era

mascarada à perfeição no tom de voz indiferente.

– Não! Eu raramente me atraso – respondeu Quimir, o tédio transbordava sua voz. – Eu estou perfeitamente no horário.

– Que seja! – a impaciência estratégica aparecia sempre que precisava. – Nós precisamos conversar.

– Em que posso servi-la, Vossa Graça?

Rhaella não sabia dizer se Quimir estava zombando dela. Ela o considerou por alguns instantes e continuou.

– Finn planeja algo, eu posso sentir.

– Todos planejam algo o tempo todo, Majestade... – o conselheiro fez uma pausa. – É só uma questão de quem tem o melhor plano.

O Mestre da Moeda olhou ao redor e caminhou até a sombra mais aguda do abrigo que a copa da árvore ancestral oferecia para sentar-se despreocupadamente na grama. E aguardou. Rhaella revirou os olhos e acompanhou o gesto a contragosto.

– Finn é um rapaz extraordinário – continuou Quimir enquanto tirava as pétalas de uma margarida inocente. – Ele vê as coisas de muito longe, está sempre dez passos à frente de todos que o rodeiam. Em uma situação de guerra, ele teria sido o adversário mais perigoso que qualquer um poderia enfrentar. E o garoto sabe disso.

A moça observava o homem falar sem dizer uma palavra, ela não sabia aonde ele queria chegar.

– Ele analisa todas as possibilidades – prosseguiu o conselheiro quando percebeu que não teria uma resposta. – Seus planos têm planos. Seu preparo é incrível. Formidável. O garoto é realmente formidável.

– Você fala como se ele fosse onisciente – disse a rainha tentando soar tão casual quanto fosse possível.

– Nenhum homem sabe tudo – Quimir deu de ombros. – Mas se tem

alguém que está muito perto disso, esse alguém é o jovem regente.

A matriarca encarou os próprios joelhos por um longo tempo. Sua expressão se torcia e relaxava compulsivamente enquanto ela tentava formar uma concepção muito complicada em sua mente.

– O que eu posso fazer para impedi-lo? – ela perguntou limpando a garganta para disfarçar o temor que sua voz carregava.

– Impedi-lo? – o Mestre da Moeda parecia legitimamente confuso.

– Eu sinto que ele vai fazer algo de ruim com Enid... – ela fez uma pausa e agora não conseguia mais esconder a ansiedade em sua voz.
– Comigo...

– Não se preocupe. Finn gosta muito de governar, mas ele não seria tolo o bastante de desafiar Arwin – as palavras de Quimir eram carregadas de certa presunção. – Muitos nobres ainda apoiam o rei. Apesar de Arwin se achar indigno e fraco, muitos ainda o respeitam e sentem-se confortáveis com o fato de não terem mais um rei conquistador. Eles gostam da paz. A paz é reconfortante.

– Mas existe alguma chance? – a pergunta saiu com mais urgência do que ela havia planejado.

– O que podemos oferecer para esses homens? – o tom ainda era despreocupado. O conselheiro sempre parecia estar perfeitamente desinteressado em tudo o que acontecia no mundo. – Os nobres têm um bom rei, que gosta de paz. Os impostos não são os melhores, mas, em uma época tranquila, ninguém precisa de muitos recursos para sobreviver. Para muitos deles, a honra e lealdade ainda exercem um papel muito influente em suas vidas. Eu me pergunto, o que você pode oferecer para um homem que tem tudo?

– Você tira... – sussurrou Rhaella.

Quimir a considerou por vários instantes.

– Vejo que Vossa Graça tem estudado muito. Eu ouvi rumores da mente por trás da beleza, mas isso é realmente impressionante.

– Eu faço o possível para proteger minha família – ela se esforçou

para não demonstrar o lisonjeio na voz.

A rainha fez um gesto para continuar quando notou um movimento no canto do olho. Ela se virou e viu um homem velho e muito magro. Os olhos da matriarca se arregalaram com urgência.

– Você! Espião! O que faz aqui?! – ela gritou para o intruso.

– Não se preocupe – interferiu Quimir. – Este é meu valete pessoal. Ele é completamente surdo.

Rhaella se virou para encarar o conselheiro.

– Há quanto tempo ele está ouvindo?! – questionou desesperada.

– Vocês sabe o que surdo quer dizer, Vossa Graça? – ele perguntou de um jeito descontraído.

– Espionando então, que seja – pressionou irritada.

– Não se preocupe. Ele não ouve nada há muitos anos, mas é muito leal e discreto.

A rainha respirou fundo e tentou retomar a postura.

– O que faremos quanto ao Finn?

– Não se preocupe, Majestade.

O Mestre da Moeda fez uma longa pausa e olhou novamente para Rhaella.

– Você e sua família estão perfeitamente seguras. Eu posso garantir!

Ele sorriu e se levantou, depois olhou para a rainha com os olhos muito sérios e repetiu.

– Eu posso garantir!

O conselheiro estendeu a mão para sua companhia e se despediu com um toque suave dos lábios no dorso da mão da matriarca. E ela ficou lá, atônita, enquanto observava o homem andar para longe ao lado do servo que mancava em seu encaço. Sua mente acelerada

em um turbilhão de pensamentos. E seu desejo mais profundo ecoava por todos os lados em sua mente.

Eu preciso proteger minha família. Custe o que custar.

Capítulo XXI

De volta ao lar

As areias do tempo escoavam profusamente enquanto o destino batia à porta.

O clima na corte era cada vez mais tenso, já se passava quase um ano desde que o rei havia partido em sua jornada e a falta de notícias tornava os ares ainda mais pesados.

No Conselho real, existia uma aura de guerra. As semanas se arrastavam enquanto o lugar se transformava lentamente em um caldeirão fervente à beira da erupção. As instruções que Arwin havia deixado para seu irmão e para o destino do reino eram motivos de debates frequentes entre os conselheiros.

– Não importa se faz um ano ou uma era. Arwin é nosso rei! – Fergus socou a mesa com tanto vigor que as pernas da coisa se curvaram em reverência.

– Ele deixou instruções claras – respondeu Quimir calmamente. – Os desejos reais não podem ser menos que uma ordem em qualquer reino que se preze.

– Concordo! – declarou Sorim com gesto de aprovação com a cabeça. – Arwin é um homem de honra e um rei tem de manter sua palavra.

– Os desejos do rei devem ser atendidos quando não forem ideias absurdas criadas em um momento de descontrole! – o capitão se mantinha vigoroso em defesa de seu pupilo.

– Talvez esse seja mais um motivo para seguirmos em frente com as ordens do rei – argumentou o Mestre da Moeda. – Afinal, um rei desequilibrado não deveria ser rei.

O veterano de guerra teve que reunir toda a força de vontade que carregava em seu espírito para não avançar sobre o conselheiro.

– Um rei, desequilibrado ou não, ainda é um rei – ponderou Vallro.
– E, por isso, o desejo de um rei deve ser levado até as últimas consequências.

Quimir iniciou um gesto de anuência, mas o investigador levantou a mão e continuou.

– Mas nós devemos ser cautelosos – ele falava tranquilo, em tom casual, como se comentasse o clima. – Nós não temos notícias do rei e isso levanta questões perigosas, pois, se celebrarmos um novo governante sem antes nos certificarmos de que o antigo não pode mais reinar, abriremos um terrível precedente que nada traria de bom para o futuro do reino.

Aquelas palavras ficaram suspensas por um longo tempo e a atmosfera ficava cada vez mais espessa, como se fosse possível respirar blocos de concreto.

– Eu acho... – começou Balbur com dificuldade. O ar que raspava em sua garganta a cada palavra era agonizante. – Eu acho que a decisão cabe ao regente.

Todos olharam para Finn, que, na cabeceira da mesa, observava a reunião com um olhar espirituoso. O regente espreitou à sua volta e depois se virou para Loran, que agora exercia o antigo papel de Finn no Conselho como escrivão e conselheiro mais próximo do governante. O jovem servo retribuiu o olhar do companheiro, seus olhos eram alertas, mas ele sorriu e fez um gesto quase imperceptível com a cabeça, o sinal de sua aprovação.

– Vocês são os conselheiros do rei e, dessa forma, devem aconselhar o rei ou aquele que estiver sentado em seu trono. “Para todos os efeitos, Finn agora é o rei”, foi o que meu irmão disse antes de partir em sua empreitada audaciosa. Para todos os efeitos! – ele

disse com autoridade. – Então me aconselhem!

Um par de instantes foi o que levou para a sala explodir em discussões e argumentos novamente.

– Ele é meu rei! – disse Fergus bem alto. – Ele é nosso rei e nós devemos lealdade a ele!

– Não devemos lealdade a um rei morto – respondeu Sorim truculento.

– Não sabemos se ele está morto – retorquiu Vallro. – Nós não temos notícias!

– Vivo ou morto, eu que não devo minha lealdade a um rei insano! – replicou Quimir.

Parecia que o lugar viria abaixo.

– ORA, COMO OUSA?! – o rugido ensurdecador de Fergus fez o salão todo estremecer. Ele se levantou em um movimento feroz que fez sua cadeira voar contra a parede e deu a volta na mesa do Conselho em três passos determinados a praticar violência. Agarrou Quimir pelo colarinho e ergueu o punho cerrado bem alto, pronto para descer a massa de carne sobre o crânio do homem, quando um som surdo bateu forte à porta.

Todas as ações do salão ficaram suspensas no ar. Ninguém interrompia uma reunião do Conselho. Loran correu até a porta – ele estava muito mais acostumado com a vida de serviçal do que com a de conselheiro real – e, do outro lado, esperava um homem ofegante apoiado sobre os joelhos. Ele se apresentava muito pálido, suas roupas muito arranhadas e as mangas do camisão que usava por baixo da cota de malha estavam rasgadas por toda a parte.

– Eu tenho... uma mensagem... para o regente... – disse o mensageiro com muita dificuldade.

Finn fez um gesto com a mão e Loran deu espaço para o homem, que cruzou o salão em passos apressados. Ele parou na frente do regente, fez uma reverência com a cabeça e entregou-lhe um rolo de pergaminho.

Os olhos de Finn se mexiam em um borrão enquanto lia a mensagem entregue pelo emissário. Quando terminou, gesticulou para que o vassalo se retirasse. O homem fez outra reverência, deu dois passos de costas, virou-se e saiu apressado.

Finn se levantou com o som da porta fechada atrás do batedor.

– Boas notícias! – anunciou com um largo sorriso no rosto. – Arwin encontrou o que procurava e está retornando ao reino!

Quimir e Sorim trocaram olhares preocupados que só não foram percebidos pelos outros pelo estrondoso grito de felicidade que Fergus fez ecoar novamente por todos os cantos do salão. O príncipe olhou mais uma vez para Loran e seu conselheiro mais próximo o observava com satisfação no olhar.

– Vamos preparar a recepção do rei! – disse Finn alegremente de braços abertos.



O clima no acampamento dos ferais era muito mais tranquilo do que antes. Arwin podia jurar que toda a hostilidade que sentia havia desaparecido completamente. Ele se via estranho no meio daquele povo, meio sufocado – talvez graças ao esforço descomunal que exercera para alcançar o objetivo de sua viagem, ele não sabia dizer.

O líder dos ferais havia preparado uma despedida digna para o Rei dos reis e seu conselheiro. Com todos reunidos em um grande círculo em volta de uma gigantesca fogueira que tentava chamejar até os céus, ele proclamou aos quatro ventos.

– Grande Rei Arwin... Filho da profecia... Herdeiro de Baldek! – a voz retumbou cerimonialmente. – O seu destino está completo. Aqui, em meio aos ferais, nas encantadas florestas dos meus ancestrais, seu futuro será selado.

Arwin caminhou até o feral imponente e o olhou nos olhos. Levantou o braço direito bem alto e mostrou o objeto lendário a seus anfitriões. O círculo explodiu em aplausos, gritos, rugidos e

risadas. O rapaz nunca havia visto um povo tão peculiar.

O rei saudou a festividade à sua volta com um largo sorriso no rosto e, depois, virou-se novamente para Palamar, que se abaixou para encará-lo nos olhos.

– Grande Arwin, Filho de Sinn... – ele mediu o rapaz com olhos ligeiros. – A herança de Baldek lhe trará boa fortuna.

O feral colocou-se em toda sua estatura e encarou todos os presentes. Ele rugiu bem alto e um silêncio duro tomou todo o lugar.

– Que todos saibam – ele gesticulava vigorosamente, sua voz era um rugido imponente. – Que o Rei dos reis foi coroado!

Palamar encarou Arwin mais uma vez e colocou o largo indicador em seu peito, a garra pontuda que repousava suavemente sobre o camisão fez os pelos de seu corpo eriçarem e ele tremeu de leve.

– Você será o portador de uma dádiva nunca antes oferecida! A obra divina que carrega em seus braços lhe concederá poderes além da imaginação – seus olhos eram fanáticos. – Você terá a força de dez homens... Sua habilidade com qualquer arma será incomparável... incontestável!

As chamas da enorme pira refletiam no âmbar de seus grandes olhos enquanto ele se aproximava cada vez mais de Arwin, que agora podia sentir seu hálito quente roçando suas bochechas.

– Você receberá a sabedoria e o conhecimento que o grande Baldek um dia carregou – continuou o enorme anfitrião. – A argumentação e a persuasão serão parte do seu ser. Você encontrará a razão em qualquer disputa e fará com que seus aliados, adversários e até mesmo os inimigos vejam uma saída razoável para qualquer contenda.

Palamar se endireitou e olhou em volta, andou até a fogueira e pegou um enorme tronco incandescente. O líder feral desenhava formas fabulosas no ar. Ele se balançava freneticamente para todos os lados e Arwin não conseguia deixar de observar aquela cena

boquiaberto.

– Você será o rei que sempre sonhou, Filho de Sinn...

O poderoso chefe feral rugiu estrondosamente e todos os seus vassallos o acompanharam. Arwin se virou para encarar Alma, que carregava um olhar preocupado no rosto. O rei notou que até mesmo Nervall havia se unido ao rugido e, sem entender o motivo, instintivamente uniu-se ao coro bestial.

Um segundo depois, o coro morreu no ar e os ferais observaram com olhos curiosos o uivo desafinado que o Rei dos reis ainda desinibia pela garganta quase que em frangalhos.

O rei parou e olhou à sua volta lentamente.

– Você não vai começar a cuspir bolas de pelo, não é? – gritou Alma.

Todos os rostos se viraram para o rapaz e a tensão espremeu o ar. Alma respirou fundo e engoliu a seco quando o círculo explodiu em gargalhadas.

– Rei Arwin! – rosnou Palamar quando as risadas cessaram. – Rei dos reis! Vá e cumpra seu destino!

– Sobre minha coroa e espada. E com a benção de Baldek – respondeu Arwin de forma muito importante enquanto se voltava para todos ali. – Eu juro que a amizade dos ferais nunca será esquecida!

Ele fez uma pausa e olhou diretamente para Palamar.

– Palamar, Grande Líder dos Ferais. Nerv... Onbero foi o principal responsável por tudo isso – ele disse imponente apontando para seu antigo guia. – Liberte-o! Deixe-o viver livre entre vocês!

O líder feral considerou aquelas palavras por um longo tempo, com se a demanda tocasse fundo em sua mente.

– Feito! – rugiu o chefe. – Mas ele ficará acorrentado o tempo todo.

Arwin se virou para Nervall, que, mesmo tendo a vida poupada, não parecia feliz. O rapaz carregava certa urgência em seus olhos, como se tentasse se comunicar silenciosamente. O jovem rei viu Alma cutucando o guia na altura do cotovelo – que era onde ele alcançava agora.

– Ei, companheiro... Melhor acorrentado do que morto... – o jovem soldado disse aquilo com um sorriso sem graça na cara.

Não era o destino mais brilhante, mas Arwin sabia que aquilo era muito melhor que a morte. Ele suspeitava que a misericórdia não era o ponto mais forte daquela tribo e já creditava aquilo ao poder da manopla que vestia com orgulho.

– Vão, jovens guerreiros! – disse Palamar. – Cumpram o destino.

Arwin fez uma reverência ao líder feral, que retribuiu de forma pomposa e exagerada.

Era chegada a hora de voltar para casa!

Capítulo XXII

Festim real

As cores de primavera já preenchiam a paisagem até onde os olhos alcançavam.

Arwin não precisava mais esconder quem era. Tampouco precisava espalhar aos quatro ventos sua posição. A altivez real que ele carregava era o suficiente para afastar quaisquer delinquentes ou baderneiros que cruzassem seu caminho. Um ou outro marginal um pouco mais audaz planejava tentar a sorte, mas o objeto brilhante roubava-lhes toda a coragem e Arwin orgulhava-se profundamente de seus novos poderes.

Alma estava feliz de finalmente poder usar as estradas principais e

dormir nas cidades. Suas costas não estavam mais tão acostumadas aos tempos de soldado de infantaria e suas pernas agradeciam a oportunidade de descansar em algum lugar um pouco mais confortável, mesmo que fossem camas feitas de palha e infestadas de percevejos.

Os dias eram tranquilos e sem muito agito. Fazia pouco mais de duas luas que haviam deixado Vrendil para trás e já estavam muito perto de casa. O rei já podia sentir os braços de sua amada Rhaella. O calor do seu corpo. O cheiro doce de seus cabelos. Ele via o mar esmeralda profundo que ela carregava nos olhos a todo o momento. Chegara o tempo de finalmente conhecer seu filho. Ele tentava criar a imagem em sua mente. Um rostinho parecido com o seu, mas que carregasse os traços finos da rainha; seu queixo forte e o brilho viçoso que sua amada trazia no olhar.

Enquanto passavam por Shirim, Arwin decidiu que finalmente era a hora de conseguir um cavalo. Sua entrada triunfal precisaria ter todos os regalos do rei que ele se tornaria.

– Será que eles não têm um cavalo mais velho que esse? – perguntou Alma sarcasticamente enquanto analisava os cascos de um ginete muito magro e empoeirado.

– Não vamos conseguir nada melhor do que isso com a meia dúzia de moedas que Palamar nos devolveu – respondeu o Arwin despreocupado.

– Por essas quarenta moedas mais essa sua espada, vocês podem levar o meu cavalo de carroça – disse dono da estrebaria que negociava com os viajantes apontando para a arma de Arwin. – Não é muito, mas, pelo menos, vai acalmar a língua do seu companheiro.

O rei deu uma risada e ponderou por alguns segundos. Ele não precisava mais daquela espada velha. Ele carregava algo muito mais poderoso.

– Ao menos esses pangarés velhos vão ter um contraste estrondoso com sua luvinha – disse Alma apontando para a vistosa manopla que reluzia fulguorosamente sob a luz matinal.

Agora, com os cavalos, a viagem de três dias levaria um dia e meio ou talvez menos. E eles se lançaram à estrada. Com o passo apertado, que fez com que os pangarés arfassem praticamente todo o caminho, logo avistaram as torres do castelo e só então Arwin percebia o quanto sentia falta daquele lugar. Ele, que sempre se sentiu tão deslocado dentro daquelas paredes, tão ressentido de sua posição, agora conhecia o ardor que queimava em seu peito pelo seu reino, a sofreguidão que o acompanhou a vida toda agora deixava seus ombros e ele só via o futuro brilhante à sua frente. O futuro que brilhava com a mesma intensidade de sua manopla.

– Onde será que estão todos? – perguntou o rei desconfiado enquanto os cacos dos cavalos cansados ecoavam nos ladrilhos de Miramir.

– Talvez Finn tenha perdido a cidade – respondeu o amigo rindo. – Ou a tenha dado de presente.

– Não seja idiota.

– Cadê seu senso de humor, oh, Rei dos reis?! – debochou Alma fazendo uma reverência exagerada que o derrubou do cavalo.

Arwin riu bem alto vendo o amigo se levantar, ele tinha caído bem naquela que provavelmente seria a única poça de lama em toda a capital.

– Incrível o que essa manopla pode fazer por mim – ele ria descontroladamente.

– Ah, cala a boca! – disse Alma chutando a lama em direção ao cavalo do companheiro. – Droga!

– Pense pelo lado bom, se Finn perdeu a cidade, você não precisa se preocupar com ninguém te vendo parecendo um porco... – o rei cobriu o nariz de forma zombeteira. – Ou cheirando como um!

Os dois riram juntos.

– Um dos batedores deve ter nos avistado e foi correndo informar a nossa chegada – concluiu Alma quando conseguiu recuperar a compostura. – Provavelmente seu irmãozinho preparou uma festa

de boas-vindas, você sabe como ele é sentimental.

– É... – respondeu Arwin solene, percebendo pela primeira vez a falta que seu irmão lhe fazia.

– Melhor se apressar, mais um pouco e ele vai ser rei para sempre – disse o soldado sorridente.

– Você não vem?

– Não, eu não vou pisar no tapete do salão do Rei dos reis e cobri-lo de lama.

– Eu tenho certeza que o rei não vai se importar – Arwin respondeu sorrindo.

– Esse momento é seu! Saboreie-o com todo o deleite que o mundo pode oferecer.

Nisso, o rapaz virou as costas e andou na direção do campo de treinamento. Arwin olhou o amigo se afastar e respirou fundo, era a hora de mudar o destino. Virou-se para o castelo e partiu a galope.

O curto caminho que levava até a cidadela parecia levar uma eternidade. Seu coração martelava contra suas costelas, ele já não sabia se resistiria ao anseio de finalmente ter Rhaella em seus braços.

As imensas portas do salão estavam escancaradas e o rei se sentia mais confuso do que nunca. Aquela entrada nunca ficava desprotegida. Ele soltou as rédeas do cavalo sem se preocupar em amarrá-lo e andou passos cautelosos em direção à sua corte. Quando alcançou a ombreira do enorme portal, ele respirou fundo novamente e se lançou ao seu destino.



Uma festa estrondosa encheu os ouvidos de Arwin quando ele cruzou os portais de seu salão real. A decoração da celebração era vistosa. Dos dois lados, longas mesas forradas de toalhas douradas se enchiam de bandejas cobertas, bebidas e todos os tipos de frutas

e quitutes. O salão estava bem iluminado e bandeirolas revoavam por todos os cantos. O lugar estava apinhado de gente, muitos nobres e vários soldados. O cheiro de comida e bebida enchia seus pulmões, fazia quase um ano que ele não apreciava um bom banquete ao lado de todos a quem tanto amava. Era bom estar em casa.

Arwin sorriu profundamente com a surpresa que seu irmão havia preparado.

– Uma surpresa e tanto, Finn! – ele sussurrou para si mesmo.

O regente estava sentado no trono real e o encarava com satisfação enquanto o irmão mais novo andava passos largos em sua direção. Todos acompanhavam admirados o rei atravessar o salão enfeitado em sua honra. O regente tinha um sorriso tão grande quanto o de Arwin. Ele não se levantou, mas saudou seu irmão mais novo.

– Seja bem-vindo, meu irmão! – exclamou Finn de braços abertos, ainda sem se levantar. – Bem-vindo ao lar, Rei dos reis!

Enfileirados em cada lado do trono estavam os membros do Conselho. Quimir e Sorim observavam o rei se aproximar com expressões vazias, enquanto Loran analisava os entornos da festança sem dar muita atenção aos movimento do novo visitante que chegara.

Arwin olhou à sua volta confuso.

– Onde está Fergus?

– Oh, não se preocupe com isso – respondeu Finn. Um tom cada vez mais contente crescia em sua voz. – Ele teve um contratempo e precisou mandar um representante.

Finn apontou para algum lugar às costas de seu irmão.

– Vossa Graça! – exclamou com pompas uma voz muito familiar.

O rei tentou se virar, mas sentiu o frio da lâmina em sua garganta. Com o canto dos olhos, enxergou o rosto malicioso de Aidan. Uma cicatriz horrível no lado direito de seu rosto.

– Eu precisei fazer algumas mudanças no Conselho, Arwin – explicou Finn. – Acho que você já conhece o nosso novo comandante da Guarda Real.

Arwin abaixou a cabeça e riu.

– Ora, eu devia ter desconfiado – sua voz estava leve e ele ainda sorria no canto dos lábios. – Eu já devia saber.

Ele ergueu a mão direita bem alto e revelou a manopla, que banhou o lugar com todo o seu esplendor luminoso. Os convidados ao redor suspiraram.

– Eu odeio estragar seus planos...

O rei fez um movimento rápido e empurrou para longe o braço que apertava a adaga contra sua garganta. Com um rodopio veloz, ele girou o corpo e lançou o punho serrado da manopla em direção ao seu adversário.

Aidan levantou o escudo que carregava na altura do peito e recebeu o golpe vigoroso do rei. O impacto da manopla com o escudo de aço ressoou um estampido violento por todo o lugar e Arwin observou incrédulo enquanto seu poderoso artefato se esmerilhava em mil pedaços, deixando cortes profundos em sua mão.

O silêncio massacrante que se seguiu enchia os ouvidos do rei. Caído de joelhos, ele tentava entender o que teria acontecido. *Como poderia aquilo ser verdade?* Finn se levantou rindo e batendo palmas sarcasticamente enquanto observava seu irmão derrotado.

– Muito bem, meu irmão! – ele disse em meio às gargalhadas. – Muito bem, oh, Rei dos reis!

O regente apontou para os guardas.

– Levem-no daqui!

– Finn, por favor! – implorou Arwin. – Onde está Rhaella?!

Os guardas se aproximaram e o arrastaram para longe.

– Rhaella!! – ele gritava desesperadamente. – Finn, o que você fez com meu filho?!

Arwin foi jogado em uma cela pútrida e úmida. Ele foi acorrentado à parede com longos grilhões que se prendiam em seus punhos. Levou muito tempo até que a garganta seca o fizesse desistir de gritar por sua amada – ninguém escutaria seus lamentos naquele lugar.

Quando seus gemidos pararam de ecoar pelo calabouço, ouviu uma respiração fraca vinda de outro canto escuro da cela. Ele se inclinou para ver Vallro acorrentado pelas pernas e pelos braços. Os dois pés haviam sido arrancados, mas não haviam sido cortados em um corte preciso de uma lâmina afiada, as fibras dos músculos penduradas no coto ensanguentado deixavam bem claro o tipo de atrocidade que o homem tinha vivido. O rosto do investigador carregava fístulas profundas e vários hematomas que se espalhavam por todos os lados. O cabelo havia sido arrancado aos nacos e os lugares onde faltavam ainda sangravam. Ele arregalou o único olho que não estava completamente fechado pelos ferimentos enquanto reconhecia seu rei.

O homem tentou falar, mas o sangue que lhe escorreu pelos lábios revelou a língua arrancada.

– Fergus... Fergus... – sussurrou com esforço. O sangue em sua boca o fazia sufocar a cada palavra.

– Ele está repetindo isso desde que o largamos aqui.

Arwin reconheceu a voz de Finn.

– Por quê? – perguntou Arwin baixinho, mais para ele mesmo do que para o irmão.

– Veja bem... – a resposta casual soprou por entre as hastes de ferro da prisão. – Alguns homens não nasceram para reinar. Eu não sou um desses homens. A coroa fica bem em mim.

O prisioneiro fez um movimento poderoso e se atirou em direção às barras da cela apenas para ser impedido pelas correntes em seus

punhos.

– Para ser bem sincero, Arwin, eu me sinto um pouco mal com tudo isso – continuou o regente, agora com uma nota suave de desprezo em sua voz. – Acreditar naquela historinha idiota que qualquer criança retardada conseguiria inventar é ofensivo até para um troglodita imbecil como você.

O cativo se debateu nas correntes mais um pouco e se entregou à desesperança.

– Eu só queria ser um bom rei... – confessou com a voz embargada.
– Eu achei que estava fazendo o que era certo...

– Um bom rei, Arwin?! – a indagação foi seguida de uma risada sarcástica muito aguda. – Há! Um bom rei! Francamente. Aquele homem que contou a “profecia do rei do Norte” era um servo do próprio castelo. Aquele velho esclerosado serviu ao meu pai por quarenta invernos e passou outros dez servindo à sua mesa. Todos os dias, Arwin. Todos os dias!

A respiração do regente foi ficando cada vez mais pesada e rápida.

– Todos os dias, por dez invernos, aquele homem serviu a sua comida, mais de uma vez por dia, e você nunca notou a presença dele. Você fala que quer ser um bom rei, que ama seu povo, que quer que seu povo seja próspero e feliz e toda essa baboseira infantil, mas nunca olhou nem por um instante para um velho que passou na sua frente mais de dez mil vezes!

Finn andava de um lado para o outro e gesticulava histericamente.

– Você é um rei como qualquer outro, Arwin! Você só se importa com você mesmo! – as orelhas vermelhas pareciam que iam explodir a qualquer momento. – Você é tão arrogante e prepotente como todos os outros, mas eles pelos menos sabiam quem eram. Você é só um hipócrita covarde, e a sua hipocrisia custou tudo o que você dizia amar sem nunca provar que amava!

O regente respirava fundo, seus olhos cravados no prisioneiro desolado.

– Pelo menos me diga o que você fez com Rhaella... – Arwin pediu em um sussurro quase inaudível. – Pelo menos me diga o que você fez com meu filho.

– Rhaella... Rhaella... O que eu fiz com seu filho?! Que tipo de monstro você acha que eu sou? – respondeu Finn baixinho coçando o queixo. – Eu vou te levar até ela. Guardas!

O regente se virou e deixou a prisão. Dois carcereiros vieram até a cela de Arwin e o libertaram das correntes. O prisioneiro já tinha perdido todas as energias e os soldados tiveram que arrastá-lo por todo o caminho. Ele não tinha mais forças, sua vida se equilibrava na tênue esperança de ver sua rainha novamente. De conhecer seu filho!

Os guardas o carregaram até o pátio. Arwin podia sentir todos os olhos que o acompanhavam. As muralhas apinhadas de soldados, os nobres que o observavam. A chuva açoitava seu corpo com violência, o vento fazia com que os pingos batessem forte na lateral de seu rosto. O prisioneiro foi arrastado pela lama e acorrentado pelos punhos em um poste de madeira. Ele não era capaz de levantar os grilhões pesados que se prendiam aos seus punhos, seus braços não respondiam e suas mãos caíram inertes ao seu lado.

Ali, caído de joelhos, ele se perguntava como o destino poderia ter lhe pregado aquela peça. As lágrimas quentes se misturavam com a chuva gelada e o turbilhão de pensamentos espremia todas as camadas de seu cérebro.

O que eu fiz de errado?

Alma?

Fergus?

Vallro?

Rhaella...?

Arwin sentiu uma luz forte tocar suas pálpebras. Ele estava cansado, era quase impossível manter os olhos abertos, eles estavam muito pesados. Com um esforço descomunal, ele levantou a cabeça e abriu

os olhos lentamente. Sua vista demorou para se acostumar ao clarão que se formava à sua frente. O borrão foi tomando forma e ele viu enormes piras incandescentes enfileiradas por toda a muralha do castelo. Elas iluminavam todo o pátio.

E foi ali que ele descobriu os corpos alinhados. Todos pregados em cruzes muitos altas. Ele reconheceu a armadura de Fergus e o vestido favorito de Rhaella. Seus rostos deformados e os corpos dilacerados.

Ali, ajoelhado na lama, com a tempestade açoitando seu corpo exaurido, um grito agonizante se formou em sua garganta e rasgou a noite, gelando até as vísceras de todos aqueles que vieram testemunhar a queda do Rei dos reis.

Livros dessa série

Peças do Destino

Sob o Véu

Este é o segundo volume da série Peças do Destino, precedido pela Jornada do Rei. Toda a Galabor se curva às sombras que existem Sob o Véu.

As vozes do vento ainda contam a história da queda do Rei dos reis. Um novo capitão da Guarda Real assume um manto manchado. Um novo rei sobe a um trono partido. As fraturas da traição se espalham pelo reino e as sombras da guerra pairam por toda a Galabor.

As Peças do Destino estão se movendo.
Quantas máscaras existem Sob o Véu?

Livros deste autor

Acontece

Gregório é um diagramador na casa dos vinte e poucos anos que

luta para superar a um relacionamento fracassado e os problemas emocionais que ganhou de brinde. A insegurança e a ansiedade são parte comum do seu cotidiano, o que faz com que lidar com pessoas se torne cada dia mais difícil. Os dias passam devagar (escorrem pelo ralo), com pouca ou nenhuma novidade, até que, em um momento de pura insanidade, ele instala um aplicativo de relacionamentos e acaba conhecendo Lisa. Essa nova amizade vai despertar em Greg uma vontade de conhecer e se conectar com as pessoas. Mas as coisas ficam estranhas quando ele descobre que Lisa também tem seus problemas, que serão um desafio à parte na vida de Gregório.

ALERTA DE POSSÍVEIS GATILHOS: Distúrbios psicológicos.
Violência. Abuso de Substâncias.